



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA
E CULTURA**

Rua Barão de Jeremoabo, nº147 - CEP: 40170-290 –
Campus Universitário Ondina, Salvador - BA.

Tel.: (71)3283 – 6256. Site: <http://www.ppglinc.lettras.ufba.br>. E-mail: pgletba@ufba.br

ADRIANA MARIA DE JESUS SOUSA

**ASPECTOS LÉXICOS SEMÂNTICOS DO CICLO DA VIDA NA BAHIA E NO
AMAZONAS: A VISÃO DO PROJETO ALIB**

SALVADOR
2018

ADRIANA MARIA DE JESUS SOUSA

**ASPECTOS LÉXICOS SEMÂNTICOS DO CICLO DA VIDA NA BAHIA E NO
AMAZONAS: A VISÃO DO PROJETO ALIB**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística
Histórica

Orientadora: Professora Doutora Marcela
Moura Torres Paim

SALVADOR
2018

ADRIANA MARIA DE JESUS SOUSA

**ASPECTOS LÉXICOS SEMÂNTICOS DO CICLO DA VIDA NA BAHIA E NO
AMAZONAS: A VISÃO DO PROJETO ALIB**

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre em Língua e Cultura, pelo
Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do
Instituto de Letras, da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em _____ de 2018.

MARCELA MOURA TORRES PAIM

Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

LAURA CAMILA BRAZ DE ALMEIDA

Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal de Sergipe

AURELINA ARIADNE ALMEIDA

Doutora em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia
Universidade Federal da Bahia

Ao Amado da minha alma, minha Rocha inabalável.

À minha amada família, que sempre me apoia e acredita em meu potencial. Vocês são sempre um pilar de sustentação para mim.

AGRADECIMENTOS

Rendei graças ao SENHOR, porque ele é bom, porque a sua misericórdia dura para sempre. (salmos 136:1)

Chegar ao final do Mestrado, após a produção de pesquisa e da dissertação representa, para mim, acima de tudo, uma realização pessoal. Mesmo realizado depois de 15 anos de conclusão da Graduação, o adiamento do sonho não ofuscou sobremaneira o seu brilho, visto que se deu por razões de subsistência financeira, as quais me obrigaram a adentrar no mercado de trabalho. Do processo seletivo, passando pela aprovação até a conclusão do Mestrado, foi um longo caminho percorrido. Nada foi fácil, nem tampouco tranquilo.

Quero agradecer a todos aqueles que sempre confiaram em mim, desde sempre.

A Deus, todas as ações de graças.

A todos os que me incentivaram e apoiaram durante esta caminhada. Não citarei todos os nomes, mas há aquelas pessoas especiais que diretamente me incentivaram.

Aos meus pais, por me terem dado educação, valores e por me terem ensinado a andar, modelos em que procuro me espelhar sempre: Hilda Santos de Jesus (*in memoriam*) e Crispiniano de Jesus, amor incondicional eterno, e pelo investimento contínuo em meus estudos e por terem me ensinado a lutar e a persistir.

Ao meu esposo, Francisco Sérgio, pelo estímulo, mesmo quando o cansaço parecia me abater e, principalmente, pela confiança e o carinho de sempre.

Aos meus filhos, Heide Vitória e Victor Alexandre. Com vocês, queridos, divido a alegria dessa experiência.

À saudosa Prof.^a Dr.^a Suzana Alice Marcelino Cardoso, minha orientadora e exemplo profissional, que, com sua experiência acadêmica, conhecimento iluminador e entusiasmo contagiante, foi um alicerce para que este trabalho se realizasse. Quando 'crescer', eu quero ser como a senhora.

Infelizmente, a sua partida inesperada me impediu de tê-la comigo neste momento.

À queridíssima professora doutora Marcela Moura Torres Paim, a princípio co-orientadora e que mais tarde viria a assumir o posto de orientadora, pelo apoio e sabedoria que foram um pilar essencial para que este trabalho fosse possível.

Aos irmãos que Deus me deu e com os quais aprendi e aprendo todos os dias, mesmo que à distância: Roberto, Rosilda, Rosângela, Rosane, Cristiane e Juliana. Amor incondicional, sempre. A distância não nos separa. Seus corações estão comigo e o meu com vocês.

Às amigas de oração, Raquel Araújo, Sandra Palmeiro, Itla Barros, Tayse Pinheiro, Arly Silva, Márcia Barros, Carla Bianca, Samara Santos e Jane Carneiro, pelas constantes intercessões.

Aos colegas do Mestrado e do Doutorado, que ingressaram em 2016.1, juntamente comigo, em especial à Maisa Costa pelas conversas, *feedbacks* e conselhos no WhatsApp. Às bolsistas do Projeto ALiB, em especial à Ana Rita, por ser sempre tão solícita e competente.

Aos professores e funcionários do Curso de Pós-Graduação em Língua e Cultura - UFBA, em especial à Prof.^a Dr.^a Antônia Vieira, minha supervisora no tirocínio docente. À Prof.^a Dr.^a Alícia Duhá Lose, pelas aulas de Metodologia da Pesquisa. Aos professores Américo Venâncio, Jacyra Mota, Ariadne Almeida e Célia Telles, que estarão para sempre em minha memória.

Aos professores que aceitaram compor minha banca de qualificação e de defesa, pelas sugestões e análises significativas às quais tentarei atender na versão definitiva do texto.

À UFBA, por ter proporcionado a minha formação acadêmica no curso de Letras.

"O que nos vem pela frente requer constância no trabalho, firmeza no caminhar com a pesquisa e espírito de integração... Todo caminho tem um começo, um transitar e um fim a ser alcançado."

Suzana Cardoso

RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados da análise das denominações registradas, nos Estados da Bahia e do Amazonas, com o objetivo de identificar o léxico referente à área semântica *ciclos da vida* por meio da análise às respostas apuradas pelos pesquisadores do Projeto ALiB para as perguntas 124 a 131 do QSL, nos inquéritos linguísticos realizados com o propósito de identificar os dados lexicais que integraram o *corpus* de pesquisa do pontos de vista diatópico, tal como se apresenta nas cidades que constituem a rede de pontos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) nesses dois Estados. Este estudo está embasado nos princípios teóricos da Dialetologia e tem como *corpus* um extrato dos dados do Projeto ALiB, relativo aos Estados da Bahia e do Amazonas, focalizando a perspectiva diatópica. Este trabalho segue a seguinte estrutura: introdução, pressupostos teóricos, metodologia adotada, análise dos dados, lexicografia dos dados, considerações finais e referências. Do total das lexias arroladas, constatamos a presença em sua maioria de substantivos. Do total das variantes levantadas, somente quatro apresentam etimologia definida. O estudo comparativo entre os dados dos dois Estados revelou as coincidências entre as duas áreas; indicou as divergências e, assim, caracterizou cada uma das áreas quanto às suas especificidades de uso e forneceu elementos que possam contribuir para os estudos lexicológicos e lexicográficos, apontando aos dicionários da língua portuguesa novos itens lexicais que venham a ampliar a sua informação.

Palavras-chave: Dialetologia. Atlas Linguístico do Brasil. Léxico.

ABSTRACT

This dissertation presents the results of the analysis of the denominations registered, in the states of Bahia and Amazonas, in the semantic area cycles of life, questions 124 to 131, with the general objective of collaborating for a better knowledge of Brazilian Portuguese, as presented in the cities that constitute the network of points of the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB) in these two states. This study is based on the theoretical principles of Dialectology and has as corpus an extract from the data of the ALiB Project, concerning the states of Bahia and Amazonas, focusing on the diatopic perspective. This work follows the following structure: introduction, theoretical assumptions, methodology adopted, data analysis, data lexicography and final considerations, and references. From the total of lexias enrolled, we found the presence of mostly nouns. From the total of the variants raised, only four have defined etymology. The comparative study between the data of the two states revealed the coincidences between the two areas, indicated the divergences and, thus, characterized each of the areas in terms of their specificities of use and provided elements that could contribute to the lexicological and lexicographic studies, pointing to the dictionaries of the Portuguese language new lexical items that will expand their information.

Keywords: Dialectology. Linguistic Atlas of Brasil. Lexicon.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
2.1	A DIALETOLOGIA NO BRASIL	23
2.2	LEXICOLOGIA E CULTURA	38
2.2.1	Fraseologismos	42
3	HISTÓRIA SOCIAL DA BAHIA E DO AMAZONAS	46
3.1	O ESTADO DA BAHIA	46
3.1.2	O Estado da Bahia e a organização do espaço	48
3.2	A HISTÓRIA DO AMAZONAS	51
4	METODOLOGIA	55
4.1	O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL	55
4.2	TIPOS DE QUESTIONÁRIO	56
4.3	O PERFIL DOS INFORMANTES	57
4.4	AS CARTAS LINGUÍSTICAS	58
4.5	O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	58
5	O QUE REVELAM OS DADOS	61
5.1	DAR À LUZ.....	62
5.2	GÊMEOS.....	66
5.3	ABORTO	69
5.4	ABORTAR	72

5.5	MÃE-DE-LEITE.....	76
5.6	IRMÃO DE LEITE	81
5.7	FILHO ADOTIVO	85
5.8	FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA	89
6	REGISTRO LEXICOGRÁFICO DOS ITENS MAIS PRODUTIVOS	94
6.1	QSL 124	94
6.2	QSL 125	95
6.3	QSL 126	95
6.4	QSL 127	96
6.5	QSL 128	97
6.6	QSL 129	97
6.7	QSL 130	98
6.8	QSL 131.....	99
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	104

LISTA DE GRÁFICOS

- Gráfico 1 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Chama-se a parteira quando a mulher está para _____*, na Bahia e no Amazonas. 63
- Gráfico 2 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Duas crianças que nasceram no mesmo parto*, na Bahia e no Amazonas 67
- Gráfico 3 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Duas crianças que nasceram no mesmo parto*, na Bahia 68
- Gráfico 4 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve _____*, na Bahia e no Amazonas. 70
- Gráfico 5 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve _____*, por localidade. 71
- Gráfico 6 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*, na Bahia e no Amazonas. 73
- Gráfico 7 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*, por localidade. 74
- Gráfico 8 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*, na Bahia e no Amazonas. 77
- Gráfico 9 –** Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*, na Bahia e no Amazonas. 78
- Gráfico 10 –** Distribuição quantitativa das designações para *O próprio filho da _____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*, na Bahia e no 82

Amazonas.

- | | | |
|---------------------|---|----|
| Gráfico 11 – | Distribuição diatópica das designações para <i>O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?</i> , por localidade. | 82 |
| Gráfico 12 – | Distribuição quantitativa das designações para <i>Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal</i> , na Bahia e no Amazonas | 86 |
| Gráfico 13 – | Distribuição diatópica das designações para <i>Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal</i> , na Bahia e no Amazonas | 87 |
| Gráfico 14 – | Distribuição quantitativa das designações mais produtivas para <i>Como se chama o filho que nasceu por último?</i> , na Bahia e no Amazonas | 90 |
| Gráfico 15 – | Distribuição diatópica das designações para <i>Como se chama o filho que nasceu por último?</i> , por Estado. | 91 |

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	A Região Nordeste do Brasil –Rede de ponto ALiB	48
Figura 2 –	Região Norte do Brasil - Rede de ponto ALiB	52
Figura 3 –	Denominações para dar à luz no Amazonas	65
Figura 4 –	Denominações para <i>dar à luz</i> na Bahia	66
Figura 5 –	Denominações para <i>gêmeos</i> na Bahia	68
Figura 6 –	Denominações para <i>aborto</i> na Bahia	72
Figura 7 –	Denominações para <i>abortar</i> no Amazonas	75
Figura 8 –	Denominações para <i>abortar</i> na Bahia	76
Figura 9 –	Denominações para <i>mãe-de-leite</i> no Amazonas	79
Figura 10 –	Denominações para <i>mãe-de-leite</i> na Bahia	80
Figura 11–	Denominações para <i>irmão de leite</i> no Amazonas	84
Figura 12 –	Denominações para <i>irmão de leite</i> na Bahia	84
Figura 13 –	Denominações para <i>filho adotivo</i> no Amazonas	88
Figura 14 –	Denominações para <i>filho adotivo</i> na Bahia	88
Figura 15 –	Denominações para <i>filho mais moço/caçula</i> no Amazonas	92
Figura 16 –	Denominações para <i>filho mais moço/caçula</i> na Bahia	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Extrato do QSL – área semântica ciclos da vida	60
Quadro 2 –	Demonstração da quantidade de unidades lexicais obtidas como respostas para as perguntas selecionadas	61
Quadro 3 –	<i>Dar à luz</i> no Amazonas e na Bahia	62
Quadro 4 –	<i>Gêmeos</i> no Amazonas e na Bahia	66
Quadro 5 –	<i>Aborto</i> no Amazonas e na Bahia	70
Quadro 6 –	<i>Abortar</i> no Amazonas e na Bahia	73
Quadro 7 –	Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?” na Bahia e no Amazonas.	74
Quadro 8 –	<i>Mãe -de- leite</i> no Amazonas e na Bahia	77
Quadro 9 –	– Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “ <i>Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?</i> ” na Bahia e no Amazonas	78
Quadro 10 –	<i>Irmão de leite</i> no Amazonas e na Bahia	81
Quadro 11 –	Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “ <i>O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?</i> ” na Bahia e no Amazonas.	83
Quadro 12 –	<i>Filho adotivo</i> no Amazonas e na Bahia	86
Quadro 13 –	Distribuição diatópica das designações para “Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal”, na Bahia e no Amazonas	87
Quadro 14 –	<i>Caçula</i> no Amazonas e na Bahia	89

Quadro 15 –	Distribuição diatópica das designações para “Como se chama o filho que nasceu por último?”, por Estado	91
Quadro 16 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 124	94
Quadro 17 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 125	95
Quadro 18 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 126	95
Quadro 19 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 127	96
Quadro 20 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 128	97
Quadro 21 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 129	97
Quadro 22 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 130	98
Quadro 23 –	Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 131	99

LISTA DE ABREVIATURAS

ALECE	Atlas Linguístico do Ceará
ALERS	Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiR	Atlas Linguistique Roman
ALISPA	Atlas Lingüístico Sonoro do Pará
ALPR	Atlas Lingüístico do Paraná
ALPR II	Atlas Lingüístico do Paraná II
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALS	Atlas Lingüístico de Sergipe
ALS II	Atlas Lingüístico de Sergipe II
APFB	Atlas Prévio do Falares Baianos
EALMG	Esboço Atlas Lingüístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
QFF	Questionário Fonético-Fonológico
QMS	Questionário Morfossintático
QP	Questões de Pragmática
QSL	Questionário Semântico-Lexical
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFPA	Universidade Federal do Paraná
UFMS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1 INTRODUÇÃO

É consensual o entendimento de que a língua de um povo se constitui como uma de suas referências identitárias, pois essa reflete a cultura dos falantes como um produto cultural, uma instituição social. A língua é dinâmica e sofre transformações a todo tempo, sob a influência de fatores sociais, culturais, regionais, históricos e econômicos. Ao encontro desse pensamento, Oliveira (2014, p.40) ratifica essa premissa, dizendo que:

A língua é um organismo dinâmico que se transforma continuamente, e o próprio funcionamento da língua se incumbe em fornecer explicações para estas transformações. Entretanto, essas mudanças não impedem que a língua seja ferramenta de comunicação e de interação social. Essas alterações são provocadas pela influência de fatores de natureza histórica, sociocultural, geográfica, entre outros. O estado natural de uma língua em um espaço geográfico é mutável, isto é, tem um caráter polimórfico e toda essa dinamicidade da língua é evidenciada, sobretudo, no Léxico.

Partindo dessa perspectiva e considerando as variantes linguísticas presentes no Brasil, estimuladas, em parte, pela diversidade social e geográfica brasileira, formada por povos e culturas que foram e ainda são acolhidos, deve-se afirmar também que há não uma unicidade na forma de utilizar e dar vida aos usos da língua falada no país.

A mistura de fatores inerentes ao cotidiano faz nascer variações como um constructo identitário de um modo de ser e viver de um povo. A língua acontece na fala de uma pessoa que tem uma idade, um perfil social e se localiza em um determinado lugar. Sendo assim, como produto social e cultural, a língua veicula crenças e ideologias, sobretudo, por meio do léxico. Em face disso, o repertório lexical vai se moldando às características sócio-históricas, políticas, geográficas do meio ambiente físico e cultural de uma dada localidade, gerando, então, certas especificidades lexicais que singularizam uma região (ISQUERDO, 2003).

Dessa forma, o léxico pode revelar aspectos da realidade física e cultural dos informantes. As mudanças ocorridas no nível lexical de uma língua colaboram para as transformações semânticas em determinados vocábulos, contribuindo, dessa forma, para o enriquecimento do léxico dessa língua.

Partindo dessa premissa, uma das perspectivas da análise do léxico é a sua inter-relação com fenômenos socioculturais, uma vez que esse é o nível da língua que melhor representa a cultura, as crenças, os valores e a história de

uma sociedade, de modo que as transformações que se sucedam no âmbito desses aspectos têm repercussão no léxico, justamente pelo seu caráter dinâmico (BENKE, 2012).

Destarte, imergir no saber social e cultural de uma comunidade de falante, pelo meio da análise do vocabulário, torna-se relevante, pois a tríade língua, cultura e sociedade ajuda a perceber o quanto a língua se molda conforme a sociedade vai se ajustando, conforme expõe Paim (2012, p. 201):

O campo lexical de uma língua vem se configurado como objeto de estudo de várias áreas da Linguística pelo fato de constituir uma das vias principais de que dispõem os sujeitos, enquanto falantes/ouvintes, para expressar o mundo/espço dito real. Nesse sentido, o nível lexical de uma língua possui papel importante no que se refere à variação e à mudança linguística, podendo-se, dessa forma, encontrar nesse âmbito uma considerável variedade regional e sociocultural da Língua Portuguesa. Afinal, o vocabulário utilizado por indivíduos de uma área geográfica específica denuncia o ambiente físico e social em que esses falantes estão inseridos.

Ademais, o léxico é via de transmissão de valores históricos. E, assim, é possível afirmar que o estudo lexical regional pode evidenciar características particulares do vocabulário que refletem aspectos da história da língua (CARDOSO, 2012). Destarte, o aporte teórico da Lexicologia é de grande valia para este trabalho, visto que tem sido uma área em constante crescimento, discutida em relevantes estudos, tais como: Abbade (2012), Cardoso (2010), Basílio (2007), Isquerdo (2003) e Oliveira e Isquerdo (2001). Confirma-se, desse modo, o seu destaque, no âmbito dos estudos linguísticos, e, não menos, no trabalho em questão.

O presente trabalho trata de uma investigação lexical de natureza dialetológica, inserida no contexto dos estudos geolinguísticos, no sentido de averiguar as escolhas lexicais dos baianos e amazonenses, bem como a história social das localidades em estudo. Guia-se pela ideia de que as línguas tendem a se alterar por diversas razões e as alterações são mais expressivas quando uma língua é transplantada de uma região para outra, propondo-se a identificar as seguintes questões:

- Embora a Bahia e o Amazonas possuam histórias sociais diferentes, as escolhas lexicais entre os falantes de ambas as localidades apresentam um alto nível de convergências?
- É possível falar em influências de indígenas na região amazônica, haja vista existir diversos grupos de tais etnias nessa localidade?

- Pode-se afirmar que as escolhas lexicais realizadas pelos informantes da Bahia são influenciadas pelas línguas africanas e indígenas, por quanto há um grande número de afrodescendentes habitando nas localidades baianas?

Nesse sentido, esta dissertação tem como objeto de estudo o léxico-semântico do Português Brasileiro (PB), tomando por base as questões de 123 a 131 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) (COMITÊ NACIONAL, 2001) e as respostas realizadas pelos falantes da Bahia e do Amazonas, a partir de uma abordagem quali-quantitativa.

Entende-se que esse método requeira o uso de recursos e de técnicas estatísticas, porém não abdica da interpretação dos fenômenos e da atribuição de significados aos dados, no tocante à área semântica Ciclos da Vida, identificando as diferentes lexias que os falantes utilizaram para se referir a *dar à luz, gêmeos, aborto, abortar, ama-de-leite, irmão-de-leite, filho adotivo, filho mais moço/caçula*.

O estudo procurou identificar as coincidências e divergências lexicais entre Bahia e Amazonas, reveladas por meio do repertório linguístico dos falantes, a partir dos dados do Projeto ALiB, motivado pela hipótese de que os indivíduos recorrem a situações ligadas à cultura e história da língua da sua localidade para se referir a itens do mundo biossocial. A análise foi feita através da comparação entre o repertório linguístico baiano e o amazonense, a fim de apresentar as especificidades e generalidades encontradas nas localidades pesquisadas.

O estudo em questão está vinculado ao Projeto ALiB, que tem como objetivo principal descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e léxico-semânticas) consideradas na perspectiva da Geolinguística, para oito questões do questionário semântico lexical, da área semântica dos ciclos da vida, conforme se apresentou.

Partiu-se, assim, dos inquéritos da rede de pontos do Projeto nos dois referidos Estados. São elas: Manaus, São Gabriel, Tefé, Benjamin Constant, Humaitá, no Amazonas; Salvador, Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra, Itaberaba, Santo Amaro,

Santana, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz de Cabrália e Caravelas, na Bahia. Perfaz-se um total de 92 informantes na Bahia e 24 no Amazonas.

A transcrição da resposta do informante 3, de Humaitá, à pergunta 124 do QSL, ilustra as ocorrências que se objetivaram e se estudam nesta dissertação:

INQ. – A gente chama a parteira quando a mulher está para...?

INF – Pra *ganhar neném*...

INQ- Tem outro nome além de pra *ganhar neném*?

INF- Só esse.

(Humaitá, homem, faixa I, nível fundamental)

Para cumprir o objetivo anteriormente delineado – averiguar as denominações referentes ao nascimento e os primeiros momentos da vida no Amazonas e na Bahia –, a pesquisa orienta-se ainda pelos seguintes objetivos específicos: a) identificar o léxico referente à área semântica selecionada nos estados escolhidos, Bahia e Amazonas, a fim de perceber como comunidades linguísticas distintas podem trazer traços de semelhanças e/ou diferenças; b) realizar a transcrição grafemática, após a etapa de transcrição, analisar os dados e realizar a tabulação; c) elaborar gráficos, quadros e cartas linguísticas com os resultados das análises realizadas; d) verificar as coincidências e divergências lexicais existentes entre os dois Estados; e) buscar as motivações sociais das localidades investigadas, pois a história da comunidade linguística reflete de forma direta com o *modus vivendi* e linguísticos do povo; f1

Além desta introdução, o trabalho está estruturado em quatro capítulos. O capítulo 2 discute a fundamentação teórica que embasou a pesquisa empreendida. O item 2.1 traça considerações teórico-metodológicas sobre a Dialectologia/Geolinguística e a descrição das diferentes fases dos estudos dialetais no Brasil. No item 2.2, são apresentadas considerações concernentes ao léxico, com ênfase nas questões socioculturais que permeiam o estudo desse nível da língua, bem como aos fraseologismos presentes nos dados da pesquisa realizada.

O capítulo 3, por sua vez, contém uma breve contextualização histórico-geográfica dos estados da Bahia e Amazonas, enquanto o capítulo 4 apresenta

as considerações metodológicas adotadas para a realização da pesquisa, além de contextualizar o Projeto ALiB, ao qual este trabalho está vinculado.

O capítulo 5, por sua vez, contém a análise dos dados que considerou a dimensão diatópica das unidades lexicais apuradas como resposta para cada pergunta selecionada. Em seguida, são apresentadas as considerações finais da pesquisa e as referências que a embasaram.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, apresentam-se postulações teóricas referentes à corrente norteadora deste trabalho. São abordadas considerações acerca dos fundamentos teóricos que orientam as pesquisas dialetológicas e geolinguísticas, como também as questões teóricas relacionadas às ciências que se ocupam do léxico.

2.1 A DIALETOLOGIA NO BRASIL

A língua enquanto instituição social reflete a diversidade dos grupos sociais que a utilizam. Por ser heterogênea, está sujeita a variações ao longo do tempo e nos espaços geográficos onde é falada, podendo sofrer mudanças ou conservar traços e características de períodos históricos precedentes, sejam por influências externas ou sociais. É acerca dessas variações que trata a Dialetologia.

De modo geral, entende-se a Dialetologia como uma disciplina que enfoca, na sua análise, a variação em espaços geográficos determinados. É acima de tudo, o estudo dos dialetos, subdivisões de uma língua em particular, situadas dentro de um espaço geográfico.

Assim, os estudos dialetológicos visam a identificar, situar e descrever os usos diferentes em que a língua varia de acordo com sua disposição espacial, histórica e sociocultural.

O estudo da variação linguística com a ênfase, sobretudo, diatópica e com perspectiva de natureza sociolinguística na seleção e constituição de dados, na formulação de análises e na apresentação de resultados, é, ainda, um instrumento auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, em particular da língua materna.

É importante destacar que os estudos atuais da Dialetologia permitem uma visão pluridimensional, que busca estabelecer relações entre as variáveis diatópicas e as variáveis sociais, sejam elas diageracionais, diassexuais, diastráticas ou diafásicas (na variação diageracional, observam-se as divergências existentes entre o falar dos mais jovens e o dos mais velhos. A observação das variáveis diassexuais está voltada para as diferenças dos usos linguísticos entre homens e mulheres. No que se refere à variação diastrática,

leva-se em consideração a condição social do falante. Já a variação diafásica leva em conta a situação em que a fala é produzida e a postura do falante em relação ao instante da elocução), a fim de compreender o processo de variação, levando a uma melhor compreensão da realidade.

A Dialectologia busca, ainda, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas (CARDOSO, 2002).

Vale salientar que a ciência da variação espacial objetiva delimitar os espaços, reconhecer áreas dialetais, contribuir para uma visão de dialeto que elimine preconceitos, localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos, identificar as características sociais dos informantes e a sua relação com o uso que fazem da língua.

Embora priorize a perspectiva diatópica, a Dialectologia importa-se com todos os dialetos, tanto os geográficos como os sociais, visto que os indivíduos possuem, além de uma localização regional, um espaço social. Interessa-se, nesse sentido, pelo mapeamento das diferentes situações de uso, com o comportamento dos falantes, diante das diversas possibilidades e a compreensão dessa diversidade que lhes é apresentada.

Essa diversidade, permitida pela própria dinamicidade da língua, é objeto de estudo da Dialectologia, que assume como dever principal a identificação, seja pela presença ou pela ausência, dos fatos linguísticos característicos de uma dada área, não se comprometendo a explorar as suas possíveis motivações ou consequências, fornecendo caminhos para outros estudos, uma vez que, como ciência da variação espacial, tem por foco os fatores diatópicos, ainda que não deixe de estar atenta às repercussões dos dados socioculturais nos usos linguísticos. Seguindo esse raciocínio, Cardoso (2002, p.1) afirma que:

A Dialectologia apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica.

Dessa forma, a Dialectologia é, então, a ciência que tem interesse em estudar, na perspectiva dos diferentes níveis de abordagem da língua, os usos

de falantes de determinado espaço geográfico, a fim de perceber convergências e divergências, reconhecendo assim diferentes áreas dialetais.

A Geolinguística, por sua vez, é a parte da Dialetologia que se ocupa em localizar e registrar as variações das línguas. É um método cartográfico desenvolvido por dialetólogos, que tem por objetivo registrar e comparar os resultados das pesquisas linguísticas em localidades diferentes. Nessa perspectiva, a base conceitual dessa pesquisa são os estudos fundamentados nos princípios metodológicos da Geolinguística, princípios esses coerentes e condizentes com a meta que se persegue.

A partir da orientação desse ramo da linguística, os atlas linguísticos – principais produtos da Geolinguística – são elaborados a fim de registrar as variedades encontradas em cada localidade pesquisada, por meio da cartografia dos dados linguísticos.

Assim, a Dialetologia, no Brasil, revela os traços dos falares brasileiros, mediante a investigação das variantes que se registram nos níveis fonético-fonológico, semântico-lexical, morfossintático e discursivo, sejam determinadas por fatores diastráticos ou diafásicos ou diatópicos. Embora a Geolinguística priorize a observação na perspectiva diatópica, aos estudos dialetais importa, também, o controle sistemático de variáveis como escolaridade, faixa etária e sexo do informante.

A primeira manifestação que se pode caracterizar, numa visão ampla, de natureza dialetal sobre o português do Brasil, deve-se a Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca, datada de 1826, e escrita a pedido do geógrafo vêneta Adrien Balbi, para integrar o seu *Atlas Ethnographique du Globe*. A partir de então, costuma-se considerar iniciada a história da pesquisa dialetal no Brasil, para a qual Nascentes (1952, 1953) estabelece duas fases: tomando como marcos o trabalho do Visconde de Pedra Branca (1826) e a publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920).

Ferreira e Cardoso (1994) reconhecem três diferentes etapas. A primeira fase vai de 1826 a 1920, data da publicação de *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral. Os trabalhos produzidos estão voltados para o estudo do léxico e para suas particularidades no português do Brasil.

Como se vê dos títulos que, a seguir, como ilustração, são citados, são dicionários, vocabulários e léxicos regionais. Exemplificam essa fase:

- o *Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada*, publicado pelo Visconde de Beaurepaire-Rohan na *Gazeta Literária*, de 1883 a 1884, que foi, posteriormente, em 1889, transformado no *Dicionário de vocábulos brasileiros* (1976);
- *O tupi na geografia nacional*, de 1901, obra de Theodoro Sampaio (1983) que se detém na contribuição das línguas Tupi ao português do Brasil;
- *Glossário paraense*, publicado em 1905, com o subtítulo Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à Ilha de Marajó, de Vicente Chermont de Miranda;
- *Dicionário de brasileirismos*, 1912, de Rodolfo Garcia.

A esse conjunto de obras de caráter lexicográfico, junta-se um primeiro estudo de natureza mais ampla e de cunho gramatical, *O idioma do hodierno Portugal comparado com o do Brazil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879), que trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal.

O segundo momento compreende o período que vai de 1920 a 1952. Tendo como marco inicial a publicação por Amadeu Amaral de *O dialeto caipira*, momento em que se dão os primeiros passos para o sistemático desenvolvimento da Geolinguística em território brasileiro.

Caracteriza-se pela produção de estudos voltados para a observação de uma área determinada, com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade observada *in loco*. Surgem os primeiros trabalhos de caráter monográfico, dos quais se distinguem os produzidos por Amaral(1982), Nascentes(1953) e Marroquim(1934), obras que imprimem uma nova ótica ao exame da realidade linguística brasileira.

A terceira fase tem como marco um ato do Governo brasileiro, a publicação do Decreto nº 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do atlas linguístico do Brasil (CARDOSO, 1999). Esse terceiro momento tem, assim, como marca identificadora, o começo dos estudos sistemáticos no campo da Geografia

Linguística. Os estudos de natureza teórica, a produção de léxicos regionais e de glossários, bem como a elaboração de monografias sobre regiões diversas.

A partir da década de 1950, concentram-se os esforços de Silva Neto (1957), Nascentes (1958, 1961) e Cunha (1970) para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil, que viria a dar seus primeiros frutos dez anos depois, a partir da década de 1960, com Nelson Rossi, pioneiro na aplicação da geografia linguística, pois se colocou entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais (SIQUEIRA et al, 2014).

Rossi produziu o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), primeiro atlas regional, publicado em 1963, o volume de cartas, e, em 1965, o volume de Introdução. Ao APFB dá continuidade o *Atlas Lingüístico de Sergipe* que explora um outro estado integrante do “falar baiano”, conforme delimitado por Nascentes, em 1953.

Destaca-se ,como marca dessa terceira fase, o surgimento de atlas linguísticos regionais. Dessa forma, foram produzidos no período que se estende de 1952 a 1996, marco do início da quarta fase, cinco atlas, cujas características são descritas a seguir.

(i) O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* - APFB (1963)

O primeiro atlas linguístico brasileiro é de autoria do professor Nelson Rossi, Dinah Callou e Carlota Ferreira, colaboradoras principais, e demais contribuidores. Foi desenvolvido entre os anos de 1960-1962 com financiamento integral da UFBA. Esse atlas mapeia o falar baiano da década de 1960, contemplando 16 zonas fisiográficas da Bahia, numa rede de 50 pontos linguísticos.

O Extrato de Questionário do APFB constou de 182 questões de caráter semântico-lexical que resultaram em 154 cartas linguísticas com transcrição fonética, outras poucas com sinais convencionais e mais 44 cartas-resumo, além de 11 cartas introdutórias. Vale notar também que as cartas linguísticas vêm com informações etnográficas (figuras), ora com notas do discurso dos autores, ora com o discurso dos informantes.

Os dados das cartas referem-se à fala de 100 informantes analfabetos ou semianalfabetos de ambos os sexos. Foram entrevistados 57 mulheres e 44 homens. A maioria dos informantes tinha entre 39-69 anos, quatro informantes com 25 anos e uma com 84 anos. Em duas localidades, foram entrevistados três indivíduos, identificados como A, B, C. Em um ponto de inquérito (nº5, Abrantes), foram inquiridos seis informantes e, nos pontos mais afastados, apenas, um indivíduo (6 pontos).

A transcrição dos dados foi realizada *in loco*, devido à carência de recursos de gravação da época. Também, como procedimento metodológico, foi utilizado o teste de reconhecimento de variantes, quando necessário.

(ii) *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais – EALMG (1977)*

Passados catorze anos da publicação do APFB, outros atlas linguísticos foram desenvolvidos. O segundo deles foi o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais*, de autoria de José Ribeiro, Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Passini e Antonio Gaio. Esse atlas foi projetado para ser publicado em quatro volumes. O volume I foi publicado, em 1977, e os outros estariam em fase de elaboração.

Esse atlas teve um questionário próprio com 415 questões, aplicadas por meio da pesquisa *in loco* em 116 pontos linguísticos. Com a finalidade de complementar os dados constatados pelos inquéritos diretos, em 302 localidades, foram feitos inquéritos por correspondência.

O primeiro e único volume do EALMG traz os resultados da pesquisa realizada diretamente e contém 73 cartas linguísticas das quais 45 são onomasiológicas de caráter lexical e léxico-fonético e 28 cartas são de isófonas e de isoléxicas.

Nesse atlas, não houve o controle sistemático das variáveis sociais, pois os informantes poderiam ser homens ou mulheres com a idade entre 30 e 50 anos, preferencialmente, analfabetos ou com o máximo de escolaridade até a quarta série do primeiro grau (hoje quinto ano do Ensino Fundamental). Entretanto, conforme se verifica na apresentação do atlas, quase todos os informantes são homens, num ou noutro ponto, foi entrevistada uma informante

do sexo feminino, mantendo-se, pois, os critérios da Dialetologia tradicional ou monodimensional.

Apesar de o perfil do informante, na prática, seguir o critério tradicional, vale notar que o EALMG atingiu grandes, médias e pequenas cidades, além dos lugares mais afastados do sertão mineiro. Os dados do EALMG revelam a existência de três falares no território mineiro: i) o falar paulista do Sul e Triângulo Mineiro; ii) o falar baiano do Norte e o falar mineiro que compreende a região formada pelas Zonas Metalúrgica, da Mata e das Vertentes (ZÁGARI, 2005).

(iii) *Atlas Linguístico da Paraíba – ALPB (1984)*

O terceiro atlas linguístico estadual publicado, de autoria de Maria do Socorro Silva de Aragão e Cleuza de Bezerra de Menezes, é parte de um projeto maior (“Levantamento Paradigmo-Sintagmático do Léxico Paraibano”) e foi planejado para ser divulgado em três volumes, dos quais somente os dois primeiros se encontram publicados.

As pesquisadoras entrevistaram de três a dez informantes, em 25 localidades. Foram entrevistados homens e mulheres, que se enquadravam na faixa de 30 a 75 anos, naturais da região e com pouca instrução escolar.

Esses informantes responderam a dois questionários, um geral, com 289 questões, e um específico, com 588. A inovação desse atlas é quanto ao método de coleta, pois a pesquisa foi realizada *in loco* e gravada com o auxílio de gravadores portáteis. O primeiro volume é composto de 149 cartas (lexicais e fonéticas) e o segundo apresenta a análise de fenômenos fonéticos e morfossintáticos, além de um glossário.

(iv) *Atlas Lingüístico do Sergipe - ALS (1987)*

Trata-se de uma continuidade do APFB, devido ao fato de o Estado de Sergipe, segundo Nascentes (1953), ser parte do falar baiano. Dessa maneira, os 15 pontos investigados começam no número 51, dando seguimento à numeração das localidades do atlas de Rossi et al (1963), que vai de 1 a 50.

Esse atlas também foi realizado por um grupo de pesquisadoras da UFBA: Carlota Ferreira, Jacyra Mota, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso e Vera Rolembeg, orientadas por Nelson Rossi. Apesar de, em 1973, o atlas já estar pronto para publicação, em razão da falta de auxílio financeiro, veio a se tornar público somente em 1987.

O ALS apresenta alguns avanços metodológicos em relação ao APFB, no que se refere ao questionário, que foi expandido para 700 questões, ao uso de gravadores na coleta de dados e ao controle sistemático da variável sexo. Em cada uma das localidades, foram entrevistados um homem e uma mulher de 35 a 52 anos, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade. A cartografia do ALS seguiu os itens coincidentes com o APFB, ficando, pois, um volume grande de informação a que, mais tarde, Cardoso, em 2002, daria um tratamento, publicando o segundo volume, o ALS II em 2005.

(v) *Atlas Linguístico do Paraná* - ALPR (1994)

Como resultado de sua tese de doutoramento em Letras pela UNESP Assis (1990), Vanderci de Andrade Aguilera publica, em 1994, o *Atlas Linguístico do Paraná*, apresentando-o em dois volumes.

O volume 1 traz informações metodológicas, tais como a descrição das localidades, a apresentação das cartas e um glossário das formas cartografadas. No segundo volume, está um conjunto de 92 cartas lexicais, 70 cartas fonéticas e 29 cartas, que oferecem o traçado de isoglossas.

A autora e suas colaboradoras percorreram 65 municípios paranaenses, aplicando um questionário de 325 questões a dois informantes em cada localidade, um homem e uma mulher, de 30 a 60 anos, naturais da região, analfabetos ou com o mínimo de escolaridade.

A pesquisa também foi realizada com o auxílio de gravadores de áudio, possibilitando a transcrição *a posteriori*. Outro aspecto metodológico positivo do ALPR é a preocupação em incluir no instrumento de coleta de dados questões coincidentes com os atlas linguísticos até então publicados, o que permite um estudo comparativo. Assim como o ALS, um grande número de questões não foi cartografado, tendo sido contempladas pelo ALPR II (ALTINO, 2007).

A respeito das fases para a Dialetoologia no Brasil, Mota e Cardoso (2006) consideram, ainda, uma quarta fase, que começa com a retomada do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, em 1996, e ao estudo da variação linguística, que transcende limites geográficos e está presente em todas as comunidades de fala. Essa nova fase coincide com a incorporação dos princípios implementados pela Sociolinguística, abandonando-se a visão monodimensional, que era predominante na Geolinguística, que, atualmente, chamamos de tradicional.

Com o avanço dos estudos geolinguísticos, mais trabalhos são incluídos, expandindo, assim, a dialetoologia no Brasil, não só quantitativamente, como também qualitativamente, segundo confirma Aragão (2006, p.35):

A Dialetoologia no Brasil, apesar das dificuldades pelas quais sempre passou, especialmente com a pouca quantidade de pessoal qualificado, da falta de interesse das instituições e da conseqüente falta de recursos, continua a se expandir, não só quantitativamente, mas qualitativamente, incluindo em seus estudos os aspectos diastráticos e diafásicos. O trilhar desse caminho só tem sido possível graças ao esforço de um grupo de abnegados pesquisadores que fizeram da dialetoologia e especialmente da geolinguística o objetivo maior de seus estudos.

Nesse contexto, mais atlas são publicados.

(vi) *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* – ALERS(2002)

É resultado de um projeto coordenado pelo Professor Walter Koch, envolve os três Estados do Sul do país, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, e foi realizado com equipes locais em cada Estado. Foi iniciado em 1980 e teve seus dois primeiros volumes publicados em 2002. O volume 1 compreende a Introdução e o volume 2 contém as Cartas Fonéticas e Morfossintáticas. No ano de 2011, foi publicada uma segunda edição dos dois primeiros volumes e um terceiro, contendo 375 cartas semântico-lexicais.

O atlas contemplou uma rede de 275 localidades rurais, sendo 100 no Paraná, 80 em Santa Catarina e 95 no Rio Grande do Sul. Além dessas, foram considerados 19 pontos em área urbana: seis no Paraná, seis em Santa Catarina e sete no Rio Grande do Sul.

Sobre os informantes, foram entrevistados dois por cada ponto das zonas rurais e seis por cada ponto das zonas urbanas. Foram ouvidos

indivíduos dos sexos masculino e feminino, cuja faixa etária está entre 28 e 58 anos. Todos eram analfabetos ou cursaram até a 4ª série do fundamental.

O questionário utilizado constitui-se de 735 questões de caráter geral, subdivididas em mil itens, das quais algumas coincidem com os outros atlas já publicados, complementadas por questionário específico em cada Estado. O questionário semântico-lexical contém oitocentas questões, cobrindo os campos semânticos: acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo, sistema de pesos e medidas, flora, atividades agro-pastoris, fauna, corpo humano, cultura e convívio, ciclos da vida, religião e crenças, festas e divertimentos, habitação, alimentação e cozinha, vestuário. O questionário morfossintático, com 75 perguntas, inclui gênero, pluralização, flexão verbal, concordância nominal e verbal, grau de adjetivo e formas de tratamento.

(vii) *Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará – ALISPA(2004)*

Esse Atlas é o resultado de um projeto do Professor Abdelhak Razky, da Universidade Federal do Pará, e é parte do Atlas Geo-Sociolingüístico do Pará, que se encontra em fase avançada de realização.

O ALISPA apresenta dados de 10 localidades pertencentes às seis Mesorregiões do Estado do Pará, referentes à fala de 40 informantes. Os entrevistados foram estratificados em duas faixas etárias (18 a 30 anos e 40 a 70 anos), dois sexos e todos possuem escolaridade até a 4ª série do primeiro grau.

Para a obtenção dos dados, utilizaram-se 157 questões. Trata-se do mesmo questionário do Projeto ALiB, com adaptações. A aplicação do questionário foi direta, *in loco*.

É o primeiro atlas sonoro do Brasil e contém o *software* PRAAT 4.0, de Paul Boesma e Paul Wenink, para possíveis análises acústicas. Contém 600 cartas linguísticas e o menu apresenta os seguintes itens: a) entrevistas; b) informantes; c) realização; d) análise acústica; e) palavras. Através desses itens, pode-se buscar as cartas por localidades, por informantes, por faixas etárias, por sexo, podendo-se ouvir as realizações fonéticas produzidas pelos informantes, para cada item do questionário, além da possibilidade de uma busca automática da variação fonética, em certos contextos, e sua relação com

os fatores sociolinguísticos. Pode-se, também, ouvir as entrevistas integrais dos 40 informantes.

O CD apresenta, ainda, alguns dos trabalhos já realizados como Dissertação de Mestrado, utilizando o *corpus* do ALiSPA.

(viii) *Atlas Lingüístico de Sergipe II – ALS-II(2005)*

Como já se disse, o *Atlas Lingüístico de Sergipe II* foi elaborado, inicialmente, como Tese de Doutorado da Professora Suzana Alice Cardoso, defendida no final de 2002, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e publicado em 2005.

O *corpus* se constitui de um recorte dos dados obtidos por ocasião do ALS, que contempla o campo semântico homem, segmento inédito e ainda não estudado, que integra a documentação reunida no Estado de Sergipe.

O atlas compõe-se de dois volumes. O Volume I contém uma introdução, a metodologia seguida, informações sobre localidades e informantes, o questionário utilizado, índice fonético das formas registradas e cartografadas, índice onomasiológico e comentários às cartas. O Volume II é o dedicado às cartas, em número de 108, das quais, três são de identificação. As cartas semântico-lexicais são compostas com legendas coloridas e marcas diferenciadoras da realização masculina e feminina. Na parte inferior direita, há histogramas com percentuais de ocorrência masculina e feminina. No verso, estão as variantes fonéticas dos itens lexicais, seguidas de notas e comentários.

(IX) *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul – ALMS (2007)*

O Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul é projeto coordenado por Dercir Pedro de Oliveira, tendo como pesquisadoras Aparecida Negri Isquerdo, Albana Xavier Nogueira, Maria Leda Pinto e Maria José Toledo Gomes. Possui uma rede de pontos com 33 localidades, 132 Informantes com duas faixas etárias: 18 a 30 anos, e 45 a 70. Quanto à escolaridade, todos eram analfabetos ou cursaram até a 4ª série do fundamental, homens ou mulheres.

A coleta de dados fora realizada com o uso de um Questionário com 557 questões, com aplicação direta *in loco*, incluindo campos semânticos: o universo biossocial do informante e narrativas de fatos marcantes da vida do informante.

(X) *Atlas Lingüístico do Ceará* –ALECE (2010)

O ALECE é resultado do trabalho de um grupo de professores do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Ceará, coordenados pelo professor José Rogério Fontenele Bessa. O Atlas possui uma rede de pontos com 69 municípios selecionados dentro das microrregiões homogêneas, com características físicas, sociais e econômicas semelhantes, 268 informantes, entre as duas faixas etárias 30 a 60 anos. Todos com escolaridade de até a 4ª série do fundamental, homens ou mulheres.

O seu questionário apresenta 306 questões, compreendendo 583 itens: Campos semânticos: natureza: tempo, o homem, parentesco, partes do corpo, funções do corpo, doenças; o homem: características físicas, tipos sociais, jogos, objetos de uso pessoal.

(XI) O Atlas Linguístico do Estado do Amapá – ALAP(2017)

O Atlas Linguístico do Estado do Amapá – ALAP – foi publicado em 2017, por Abdelhak Razky, Romário Duarte Sanches e Celeste Ribeiro. Esse atlas objetiva identificar e mapear a variação linguística em 10 localidades do Estado, procurando evidenciar as variedades linguísticas mais e menos recorrentes, assim como as variações fonéticas e semântico-lexicais características de cada região.

No que se refere à metodologia do atlas, houve a realização da pesquisa *in loco*, com a localização de informantes, que são quatro nos municípios, sendo duas mulheres e dois homens com idade entre 18 a 30 anos e 50 a 70 anos, com nível de escolaridade fundamental incompleto; na capital, acrescentam-se mais quatro com o mesmo perfil, mas com escolaridade

superior completa; a execução das entrevistas, considerando os dez pontos linguísticos que vão ser pesquisados.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram selecionados 10 pontos de inquérito, os quais se constituem de 10 municípios: Macapá, Santana, Laranjal do Jari, Pedra Branca do Amapari, Oiapoque, Calçoene, Amapá, Tartarugalzinho, Porto Grande e Mazagão.

Há, além desses, outros atlas estaduais, ainda não publicados, como é o caso do *Atlas Linguístico de Pernambuco* (SÁ, 2013). Ademais, citam-se, também, os denominados atlas de pequeno domínio, que contemplam uma região estipulada dentro de um Estado, de limites internacionais, de determinada etnia ou município. Como também uma série de trabalhos monográficos, especialmente dissertações de Mestrado e teses de Doutorado, que versam sobre a diversidade dialetal.

Vale considerar que a Geolinguística brasileira tem como marco divisório o ano de 1996, momento crucial em que Projeto ALiB deu início às suas atividades. É neste ano, em que se retoma a ideia de construção de um atlas nacional com o surgimento do Projeto ALiB, durante o *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolinguística no Brasil*, realizado em Salvador, na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Naquele momento, constituiu-se um comitê nacional para elaboração do atlas. Esse comitê, a princípio, era presidido pela Professora Doutora Suzana Cardoso da UFBA, e contava com a participação de autores de atlas já publicados: Jacyra Andrade Mota (UFBA) - Diretora Executiva, e os Diretores Científicos Abdelhak Razky (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Cléo Vilson Altenhofen (UFRGS), Maria do Socorro Silva de Aragão (UFC), Mário Roberto Lobuglio Zágari (UFJF), Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) e Walter Koch (UFRGS). O Projeto ALiB encontra-se estruturado em Regionais, cada um dos quais sob a responsabilidade de Diretores Científicos. Atualmente, a estrutura do Comitê já não é mais essa, tanto pelo falecimento dos Professores Suzana Cardoso, Zágari e Koch, quanto porque, hoje, há um suplente para cada diretor científico, por região. A diretoria está estruturada da seguinte forma: Jacyra Andrade Mota (Diretora Executiva - Universidade Federal da Bahia), Abdelhak Razky (Diretor Científico - Universidade Federal

do Pará), Maria do Socorro Silva de Aragão (Diretora Científica - Universidade Federal do Ceará/Universidade Federal da Paraíba), Vanderci de Andrade Aguilera (Diretora Científica - Universidade Estadual de Londrina), Aparecida Negri Isquero (Diretora Científica - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul), Felício Wessling Margotti (Diretor Científico - Universidade Federal de Santa Catarina).

O projeto não chegou à altura do decreto de 1952, por razões diversas, a ser realizado. Os motivos apontados para o não cumprimento da Lei se relacionam às dificuldades de deslocamento, pouca facilidade de financiamento para pesquisa, sobretudo na área de Letras e, ainda, a inexistência de um número suficiente de pesquisadores na área que pudessem assumir empreitada de tal porte.

Concretiza-se o Projeto ALiB como um projeto integrado nacionalmente, contando com a participação de quinze instituições que, mediante convênio firmado por iniciativa da UFBA, assumem o Projeto como tarefa da sua instituição e participam da condução da pesquisa no território nacional.

É possível afirmar que, ao longo da história e com os avanços dos estudos dialetológicos, ocorreram transformações no que tange à metodologia, principalmente no que se refere aos interesses da investigação, despontando a perspectiva pluridimensional, que focaliza não só a variação diatópica, como também a variação social, especificamente, a diassexual, diastrática e a diageracional.

Segundo Cardoso e Mota (2013), essa mudança de eixo metodológico se fez sentir, também, na Dialetologia brasileira que se apresenta com trabalhos produzidos tanto na perspectiva monodimensional, como pluridimensional. A exemplos, os dois atlas que se seguiram imediatamente ao APFB, o *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais* - EALMG (1977) e o *Atlas Lingüístico da Paraíba* - ALPB (1984), são atlas monodimensionais, uma vez que as cartas linguísticas oferecem informações exclusivamente diatópicas: indicam-se as ocorrências registradas em cada ponto da rede sem, porém, fornecer a identificação das características do informante. Na perspectiva pluridimensional temos o *Atlas Lingüístico de Sergipe* - ALS (1987) e o *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR (1994), que inauguram a pluridimensionalidade.

É possível verificar, na atualidade, diversos projetos de atlas pluridimensionais. Para Thun (2017), um dos mais audaciosos é o *Atlas Diatópico y Diastrático del Uruguay – ADDU* (THUN, 2000), exemplo de atlas que elaborou uma cartografia pluridimensional, permitindo o cruzamento das variáveis (diatópica, diageracional, diagenérica, diastrática e diafásica) e exibindo os resultados que mostram o comportamento de cada uma delas.

Nesse percurso da Dialetoлогия, é notável que a sua faceta tradicional rural sofreu adaptações para dar conta da análise linguística nos grandes centros urbanos, vindo essa dialetoлогия urbana a se confundir com a sociolinguística. No entanto, a dialetoлогия e a sociolinguística são disciplinas historicamente separadas.

Ainda que algumas vezes sejam confundidas, a Dialetoлогия pluridimensional e a dialetoлогия monodimensional são compreendidas como parte da ciência geral da variação linguística e das relações entre variantes e variedades, de um lado, e falantes, de outro.

Há diferenças marcantes entre dialetoлогия tradicional e dialetoлогия pluridimensional. Uma se refere à pesquisa por meio de atlas linguísticos, que mapeiam, prioritariamente, o uso linguístico puro representado geograficamente. Enquanto a outra objetiva combinar o aspecto geográfico, predominante na dialetoлогия tradicional, com o aspecto social da língua, neste caso cita-se a interface entre dialetoлогия e sociolinguística.

Assim, observa-se uma correlação entre certas variantes linguísticas e certos fatores sociais e situacionais, visto que as variantes são realizadas por falantes com certas características sociais e em específicas situações enquanto outras variantes são produzidas por outros. O objetivo da cartografia linguística, como uma ferramenta principal da dialetoлогия, não se perde, porém, quer se trate da perspectiva monodimensional ou da pluridimensional.

Compreende-se que a Geolinguística busca registrar a variação linguística nos diversos níveis da fala, dentre as quais a variação fonética e fonológica tem sido a mais estudada e, logo, a mais conhecida. Em comparação a essas, pode-se afirmar que os estudos voltados para o léxico figuram em número um pouco menor e ainda assim devido à baixa frequência com que variantes lexicais se alternam no discurso, alguns estudiosos têm

optado por localizar variáveis fora do discurso natural e continuado através da escrita, por meio de pesquisas e questionários.

A pesquisa realizada opta pelo estudo dos dialetos do português falado no Brasil, utilizando dados orais registrados em entrevista de campo, entendendo que os estudos da variação lexical envolvem fatores extralinguísticos, como traços sociológicos, situações, crenças e atitudes, embora fatores linguísticos e prosódicos possam, também, estar implicados no processo.

É importante considerar que os estudos dialetológicos/geolinguísticos fornecem, ainda, subsídios aos lexicógrafos, à medida que disponibilizam dados concretos acerca de marcas dialetais do léxico da língua em diferentes espaços geográficos. O item, a seguir, tece considerações acerca da Lexicologia e da Cultura.

2.2 LEXICOLOGIA E CULTURA

A língua de um povo faz parte da sua cultura, porquanto ela é a expressão desse povo. Embora seja a fala individual, o seu objetivo é a socialização, para que haja comunicação, sua principal função, uma vez que falar é expressar o individual de forma social para que a comunicação se estabeleça. Sendo assim, a língua enquanto sistema é indissociável da sua função comunicativa. E essa função converge para reflexões acerca da cultura e da sociedade de um determinado povo ou de uma comunidade linguística específica.

Nesse sentido, o estudo da língua serve como um meio de interpretar a conexão entre sociedade, cultura e linguagem, compreendendo que a língua é relativamente influenciada pela cultura ou, ainda, a cultura é determinada por diferentes usos linguísticos. Isso implica dizer que não é possível compreender, de maneira efetiva, a cultura de um povo sem ter contato com sua língua. Logo, a cultura é, nessa medida, um sistema de participação em que os indivíduos de uma comunidade compartilham os recursos existentes como as crenças, a linguagem, os costumes etc.

Dentre os níveis da língua, o léxico é um dos mais afetados por influências externas, já que, como o tesouro vocabular de uma língua, ele transmite a herança cultural de uma sociedade por meio dos signos verbais,

sintetizando aspectos da vida, dos valores e das crenças de uma comunidade social. Ao usar o léxico, o falante permite expressar suas ideias, as de sua geração, as da comunidade a que pertence, enfim usa a língua como retrato de seu tempo, atuando, inclusive como agente modificador e imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara.

O método da Geografia Linguística foi um grande passo para a valorização dos estudos lexicais, uma vez que considerou a palavra como uma realidade dinâmica, sujeita à heterogeneidade humana. Como o léxico reflete a cultura de um povo, língua e cultura configuram-se como um bloco indissociável que, no caso da língua materna, passa a ser adquirido, paulatinamente. E é esse léxico, que é adquirido, que identifica os elementos que circundam determinada comunidade, possibilitando o convívio social. É a partir dos estudos lexicais que se torna possível observar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Isso é possível porque cada palavra remete a particularidades diversas relacionadas ao período histórico em que ocorre, à região geográfica a que pertence, à sua realização fonética, aos morfemas que a compõem, à sua distribuição sintagmática, ao seu uso social e cultural, político e institucional.

O processo de nomeação, que dá origem ao léxico da língua surge, então, a partir do momento em que um nome é socialmente aceito para tal. Pode-se dizer que esse processo de nomear abarca a fração cultural da língua, uma vez que, ao se designar um objeto através do nome, está se autenticando sua existência nesse mesmo meio social. Assim, o léxico é dos subsistemas da língua o que melhor reflete os traços culturais de uma comunidade linguística.

Léxico (do grego *lexicon*), em sentido mais amplo, é sinônimo de vocabulário. Trata-se do inventário no qual constam todos os vocábulos existentes em uma língua natural. É um conjunto virtual, incompleto, pois depende sempre da realidade exterior à língua para se completar, se reescrever e está sempre em processo de mudança. O léxico é a parte de uma língua que reflete a cultura da sociedade. É uma entidade dinâmica que vai sendo enriquecida com palavras ou expressões, a depender das necessidades da comunidade usuária da língua. Pode se valer de expressões ou palavras já existentes na língua e ressignificadas, de arcaísmos, de neologismos ou de empréstimos linguísticos, que contribuem para a sua ampliação.

E, nesse entendimento, estudar um repertório lexical de uma língua permite conhecer o modo de viver e de pensar das pessoas que a utilizam, além de propiciar subsídios para a identificação de influências interétnicas incorporadas pelo seu acervo lexical. Sendo assim, contatos entre diversos povos, a exemplo dos africanos e indígenas, podem refletir-se na língua em uso. Abbade (2011, p. 1332) comunga com essa afirmação ao admitir que:

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais [...] de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.

O léxico de cada língua é um acervo rico e dinâmico, que inclui a totalidade das palavras como as preposições, conjunções e interjeições, bem como os neologismos, regionalismos, envolvendo terminologias e gírias, além de expressões idiomáticas e palavrões (OLIVEIRA, 2014).

O léxico de uma língua é um sistema aberto, diferentemente dos demais domínios linguísticos, como a sintaxe, a morfologia e a fonologia e, por isso, em constante expansão, não podendo ser apreendido, nem descrito em sua totalidade. Essas características acarretam dificuldade no momento de se proceder à análise do léxico de uma dada língua. Contudo, todo falante possui uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, seja qual for sua língua materna.

As palavras não são estudadas apenas pelos lexicógrafos, aqueles que elaboram os dicionários. Existem inúmeras possibilidades de se estudar o léxico de uma língua. Apesar de os primeiros estudos das palavras terem sido realizados para organizá-las alfabeticamente nos chamados glossários, várias outras possibilidades de estudos existem. A Lexicologia é a ciência que estuda o léxico em todas as suas relações linguísticas, pragmáticas, discursivas, históricas e culturais.

A Onomasiologia – estudo semântico das denominações, partindo do conceito para a busca os signos linguísticos que lhes corresponde – e a Semasiologia (estudo do sentido das palavras, o qual parte o significante para explicar o significado que, oposto à onomasiologia, parte do signo em busca da

determinação do conceito) configuram-se, assim, como vertentes dos estudos lexicológicos.

A partir daí, têm-se diferentes perspectivas para os estudos do Léxico, além da Lexicologia. A seguir, descrevem-se algumas delas:

- Lexicografia - ciência que se dedica ao estudo e à elaboração de dicionários e glossários;
- Terminologia - ciência que estuda os termos de natureza técnico-científica;
- Semântica - estudo das significações linguísticas;
- Etimologia - ciência que se ocupa da formação das palavras, explicando a sua evolução, a partir da busca do seu étimo.

Partindo das disciplinas supracitadas, o léxico de uma língua pode ser estudado sob várias perspectivas. Conforme Abbade (2011), considera-se como Lexicologia basicamente o que une o plano da expressão ao plano do conteúdo e o caráter diferente que é dado ao léxico com relação à gramática.

Conforme Abbade (2011), no séc. XVI, no Ocidente, iniciava-se a descrição ordenada do léxico, com a invenção da imprensa e o surgimento dos dicionários monolíngues e plurilíngues. Os estudos filosóficos acabaram por influenciar os gramáticos da época que procuravam definir os fatores constitutivos da linguagem e das línguas. Nasce, então, a Lexicologia, que estudava a língua falada, analisando o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido “básico” da palavra), funcionais (sentido “específico”) e morfossintáticos (sentido “acidental”), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sócio-cultural.

No século XIX, a Lexicologia mudou de perspectiva e a palavra passou a ser vista como forma cuja natureza fonética e morfológica deveria ser observada. Os estudiosos da época deixam de se preocupar com a relação pensamento e palavra e o interesse passa a ser a comparação das palavras, marca predominante desse século. Surge o método da Gramática Comparada, lançado por Franz Bopp, e aumenta o interesse pelos textos medievais despertados na época do Romantismo. Com o método histórico-comparativo, utilizado por Frederico Diez em sua *Gramática das Línguas Românicas* e *Dicionário Etimológico das Línguas Românicas*, novas teorias vão surgindo para explicar os diversos aspectos das línguas (ABBADÉ, 2011).

Nos finais do século XIX, com a marca triunfal da Geografia Linguística e conseqüentemente o florescimento da Onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais. Nesta linha segue o presente trabalho, no sentido de averiguar as escolhas lexicais dos baianos e amazonenses (ABBADE, 2011).

Como um dos vieses de interesse da Lexicologia, coloca-se a Fraseologia, fenômeno que está presente nas respostas dos informantes das questões em estudo nesta pesquisa. Na sequência, considera-se relevante discutirem-se conceitos sobre os Fraseologismos.

2.2.1 Fraseologismos

Pretende-se, no decorrer dessa subseção, discutir os conceitos de Fraseologia, com o intuito de melhor explicitá-la, haja vista o estudo das perguntas selecionadas para a pesquisa feita, ter identificado uma expressiva ocorrência de unidades fraseológicas fornecidas como designação aos referentes contemplados pelas perguntas selecionadas, como demonstraram, por exemplo, as formas *ganhar menino* e *ter neném*.

Desde os anos 1970 do século passado, Coseriu (1980) já tratava das unidades fraseológicas, no intento de separar e classificar. No entanto, a fraseologia no Brasil está praticamente em um processo de estudos inicial, sendo vista, muitas vezes, somente em trabalhos lexicológicos, estilísticos e de âmbito histórico-cultural.

A fraseologia se define como um conjunto de expressões peculiares de uma língua, grupo, época, atividade ou indivíduo. É a área de investigação que tem como objeto de estudo as combinações fixas de unidades lexicais. Há uma pluralidade de termos para designar o objeto de estudo: frase feita; unidade léxica complexa; unidade fraseológica; fraseologismos; frasema; combinação fixa de palavras; sequência fixa; expressão fixa; expressão idiomática; locução etc.

Nesse campo, merecem destaque os trabalhos de Salah Mejri, que têm se voltado para aspectos teóricos e para análise de fatos concretos. Para o referido estudioso, os fraseologismos são unidades polilexicais fixas ou colocações nas línguas de especialidade ou na língua geral. A partir de um texto, é possível reconhecer a função dos elementos fraseológicos que o

compõem, pois, a fraseologia é uma grande ferramenta para avançar vários estudos de: colocações, traduções especializadas (MEJRI, 2011).

Mejri (1997) publica a obra que, para este trabalho, constitui o mais completo estudo dedicado ao fenômeno fraseológico, *Le figement lexical – descriptions linguistiques et structuration sémantique*, no qual chama a atenção para a noção de *continuum* no tratamento de sequências fixas, para mostrar como a passagem de uma sequência livre se dá de maneira gradual e imperceptível para uma sequência fixa. Além disso, ele lembra que, na maioria das vezes, são ressaltadas as variações sintáticas (diferentes variações combinatórias aceitas por certas sequências e rejeitadas por outras). Porém, Mejri (1997) assinala que a ideia de *continuum* é incontornável no estudo da fixação, que ela é inerente ao sistema linguístico, que se apresenta em todos os níveis de análise linguística.

Nessa perspectiva, a fraseologia é uma junção de muitas palavras ou muitos verbos redundantes, tanto na escrita como na oralidade. Retrata-se como um conjunto de expressões intrincadas, pretensiosas ou simplesmente como os falares. Pode se manifestar, também, como um conjunto de frases feitas, locuções figuradas, metáforas, modismos e refrões existentes de uma língua, no uso individual ou no contexto de um grupo.

De um modo geral, os fraseologismos se referem aos conjuntos lexicais consagrados pelo uso numa comunidade linguística. No que concerne à forma, essa definição corresponde a uma realidade linguística bastante vasta, indo, por exemplo, das locuções prepositivas aos provérbios.

Quando os fraseologismos aparecem na fala, eles são culturalmente marcados, antes de tudo, pela escolha, consciente ou não, de unidades lexicais que permitem chegar a um referente extralinguístico. Assim, essas palavras representam na língua traços culturais extralinguísticos.

Segundo Tristá (1988), para uma expressão ser considerada um fraseologismo, deve obrigatoriamente ser polilexical, fixa e possuir sentido figurado. Os fraseologismos, na maioria das vezes, se constroem seguindo os modelos das combinações livres, mas seus elementos sofrem uma reinterpretação semântica, um novo sentido, que não receberiam se estivessem fora da unidade fraseológica.

O termo fraseologia é ambíguo. Se, por um lado, compreende-se por fraseologia o conjunto dos fraseologismos, o inventário de locuções fraseológicas, quer dizer, o fraseoléxico de uma língua, por outro lado, ela pode ser considerada como uma subdisciplina linguística em questão, tratando de investigação fraseológica, que tem por tarefa a pesquisa do fraseoléxico.

Conforme Marques (2007), a fraseologia reflete a cultura da comunidade linguística e, desse modo, os fraseologismos podem aludir a fatos históricos, lendas, mitos nacionais ou de outras culturas, crenças, refletindo a cosmovisão do falante em uma dada comunidade linguística.

A fraseologia, como objeto de estudo linguístico, consegue se tornar como uma forte realidade sólida, que desperta, cada vez mais, interesse em vários âmbitos da ciência da língua. O estudo fraseológico vem crescendo por uma série de trabalhos que se relacionam com as unidades fraseológicas e outros níveis de estruturação linguística. Com o crescimento de pesquisas vem se revelando a importância de análises das unidades em uso de uma língua.

Vale considerar que o fraseologismo pode se constituir de duas ou mais palavras plenas, sendo motivado, em geral, pela necessidade de denominar as propriedades de alguns objetos ou conceitos ou como um meio da manifestação da expressividade. Geralmente, constroem-se a partir de modelos das combinações livres, cujo elemento ou cujos elementos passam por uma reinterpretação semântica dentro dos limites do fraseologismo. Fora disso, recuperam sua acepção primária. A metáfora é o fator semântico que atua na formação dessas unidades não livres e associadas fraseologicamente ou condicionadas sintaticamente e a metaforização, ou seja, a mudança de sentido causada pela semelhança entre fenômenos ou objetos, é uma das maiores forças de enriquecimento da fraseologia.

Todo fraseologismo deve estar integrado por duas ou mais palavras e, pelo menos, uma dessas palavras tem que ser plena. Essa palavra, por sua vez, poderá vir acompanhada de uma ou mais palavras auxiliares. No entanto, para definir sua condição de fraseologismo, é necessário verificar a pluriverbalidade, o sentido figurado e a estabilidade.

No caso das combinações de palavras, nota-se que apresentam diferentes graus de coesão: a que se descompõe logo depois de ter sido criada, e as palavras que a integram voltam a ter liberdade para formar outras

combinações e aquela, cujas palavras se utilizam frequentemente naquela mesma combinação para expressar a mesma ideia, perdem completamente sua independência, tornam-se ligadas entre si e adquirem seu sentido apenas dentro dessa.

Nesse contexto, situam-se as principais lexias utilizadas pelos falantes, nas respostas ao QSL 124, como *dar à luz*, *ter filho*, *ter neném*, *tirar o bebê* e *ganhar neném*, *ganhar o bebê*, que são combinações lexicais também chamadas de unidades fraseológicas, formadas por duas ou mais palavras atribuindo a essas um único sentido. Como exemplifica-se com a transcrição da resposta a informante 4, de Jequié, à pergunta 124:

INQ_ Chama-se a parteira quando a mulher está para?
 INF. _ *Ganhar neném.*
 INQ. _ Ou então?
 INF. _ *Tá incomodada.*
 INQ. _ Diz de outro jeito?
 INF. _ Não, não diz não.
 (Informante mulher, faixa etária 2, fundamental, Jequié)

É possível considerar essas respostas como fraseologismos, haja vista apresentarem um grau de coesão, que é absoluto. É o que ocorre quando as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado. Esse significado não é resultado da soma dos significados de cada um dos elementos.

Esse dado aqui exemplificado, como os outros dados analisados nessa dissertação, são extratos que fazem parte do *corpus* do Projeto ALiB. A partir deles, investiga-se a relação entre o léxico referente à área semântica ciclos da vida, documentada no Estado da Bahia e no Estado do Amazonas, nas duas capitais, 21 nas cidades do interior da Bahia e 04 nas cidades do interior do Amazonas. No capítulo a seguir, tratamos de aspectos históricos e geográficos desses dois Estados.

3 HISTÓRIA SOCIAL DA BAHIA E DO AMAZONAS

Este capítulo tem por objetivo apresentar algumas informações sobre a história social e as características do território e da sociedade, tanto do estado da Bahia quanto do estado do Amazonas. Destacam-se suas respectivas contextualizações em termos de processo de povoamento e ocupação, tendo em vista a relevância das informações dessa natureza, como subsídio para a interpretação de dados linguísticos, em especial os de natureza lexical.

3.1 O ESTADO DA BAHIA ¹

A observação da realidade linguística da Bahia requer a compreensão das características de cultura e prática social das populações que, em conjunto com o ambiente, construíram o que hoje se chama Bahia.

Ainda que o estudo da Bahia seja uma análise de uma parte importante do território nacional em face da relevância na configuração do cenário nacional, é preciso dizer que se trata de uma dimensão territorial não apenas de grande diversidade geográfica como também histórica. O consagrado historiador Luís Henrique Dias Tavares (2008) já registrou que uma História da Bahia é marcada por muitas histórias e tradições.

Assim, é preciso dizer que o estudo exposto neste item busca a compreensão das características de cultura e prática social das populações que, em conjunto com o ambiente, construíram a Bahia.

No tocante ao ambiente físico, se por um lado, o Estado detém o maior litoral oceânico do Brasil, com 932 quilômetros de extensão, por outro, é o estado que tem maior extensão semiárida e de secas, com aproximadamente 260.000 km² de extensão. O Estado é dominado pelo extenso litoral, sua umidade e florestas e pelo interior seco e semidesértico.

Em linhas gerais, podemos dizer que, desde o século XIX, as delimitações da Bahia permanecessem inalteradas, o que não se pode dizer dos limites internos, há municípios seculares, outros bem recentes.

¹ Os dados referentes a esse Estado foram extraídos do material produzido por Alfredo Matta (2013).

Há que se destacar, a exemplo de outros estados, a Bahia é subdividida de acordo a diferentes objetivos, pelo Governo Federal, pelo Governo Estadual, pelas empresas públicas e privadas e por organizações sociais. Em termos oficiais, o Estado da Bahia possui municípios agrupados em sete Mesorregiões das quais seis são denominadas em função de sua localização (Extremo Oeste baiano, Vale Sanfranciscano da Bahia, Centro Norte baiano, Centro Sul baiano, Nordeste baiano, Sul baiano) e apenas uma ressalta o caráter urbano, a da Mesorregião Geográfica Metropolitana de Salvador, e cada uma delas em certo número de microrregiões geográficas que são denominadas a partir do município que exerce influência econômica e social na área.

Em 2010, a fim de agrupar lugares tão diversificados presentes em um dos maiores estados do Brasil, foi criada a divisão da Bahia em Territórios de Identidade, trata-se de um agrupamento por características comuns nas dimensões socioeconômicas, cultural, político, institucional e ambiental.

Totalizando vinte e sete Territórios de Identidade, a despeito das características singulares, especificidades e peculiaridades, foram considerados os aspectos comuns que formam os lugares.

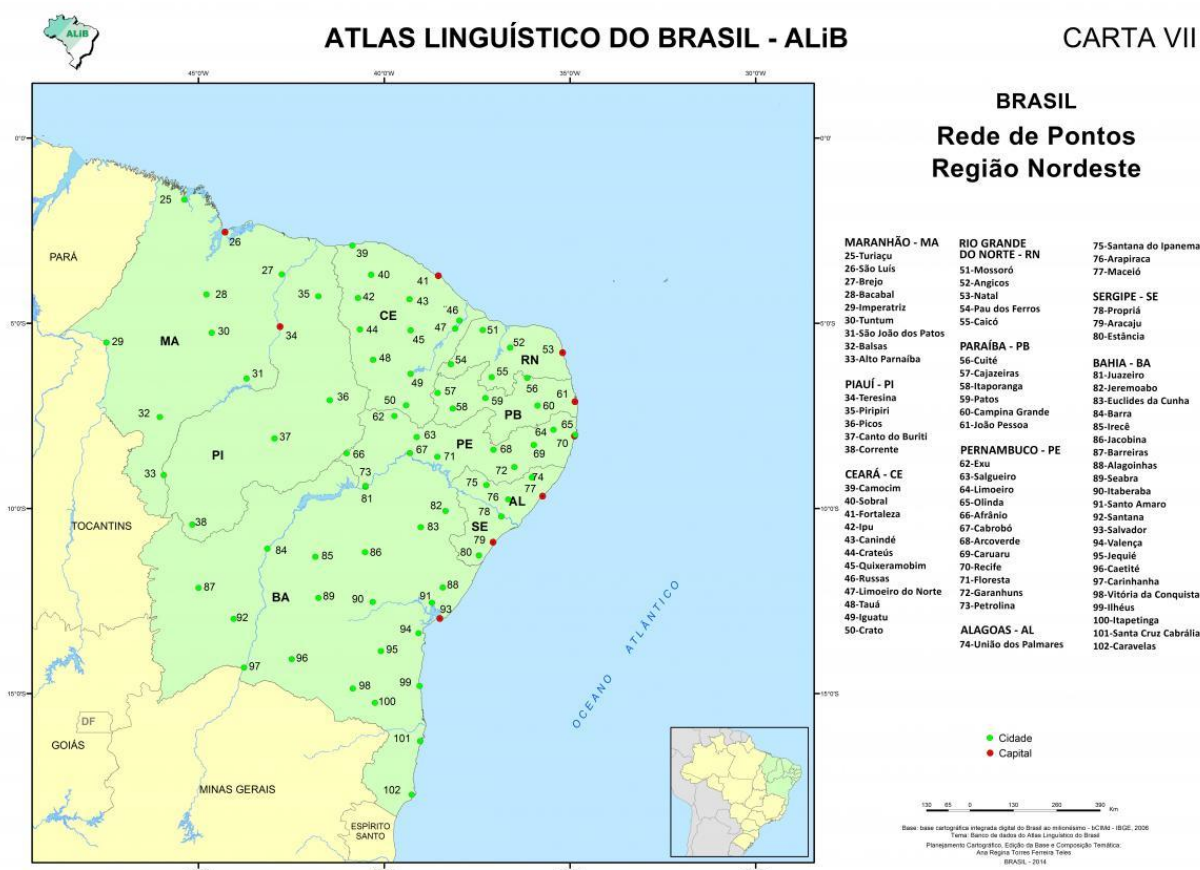
Alguns rios mais importantes dominam a paisagem e historicamente permitem seguir para o interior com menos dificuldades. Além do Rio São Francisco – que, de fato, reúne Sergipe, Alagoas, Bahia, Goiás e Minas Gerais em sua grande bacia quase toda navegável – sendo considerado um rio de integração nacional, são ,também, rios importantes o Vaza-Barris, o Itapicuru, o Jacuípe, o Paraguaçu, Rio de Contas, o Pardo e o Jequitinhonha.

Os rios de Contas, Paraguaçu e Itapicuru têm o seu percurso em direção leste desembocando no Oceano Atlântico. À exceção dos demais o rio Paraguaçu tem suas águas desembocando na Baía de Todos os Santos, após atravessar as principais zonas climáticas do estado e nas proximidades de Feira de Santana receber águas do rio Jacuípe, seu maior afluente, sendo, portanto, um rio de regime perene.

Quanto à localização do Estado, a Bahia se encontra na região Nordeste, onde ocupa uma área de 567.295 km² e se abre para o oceano Atlântico. Limita-se a nordeste por Sergipe e Alagoas, ao norte por Pernambuco e Piauí, a oeste por Goiás e Tocantins e ao sul por Minas Gerais e Espírito Santo.

Na pesquisa feita, não voltaremos o olhar para todas as cidades da Bahia, antes focalizamos apenas as redes de pontos propostas pelo ALiB, conforme é possível visualizar no mapa abaixo.

Figura 1 - A região Nordeste do Brasil



Fonte: < <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos> >

3.1.2 O Estado da Bahia e a organização do espaço

A criação de um território não é apenas a delimitação de seus limites. São resultados de processos históricos da ocupação e organização de espaços transformados. Sendo, portanto, consequência de relações socioeconômicas, políticas e culturais. Neste sentido, território envolve o sentimento de pertencimento.

Tupinambás, Pataxós, Kiriris e outros grupos indígenas viveram, nesse espaço chamado Bahia, há vários séculos e, como usavam os recursos da terra

para subsistência ,pouco alteraram a vegetação original, pois esta se recuperava quando eles mudavam de região, já que ,em sua maioria, eram povos seminômades.

A chegada e conquista lusitana deste território inaugurou outra lógica de relação com os recursos naturais presentes na Bahia, motivados por interesses econômicos da Metrópole (Portugal) passaram a explorar a terra para extrair riquezas, modificando extremamente o ambiente. Daí as configurações ocupacionais em que houve uma concentração populacional ao longo da costa e que foi interiorizada aos poucos através de atividades econômicas voltadas para a pecuária e a mineração.

As diversas formas de ocupar o território com vistas a transformar o ambiente e adaptá-lo a novos usos, inauguradas pela ocupação portuguesa na Bahia dão destaque a cinco tipos de paisagens: Cidade-fortaleza, Economia do Recôncavo, Rio dos Currais, Mineração na Chapada e Energia e Indústrias.

Salvador teve um papel estratégico na defesa e na expansão do domínio português ,entre os séculos XVI e XVIII, concentrando o poder da Coroa em fortes, portos, fortalezas e artilharia. No tocante à ocupação do Recôncavo esteve ligada à Salvador, era ali que se plantava a cana-de-açúcar, durante o período colonial, além de outros produtos que abasteciam a capital como a mandioca, o fumo e o algodão.

No final do século XVII, com a descoberta de ouro em Minas Gerais, a região oeste da Bahia assumiu a função de entreposto comercial e de provedora da região mineradora. O rio São Francisco servia de caminho, e, nos seus portos havia muitos currais. As minerações na Chapada datam do século XVIII com o ouro em Jacobina e Rio de Contas e do diamante no século XIX na serra do Sincorá, gerando um aumento populacional e riqueza na região da Chapada Diamantina.

Já no século XX usinas de Paulo Afonso, Sobradinho e Xingó iniciam uma nova fase de desenvolvimento de energia hidrelétrica somado ao polo petroquímico de Camaçari e petrolífero de São Francisco do Conde.

É preciso dizer que, no contexto atual, as cidades principais do Estado da Bahia agem como verdadeiros polos econômicos, sobretudo no sertão. São elas: Feira de Santana, na periferia do Recôncavo; Itabuna e Ilhéus, na região cacauera; Jequié e Vitória da Conquista, no planalto; Porto Seguro, no

Extremo Sul; Barreiras, no Oeste, e Juazeiro à margem direita do São Francisco.

Neste sentido, na atual organização do território baiano, a cidade desempenha, ainda, um significativo papel de metrópole regional ao considerarmos que além das funções de capital político-administrativa, tem importância seu porto e centro industrial. Do território estadual, escapam à influência econômica de Salvador, apenas, pequenas áreas situadas nos extremos norte e sul, que são vinculadas a Recife, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Entretanto, sob sua ação direta, se encontra, apenas, o Recôncavo.

Cabe acrescentar que é no Recôncavo e na região cacaueteira, onde são registradas as maiores densidades populacionais, que superam 100 hab./km². Já em amplas áreas do interior, o povoamento se torna escasso, caindo esses índices para cerca de 15 hab./km² nos chapadões, na Chapada Diamantina e no sertão semiárido. Há predominância de população rural na maioria dos municípios do Estado da Bahia, os quais têm grau de urbanização inferior a 50%. Essa situação configura o atraso econômico e social em que se encontra o Estado da Bahia na maior parte de suas regiões.

As maiores cidades do Estado da Bahia em tamanho da população são: Salvador, Lauro de Freitas, Feira de Santana, Camaçari, Ilhéus, Itabuna, Vitória da Conquista, Jequié e Juazeiro.

A maior parte das indústrias do Estado está concentrada, sobretudo em Salvador, Camaçari e Feira de Santana e as áreas preferenciais de empreendimentos turísticos do Estado da Bahia estão situadas em toda extensão do litoral, sobretudo, em Salvador e Porto Seguro. As áreas do Estado classificadas como boas para lavoura e pastagem são em menor número.

Observando o semiárido, percebe-se que existe grande número de áreas regulares para lavoura, que poderiam ser mais bem aproveitadas se existissem políticas públicas eficazes de combate à seca e se utilizassem água subterrânea e a irrigação em larga escala.

Referente ao crescimento populacional da capital baiana, houve a mistura e integração interétnica e transoceânica. Era de Tupinambás a maioria da população da vila de Caramuru. Aldeias nos atuais bairros de Brotas, Itapuã, Rio Vermelho, Pirajá, fizeram com que os arredores da cidade já

fossem povoados por Tupinambás. Havia, ainda, outras aldeias mais distantes nos arredores.

Na contextualização das dinâmicas territoriais e sociais ora expostas, observou-se que os índios e os negros, em decorrência de sua participação no engenho açucareiro, contribuíram significativamente para o processo de formação sociocultural baiano. Nesse particular, a presença lusitana também contribuiu para o processo de mestiçagem entre brancos e negros.

Passemos aos dados estatísticos. Segundo o Censo demográfico de 2010, a Bahia é o quarto estado brasileiro mais populoso e o 15º mais povoado, com uma população de 14.016.906 habitantes distribuídos nos 564.733,1 quilômetros quadrados, resultando em 24,82 habitantes por quilômetro quadrado nos seus 417 municípios. Segundo o mesmo Censo, 6.880.368 habitantes eram homens e 7.141.064 habitantes eram mulheres. Ainda segundo o mesmo censo, 10.105.218 habitantes viviam na zona urbana e 3.916.214 viviam na zona rural.

Outro povo que contribuiu para o povoamento foram os holandeses, que vieram com a intenção de atacar e posteriormente foram expulsos depois pelos portugueses, com o reforço de milhares de brasileiros, filhos de europeus com indígenas, que habitavam a terra.

Na Bahia, encontrava-se o mais importante porto marítimo do hemisfério sul, movimentando intenso comércio com a Europa, Ásia e África, o que facilitava a relação entre povos de diferentes línguas e influências culturais.

3.2 A HISTÓRIA DO AMAZONAS²

Entre os anos de 1532 a 1539, nasce a história do Amazonas, que se confunde com a história do Grande Rio. Por meio dele foram possibilitadas as expedições às regiões ainda não exploradas.

A partir do Tratado de Tordesilhas, 1494, a região Amazônica passa a pertencer à Espanha. Com a assinatura do Tratado de Madri, em 1750, a Espanha perde a propriedade para Portugal, que passa a ter posse definitiva

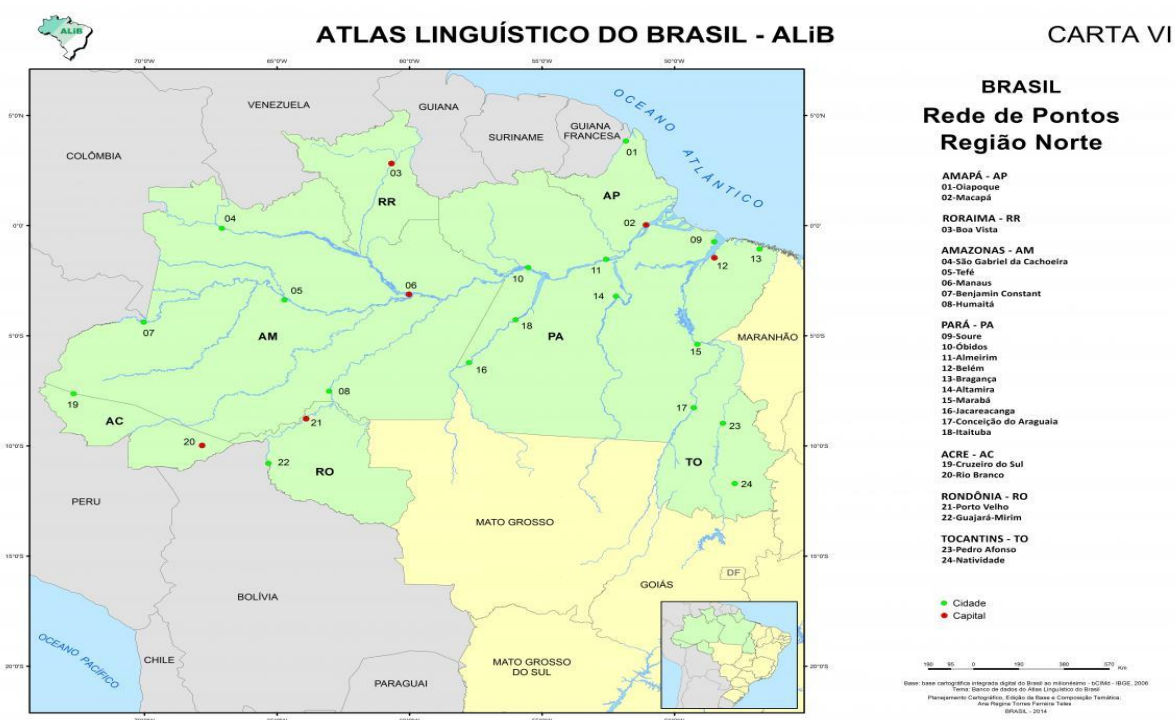
² Dados extraídos da página “No Amazonas é assim”, em abril de 2018, e do IBEGE (Censo 2010).

da região. Em 1850, D. Pedro II criou a província do Amazonas. No início do século XX, a exploração da borracha levou grande riqueza para a região Amazônica.

Quanto à localização, o estado do Amazonas fica situado na região Norte do Brasil, possui uma área de 1.559.161,682 Km² e 3.483.985 habitantes, de acordo com as informações do Censo 2010. Está dividido em 62 municípios que estão organizados em 13 microrregiões e 4 mesorregiões. Conforme a Constituição Brasileira de 1988, a microrregião refere-se a um agrupamento de municípios limítrofes, definido por lei complementar estadual a fim de integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas para o interesse comum.

O mapa da região do Norte, disponibilizado no site do ALiB, nos permite visualizar a localidade em questão, bem como as redes de pontos que foram observadas neste estado.

Figura 2 - Região Norte do Brasil



Fonte: < <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos> >

Situado na região Norte do país, no coração da floresta amazônica, e limitando-se com os estados do Acre, Roraima, Rondônia, Pará e Mato Grosso,

assim como com os países sulamericanos Venezuela e Peru, o estado do Amazonas é o maior em extensão entre os estado da federação brasileira (compreende mais de 18% do território nacional).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, dispõe on-line, sob o Portal de Mídia do Governo Brasileiro, dados sobre o estado do Amazonas e a respeito do mesmo diz que o nome 'Amazonas' originou de "amassunu", que quer dizer, na língua indígena, 'ruído de águas, água que retumba'.

Em se tratando da formação populacional, o IBGE identificou 65 grupos indígenas no Estado, que detém a maior população de índios do País, no total de 168.680, de acordo com o Censo 2010, de 3.483,985 habitantes, dos quais 2.755.490 vivem na área urbana e 728.495 na área rural.

No que tange ao processo de formação sociocultural, o Amazonas apresenta uma diversidade cultural decorrente, sobretudo, de sua formação étnica, em que o elemento indígena foi aos poucos absorvendo as influências africanas e europeias, particularmente de portugueses e espanhóis, além de outras correntes migratórias que vieram contribuir para a cultura amazônica.

A criação da Zona Franca de Manaus contribuiu com a aceleração do desenvolvimento amazonense, dispondo de um grande movimento comercial de importação e exportação de produtos, fazendo com que sua economia passasse por grandes transformações.

A capital e os municípios que compõem o interior do estado não apresentam uma grande discrepância entre si. No que se refere à economia, Manaus, graças ao ciclo da borracha e à criação da zona franca de comércio e indústria, tem um surto de desenvolvimento e abriga importante centro de fabricação de materiais elétricos e eletrônicos, enquanto que o interior vive com suas economias baseadas principalmente na agricultura de subsistência, no extrativismo e na pesca. O acesso aos municípios, também, é ,ainda muito precário, sendo feito pelos rios, uma vez que a construção e manutenção de rodovias encontra sempre a barreira da densa floresta tropical e das constantes chuvas da região, o que dificulta o escoamento da produção rural e, conseqüentemente, o desenvolvimento das cidades. Vale considerar que, atualmente, no Amazonas, predomina, ainda, as atividades extrativistas,

em especial das essências florestais, a exploração da madeira, por brasileiros advindos de outras regiões.

4 METODOLOGIA

O *corpus* do estudo em questão foi constituído pelas unidades lexicais fornecidas como respostas para as oito perguntas do QSL/ALiB: 124 a 131 – área semântica ciclos da vida. Os dados foram apurados por meio das entrevistas realizadas pelos pesquisadores do Projeto ALiB, nas 27 cidades brasileiras que integram a rede de pontos do Projeto nos Estados considerados, com oito informantes por capital e quatro por cidade interiorana.

A utilização dos dados do Projeto ALiB foi autorizada pela Presidente do Comitê Nacional de coordenação do Projeto ALiB, a Prof.^a Dr.^a Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso.

4.1 O PROJETO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL

O Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), iniciado no ano de 1996, é sediado na UFBA (Universidade Federal da Bahia) e coordenado por um Comitê Nacional que congrega pesquisadores de diferentes instituições brasileiras.

Como se explicitou no Capítulo 2, esse Projeto tem como objetivo mais amplo a descrição da variante brasileira do português, na sua modalidade oral, com enfoque na identificação das diferenças diatópicas, diassexuais, diastráticas e diageracionais.

Fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar, com os seguintes objetivos, como apontam Mota e Cardoso (2013, p. 131):

- descrever a realidade linguística do Brasil, no que tange à língua portuguesa, com enfoque prioritário na identificação das diferenças diatópicas (fônicas, morfossintáticas e semântico-lexicais), consideradas na perspectiva da Geolinguística.
- Oferecer aos estudiosos da língua portuguesa (linguistas, lexicólogos, etimólogos, filólogos etc.), aos pesquisadores de áreas afins (história, antropologia, sociologia etc.) e aos pedagogos (gramáticos, autores de livros-texto, professores) subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem e para uma melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.
- Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais através de resultados cartografados em mapas linguísticos e realizar estudos interpretativos de fenômenos considerados.

- Examinar os dados coletados na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia, etc. – de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- Oferecer aos interessados nos estudos linguísticos um considerável volume de dados que permita aos lexicógrafos aprimorarem os dicionários, ampliando o campo de informações; aos gramáticos atualizarem as informações com base na realidade documentada pela pesquisa empírica; aos autores de livros didáticos adequarem a sua produção à realidade cultural de cada região; aos professores aprofundar o conhecimento da realidade linguística, refletindo sobre as variantes de que se reveste a língua portuguesa no Brasil e, conseqüentemente, encontrando meios de, sem desprestigiar os seus dialetos de origem, levar os estudantes ao domínio de uma variante tida como culta.
- Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica.

O Projeto ALiB adota como metodologia os parâmetros da Dialetoologia pluridimensional, resultado dos processos de mudanças metodológicas caracterizadas, particularmente, pela ampliação do espectro de interesses a perscrutar.

A perspectiva pluridimensional focaliza, além da variação diatópica, e em nível de igualdade, a variação social, em especial a diasssexual, a diageracional, a diastrática, entre outras, o que não impede o reconhecimento de que traz marcas dos primeiros trabalhos dialetológicos brasileiros, como afirmam Cardoso e Mota (2006, p. 27):

O projeto de um atlas lingüístico da Brasil traz, nas suas raízes, a presença de nomes que construíram a Dialectologia brasileira – Serafim da Silva Neto, Antenor Nascentes, Celso Cunha, Nelson Rossi – e procuraram, naquele então, fazer nascer entre nós o interesse pela Geolingüística que caminhava célere, na Europa, desde finais do século XIX, e se afirmara, definitivamente, no início do século XX, com o marco fincado por Gilliéron, o *Atlas Linguistique de la France* (1902-1910).

Inquestionavelmente, faz-se necessário o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelos precursores dos estudos dialetológicos sem desprezar a inovação que permite com que novos instrumentos de análise e coletas de dados sejam utilizados a favor da ciência, a exemplo dos questionários do ALiB. A respeito destes descreveremos no próximo item.

4.2 TIPOS DE QUESTIONÁRIO

Três tipos de questionários fazem parte dos inquéritos do ALiB:

- a) Questionário Fonético-Fonológico (QFF), que inclui questões para apuração de diferenças prosódicas;
- b) Questionário Semântico-Lexical (QSL);
- c) Questionário Morfossintático (QMS);

Acrescentam-se questões referentes à pragmática, assim como sugestões de temas para o registro de discursos semidirigidos e questões de natureza metalinguística e texto para leitura.

A maioria das questões tem como objetivo apurar a variação diatópica do português do Brasil, com vista ao estabelecimento e à caracterização de áreas dialetais. Todas as questões têm uma formulação inicial, de modo a assegurar um razoável grau de uniformidade, necessário à intercomparabilidade dos dados obtidos, acrescentando-se, em alguns casos, gravuras que visam a auxiliar o desenvolvimento do inquérito, cabendo, no entanto, ao inquiridor, fazer as adequações necessárias, no momento do inquérito (AGUILERA, 2001, p.56).

No que se refere às questões de pragmática, elas visam à apuração das diferenças nas formas de tratamento, influenciadas por questões sociais.

Por sua vez, os temas para discurso semidirigido pretendem apurar as diferenças diafásicas, através de um registro do discurso mais coloquial do informante.

Em relação às perguntas metalinguísticas, é possível verificar que elas objetivam verificar o grau de consciência linguística do informante, e, com a leitura de texto, é possível avaliar a variação diastrática, através de um registro mais tenso do informante.

4.3 O PERFIL DOS INFORMANTES

O perfil dos informantes procura atender a questões espaciais, por isso devem ser filhos da localidade pesquisada e de pais também da área, mas também inclui o controle das variáveis sociais idade, sexo e escolaridade. O número total atinge a casa dos 1.100 informantes, distribuídos equitativamente por duas faixas e contemplando os dois sexos.

Nas capitais de Estado, são acrescentados mais quatro informantes de nível universitário, observadas as mesmas correlações de sexo e faixa etária. Quanto à escolaridade, devem ser alfabetizados, tendo cursado, no

máximo, até a quarta série do ensino fundamental, salvo o que já se disse de referência às capitais, e possuidores de uma profissão definida, que não requeira grande mobilidade e que se encontre inserida no contexto social local (COMITÊ NACIONAL, 2018).

Segundo Cardoso e Mota (2013):

Para atender à variação social, os informantes, em número de quatro em cada ponto – exceto nas capitais de Estado, onde são oito –, estratificam-se, como já dito anteriormente, quanto ao sexo – quinhentos e cinquenta homens e quinhentos e cinquenta mulheres –, à faixa etária – a primeira de 18 a 30 anos e a segunda, de 50 a 65 anos – e, nas capitais, ao nível de escolaridade – fundamental e universitário (CARDOSO; MOTA, 2013, p.135)

4.4 AS CARTAS LINGUÍSTICAS

Na elaboração das cartas linguísticas, o Projeto ALiB utiliza os Sistemas de Informações Geográficas (SIGs), que facilitam a confecção dos mapas em formato digital e da recuperação, a qualquer tempo, das informações geográficas armazenadas. Desse modo, a representação geográfica demonstra os dados linguísticos de modo mais dinâmico e interativo.

Nesta pesquisa, foram elaboradas cartas, representando as redes de pontos em estudo. Para tal foram seguidos os mesmos critérios utilizados para a cartografia temática do Atlas Linguístico do Brasil: representar as lexias documentadas na amostra, subdividindo, quando necessário, os dados coletados em duas cartas linguísticas distintas; não indicar com símbolo específico as ocorrências de respostas únicas, as quais devem constar no verso da carta; considerar a frequência em localidades como determinante para o ordenamento da legenda (maior para menor); indicar em cada ponto/localidade os símbolos da esquerda para a direita, mantendo-se a ordem da legenda.

4.5 O CORPUS DA PESQUISA

O *corpus* utilizado para a pesquisa realizada constitui-se de oito questões dos inquéritos aplicadas às localidades da rede de pontos do Projeto ALiB nos dois Estados considerados: Amazonas (Manaus, São Gabriel, Tefé, Benjamin Constant, Humaitá) e Bahia (Salvador, Juazeiro, Jeremoabo, Euclides da Cunha, Barra, Irecê, Jacobina, Barreiras, Alagoinhas, Seabra,

Itaberaba, Santo Amaro, Santana, Valença, Jequié, Caetité, Carinhanha, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itapetinga, Santa Cruz de Cabrália e Caravelas).

Foi ouvido então, um total de 92 entrevistas na Bahia e 28 no Amazonas.

Para a realização da pesquisa não foi necessário coletar dados *in loco*, porquanto foram previamente coletados por pesquisadores brasileiros das diferentes regiões do país para a composição do atlas linguístico nacional, o Atlas Linguístico do Brasil.

Quanto aos informantes desta pesquisa, esses integram o corpo de informantes do Projeto ALiB e apresentam as características determinadas pelo projeto, explicitadas anteriormente.

Para a execução da pesquisa foram cumpridas as seguintes etapas:

- levantamento das respostas fornecidas pelos informantes do Projeto ALiB nas localidades do Amazonas e da Bahia, para as perguntas selecionadas para este estudo. Nessa etapa foi imprescindível o acesso aos áudios das entrevistas.
- Análise geossociolinguística das variantes registradas, focalizando a identificação da norma lexical dos habitantes das localidades (distribuição diatópica) e o exame de possíveis motivações para as escolhas lexicais, associadas à história social e à formação étnica da população das cidades estudadas.
- Apresentação dos fatos linguísticos pesquisados em quadros, gráficos e cartas linguísticas.
- Análise semântico-lexical das designações auferidas, tendo como respaldo as definições e etimologias fornecidas pelos dicionários e informações fornecidas pelo próprio informante.

Apresenta-se, a seguir, o quadro com o extrato do QSL, da área semântica ciclos da vida, utilizado nesta pesquisa:

Quadro 1 – Extrato do QSL – área semântica ciclos da vida

QSL Nº	ITEM SEMÂNTICO-LEXICAL	FORMULAÇÃO DA PERGUNTA
124	DAR À LUZ	Chama-se a _____(cf. item 123) quando a mulher está para_____.
125	GÊMEOS	Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto?
126	ABORTO	Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve_____.
127	ABORTAR	Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?
128	AMA-DE-LEITE	Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?
129	IRMÃO-DE-LEITE	O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?
130	FILHO ADOTIVO	Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas é criado por ele como se fosse?
131	FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA	Como se chama o filho que nasceu por último?

O resultado da análise dos itens lexicais referentes às questões 124 a 131 do QSL é apresentado em gráficos e cartas linguísticas. A análise aborda uma visão diatópica de uso das lexias encontradas.

5 O QUE REVELAM OS DADOS

O estudo de cunho semântico-lexical que se desenvolve tem por objetivo o confronto entre dois Estados brasileiros, com o intuito de examinar o comportamento do léxico numa perspectiva diatópica.

Para tanto, parte-se da apresentação geral de todas as variantes documentadas para cada um dos itens selecionados — *dar à luz, gêmeos, aborto, abortar, ama-de-leite, irmão de leite, filho adotivo e filho mais moço/caçula* —, a que se seguem o confronto entre os resultados dos dois Estados, para assinalar coincidências e não coincidências. Conclui-se a análise com o comentário às variantes selecionadas.

O conjunto dos dados inventariados totalizou 49 designações para os referentes pesquisados. O Quadro 2, a seguir, mostra a quantidade de unidades lexicais coletadas para cada pergunta selecionada.

Quadro 2 - Demonstração da quantidade de unidades lexicais obtidas como respostas para as perguntas selecionadas

PERGUNTAS	TOTAL DE UNIDADES LEXICAIS
QSL 124 - <i>dar à luz</i>	16
QSL 125 - <i>gêmeos</i>	02
QSL 126 - <i>aborto</i>	02
QSL 127 – <i>abortar</i>	05
QSL 128 – <i>ama de leite</i>	08
QSL 129 – <i>irmão de leite</i>	05
QSL 130 – <i>filho adotivo</i>	06
QSL 131 – <i>filho mais novo/ caçula</i>	05

Diante do quadro, conclui-se que a primeira questão deste estudo gerou mais possibilidades de respostas, resultando na realização de 16 diferentes denominações para a pergunta Chama a _____(cf. item anterior) quando a mulher está para _____?

5.1 DAR À LUZ

A pergunta formulada para obter as denominações ocorrentes para o ato de parir, ter um bebê, contou com quatro respostas presentes nos dois Estados — *parir, ganhar neném, dar à luz e ter filho*. Ao lado dessas, documenta-se um conjunto de variantes que se mostram próprias apenas do Amazonas e da Bahia. O Quadro 3 apresenta esse conjunto de denominações, evidenciando a identidade de uso que se verifica entre as duas áreas.

Quadro 3 – Dar à luz no Amazonas e na Bahia

<i>Dar à luz</i>	
Amazonas	Bahia
<i>Dar à luz</i>	<i>Dar à luz</i>
	<i>Dar neném</i>
<i>Descansar</i>	<i>Descansar</i>
	<i>Entrar no trabalho de parto</i>
<i>Ganhar neném</i>	
	<i>Ganhar (o) neném</i>
	<i>Ganhar menino</i>
	<i>Ganhar o bebê</i>
	<i>Nascer o menino</i>
<i>Parir</i>	<i>Parir</i>
	<i>Pegar o neném</i>
	<i>Ter a criança</i>
<i>Ter bebê</i>	
<i>Ter filho</i>	<i>Ter filho</i>
	<i>Ter o menino</i>
<i>Tirar o bebê</i>	

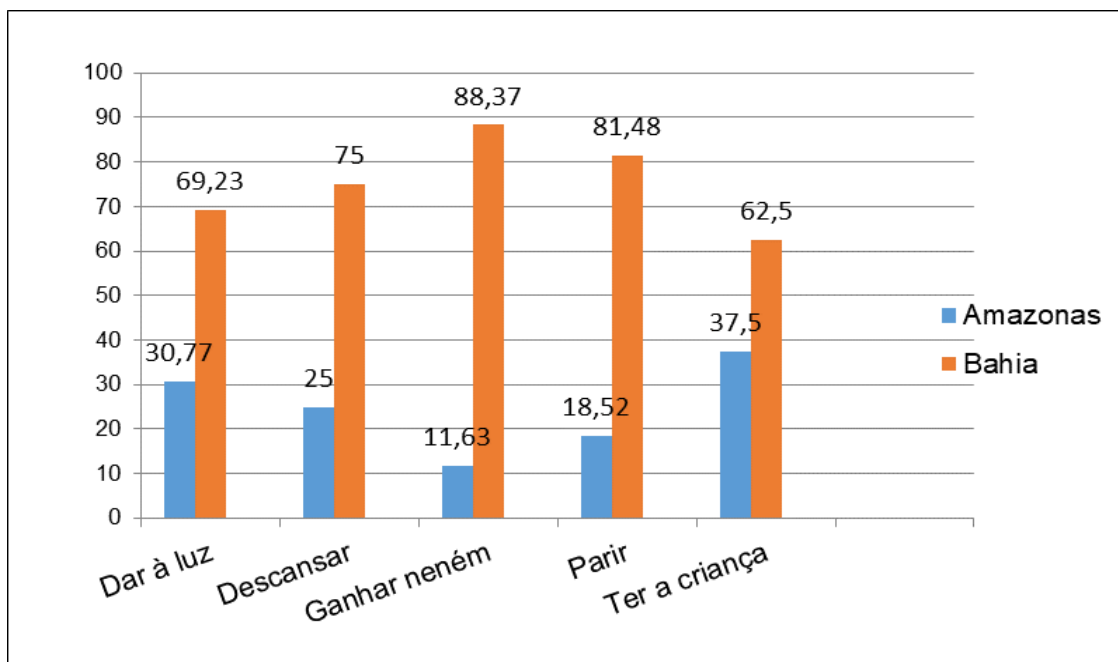
Considerando todas as localidades pesquisadas, a pergunta 124 motivou o registro de 16 designações, em 139 respostas válidas³.

No *corpus* analisado, as denominações mais frequentes para *Chama-se a parteira quando a mulher está para _____* foram *parir e ganhar neném*, com o percentual de 69,7% de ocorrência no conjunto das localidades em questão.

³ Após a exegese, alguns dados, como, por exemplo, *estar incomodada*, foram descartados por apresentar incoerência com a questão 124.

Levando em conta a significativa produtividade de designações para nomear esse referente, na sequência, o Gráfico 1 demonstra o índice percentual das cinco designações mais produtivas no conjunto dos dados pesquisados, distribuídas nos dois estados.

Gráfico 1 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “chama-se a parteira quando a mulher está para ____”, na Bahia e no Amazonas.



Como já pontuado, os dados do Gráfico 1 apontam *ganhar neném* como a mais produtiva no conjunto dos dados analisados na Bahia, enquanto que no Amazonas *ter a criança* é a que apresenta um percentual de ocorrência maior.

Parir, documentada nos dois Estados, apresenta alta produtividade na Bahia (81,48%), seguida do Amazonas com 18,52 % de ocorrência, o que representa 69,7% % das ocorrências referentes às respostas do QSL 124 nos dois Estados.

Para a designação *dar à luz* evidenciou-se um percentual de 69,23% na Bahia, enquanto obteve-se, no Amazonas, o valor de 30,77% das ocorrências, resultando em 18,7% das 139 respostas obtidas.

Por sua vez, as unidades lexicais *descansar* e *ter criança* foram mencionadas, apenas, oito vezes cada uma delas, na Bahia, o que corresponde a 5,7% das escolhas dos informantes.

No rol das variantes menos produtivas⁴ estão as realizações *ter filho* (7), *ganhar menino* (5), *ganhar o bebê* (4), *ter o menino* (3), *ter o bebê* (1), *trabalho de parto* (1), *com o sinal das dores* (1), *hora do parto* (1), *nascer o menino* (1) e *tirar o bebê* (1).

No que diz respeito às diferenças registradas no léxico analisado e referente a esses Estados, nessa questão, especificamente, dentre as estudadas neste trabalho, não é possível afirmar que a variação diatópica registrada na Bahia e no Amazonas sugere resultar de implicações históricas ou relacionadas ao tipo de povoamento, visto que os dados observados não foram suficientes para chegar a esta conclusão.

No tocante à variação social, podemos afirmar que os registros referentes à pergunta 124, não se caracterizaram como de uso específico de grupo social, apresentando-se, dessa forma, como gerais nas duas localidades.

Como se observa, as denominações comuns têm todas como elemento principal a forma verbal *dar*, *parir* e *ter* a que se junta, complementarmente, no caso de *dar*, dois elementos – à luz – e no caso de *ter* um segundo elemento — filho —, que vão indicar a natureza da motivação. As demais variantes, registradas com exclusividade na Bahia, ou têm como núcleo *dar* — dar neném —, *descansar*, *entrar* – no trabalho de parto –, *ganhar* – o neném, menino, o bebê – *nascer* – o menino –, *parir*, *pegar* – o neném – e *ter* – a criança, filho e menino. Dessa forma, os dados mostram, de forma explícita, uma maior

⁴ A questão 124 revelou, ainda como resposta, a unidade lexical *estar incomodada* (3 ocorrências) na Bahia, porém fora considerada como não válida devido a incoerência com a pergunta, uma vez que a expressão é utilizada como sinônimo de menstruação ou estar menstruada. Porém, como ocorreu três situações em que os falantes optaram por se referir a dar à luz como um ato de estar incomodada, consideramos aqui registrá-la: INQ_ Chama-se a parteira quando a mulher está para_____.

INF. _ Ganhar neném.

INQ. _ Ou então?

INF. _ Tá incomodada.

INQ. _ Diz de outro jeito?

INF. _ Não, não diz não.

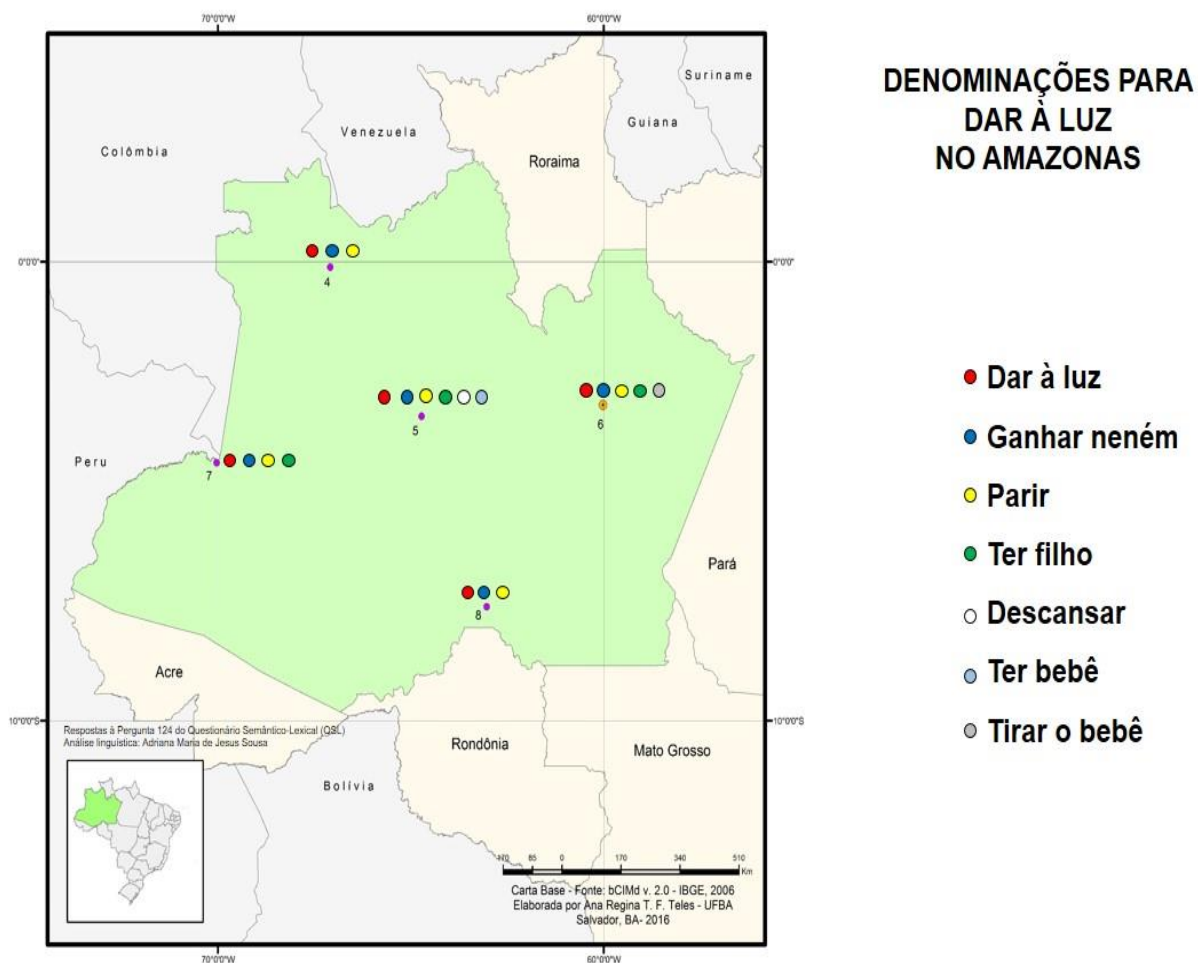
(Jequié, mulher, faixa II, nível fundamental)

Chama a atenção também o fraseologismo *pegar o neném*, com apenas uma ocorrência na Bahia. Para este estudo a avaliamos como não resposta.

produtividade da Bahia, em relação ao Amazonas, na seleção de formas a identificar o ato de parir.

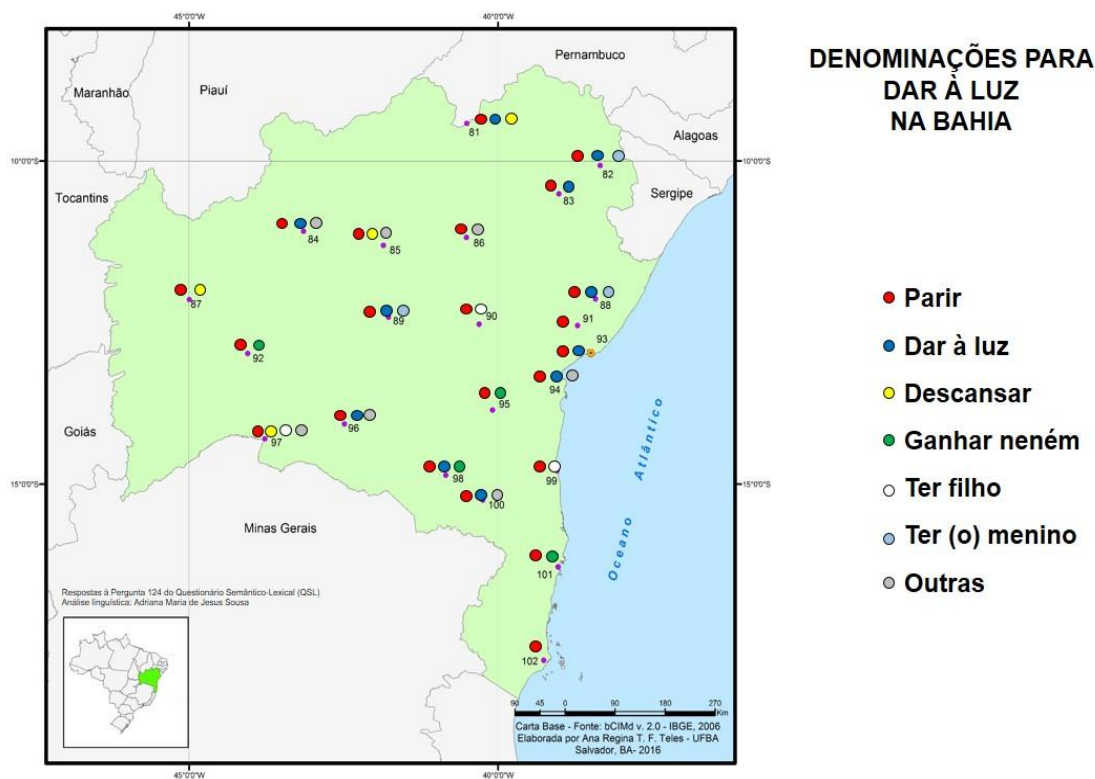
Da apresentação diatópica dos dados dão conta as Figuras 3 e 4 que assinalam, para cada Estado, as ocorrências, conforme indicadas no Quadro 3.

Figura 3 – Denominações para dar à luz no Amazonas



Observando as informações da Figura 3, confirma-se que as denominações *dar à luz*, *ganhar neném* e *parir* foram mencionadas em todas as localidades pesquisadas.

Figura 4 – Denominações para *dar à luz* na Bahia



Os dados cartografados na Figura 4 indicam, do conjunto das lexias registradas, que *descansar*, embora apresente um baixo índice de ocorrências, está presente em diferentes localidades do interior da Bahia.

5.2 GÊMEOS

Para a questão 125 do QSL, foram obtidas 145 ocorrências para o conceito *Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto?*, no entanto só se referem a duas escolhas lexicais, como é possível averiguar no quadro ,das quais a lexia *gêmeos* apresenta maior índice de ocorrência:

Quadro 4– Gêmeos no Amazonas e na Bahia

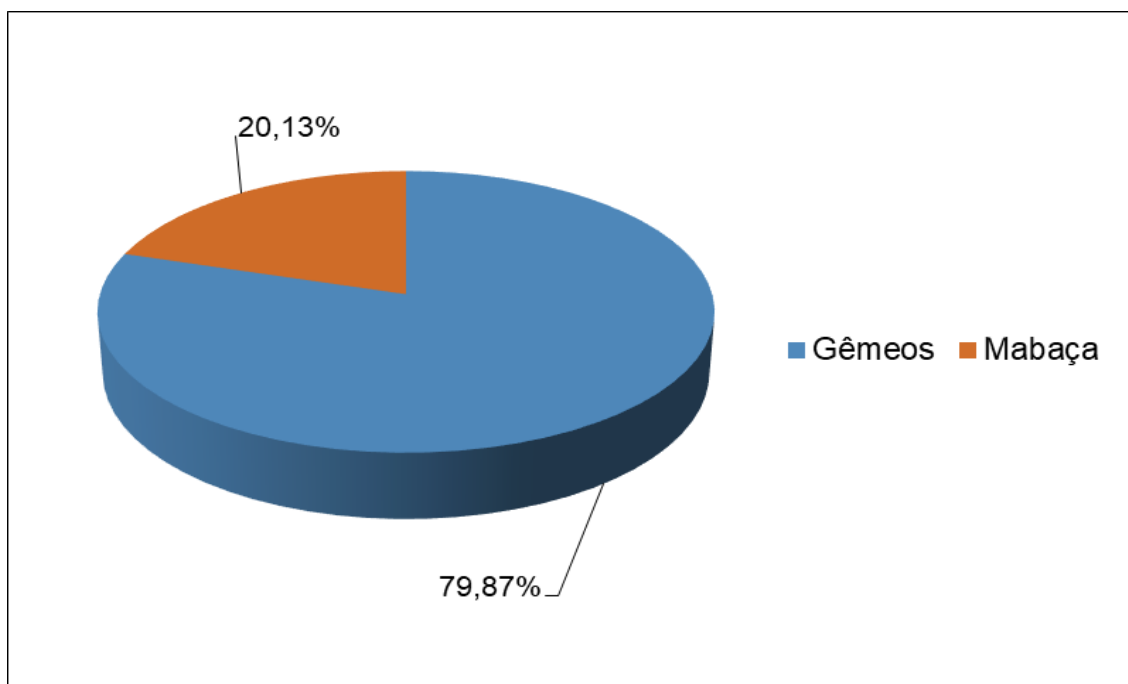
Gêmeos	
Amazonas	Bahia
Gêmeos	Gêmeos
	<i>Mabaça</i>

Levando em consideração as redes de pontos pesquisadas, a pergunta 125 motivou o registro de 02 denominações, em 143 respostas válidas.

Para 26 dos informantes, *gêmeos* afigura-se como primeira resposta – um informante no ponto 82, quatro realizações na rede de pontos 85, três do ponto 86, uma do 87, três informantes do ponto 88, uma do 89, três informantes do ponto 91, uma na 92, uma na 94, uma no 95, uma no ponto 96, duas no ponto 97, uma no 98, uma informante no ponto 99, uma outra do ponto 100, um outro registro no ponto 101.

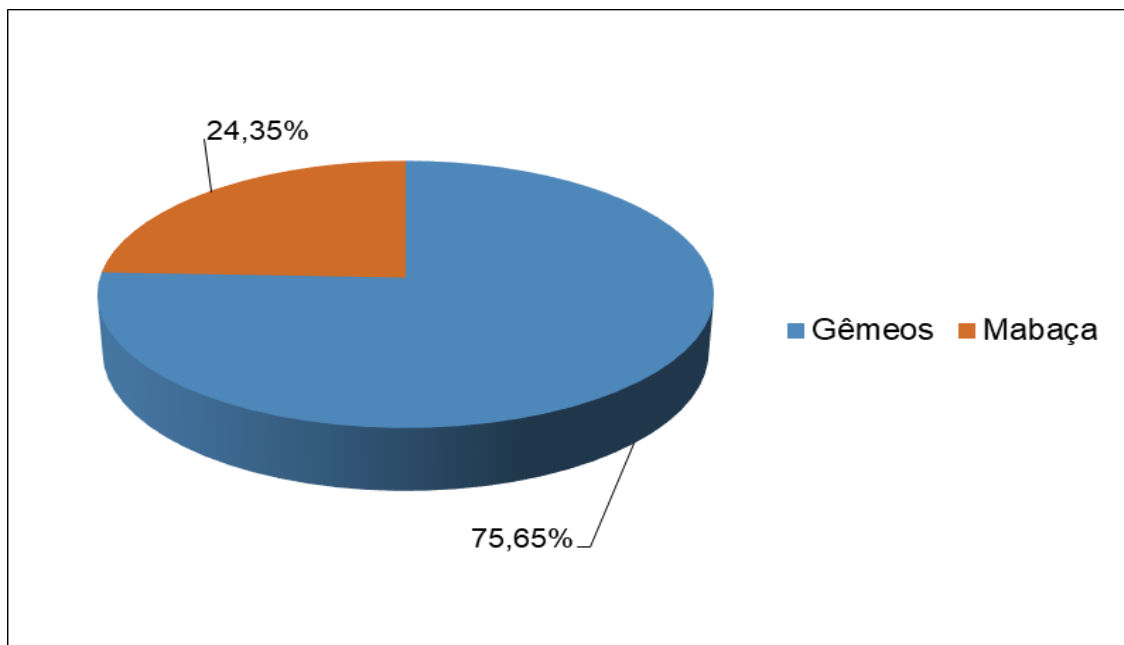
O Gráfico 2, a seguir, apresenta o panorama de dados obtidos para esta pergunta.

Gráfico 2 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “duas crianças que nasceram no mesmo parto”, na Bahia e no Amazonas



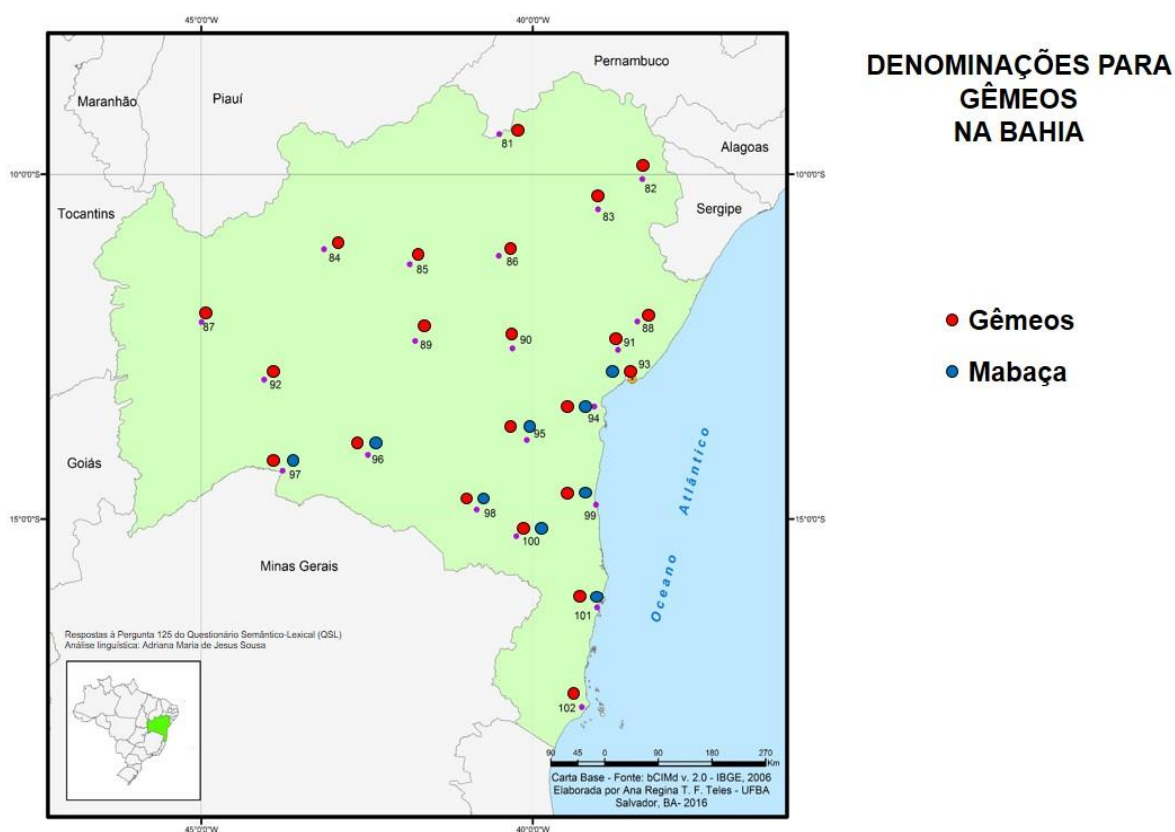
A variante que apresenta traço de cunho espacial para a questão 125 é *mabaça*, registrada apenas no território baiano com a distribuição apresentada no Gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “duas crianças que nasceram no mesmo parto”, na Bahia



A Figura 5 dá visibilidade à disposição de *gêmeos* e *mabaça* na Bahia.

Figura 5 - Denominações para *gêmeos* na Bahia



É interessante notar que a realização de *mabaça*, conforme é possível verificar na carta linguística, ocorre mais ao sul do Estado.

Os trechos dos inquéritos transcritos a seguir ilustram a realização desta variante:

INQ. – E como se chama duas crianças que nascem do mesmo parto?
 INF. – *Mabaça*.
 INQ. – Chama de outro jeito?
 INF. – Não. *Mabaça* mesmo.
 (Salvador, homem, faixa II, fundamental)

Acredita-se que a escolha da lexia *mabaça* deva-se à herança histórico cultural, provavelmente deixada em nosso vocabulário pelos negros, oriundos da África, e/ou os índios em decorrência de sua participação no engenho açucareiro, que contribuíram significativamente para o processo de formação sociocultural da localidade em estudo, como também para a linguagem.

Segundo Nascentes (1943), a palavra *mabaça* tem origem indígena (do tupi *wawa'su*) e é um adjetivo que significa gêmeo que nasce em segundo lugar. Conforme Houaiss (2001), a variante pertence ao quimbundo, e é um substantivo, que denota irmão ou irmã gêmea. Conforme Oliveira e Aguilera (2007) apenas Nascentes pensa ser uma palavra de origem indígena. Apesar da divergência entre os lexicógrafos, quanto à etimologia do termo, percebe-se que ambos atrelam à influência dos povos que inicialmente povoaram a Bahia.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a pergunta 125 do QSL do ALiB, “*Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto?*”, caracteriza-se como uma questão de baixa produtividade no que se refere a possibilidades de respostas.

5.3 ABORTO

No que se refere às respostas para “quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve_____”, encontramos 124 realizações. Contudo, esperava-se que os informantes de ambos Estados fornecessem como resposta ao questionamento feito um substantivo, conceituando a ação de perder o bebê. O Quadro 5 demonstra esse conjunto de designações, evidenciando a identidade de uso que se verifica entre as duas áreas.

Quadro 5 – Aborto no Amazonas e na Bahia

Aborto	
Amazonas	Bahia
Aborto	Aborto
	<i>Perda</i>

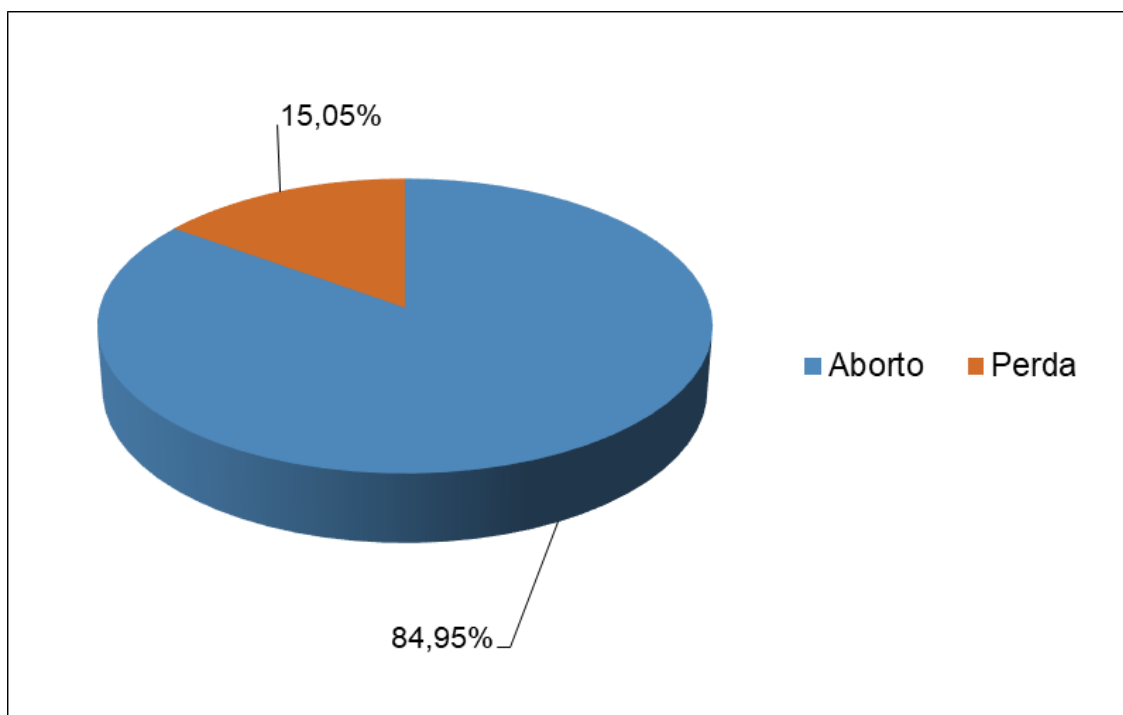
25 informantes da Bahia e 5 do Amazonas trouxeram como solução ao questionamento feito pelo inquiridor duas ações que foram consideradas como respostas não válidas: *abortar* e *perder a criança*. Cinco informantes não responderam à questão, resultando, para essa pergunta, 94 respostas válidas, com registro de apenas duas lexias, *aborto* e *perda* (com sua variante *perca*), segundo a transcrição que segue:

INQ. E quando às vezes, a mãe tá grávida e aí perde o filho...antes do dia de nascer perde o filho, a gente diz que ela teve o quê?

INF. *Uma perca!*

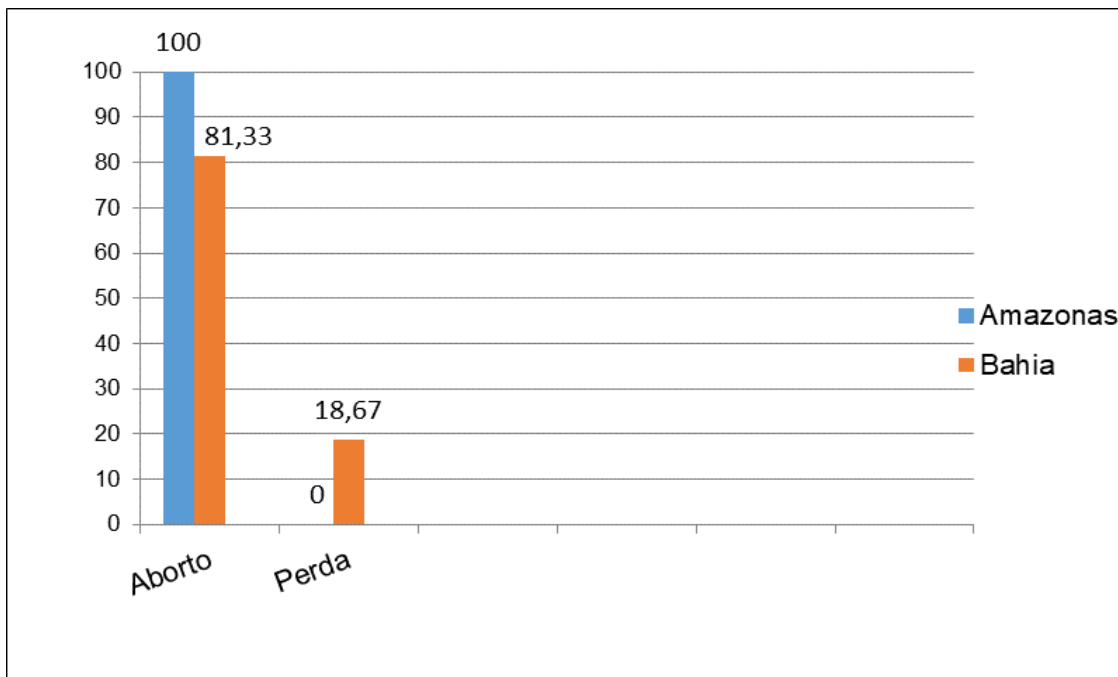
O Gráfico 4 a seguir apresenta o panorama de dados desta pergunta:

Gráfico 4 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve_____”.



O Gráfico 5 demonstra o índice percentual das designações distribuídas nos dois Estados.

Gráfico 5 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “quando a mulher perde o filho, se diz que ela teve_____”, por localidade.



Chama a atenção o uso da variante *mofi*, presente na fala da informante de Santana /Ba. A palavra *mofi* vai aparecer ,também,na questão 127, em que a mesma pessoa retoma para se referir ao aborto. É o único registro nas 28 cidades pesquisadas neste trabalho. *Mofi* é uma variante fonética da palavra *móvito*, lexia de origem latina que significa aborto. Abaixo registramos esta ocorrência:

INQ - Quando a mulher grávida perde o filho, se diz que ela teve um _____

INF.- *Mofi* ou aborto.

INQ._ Então se diz que ela.....

INF._ *Perdeu a criança*

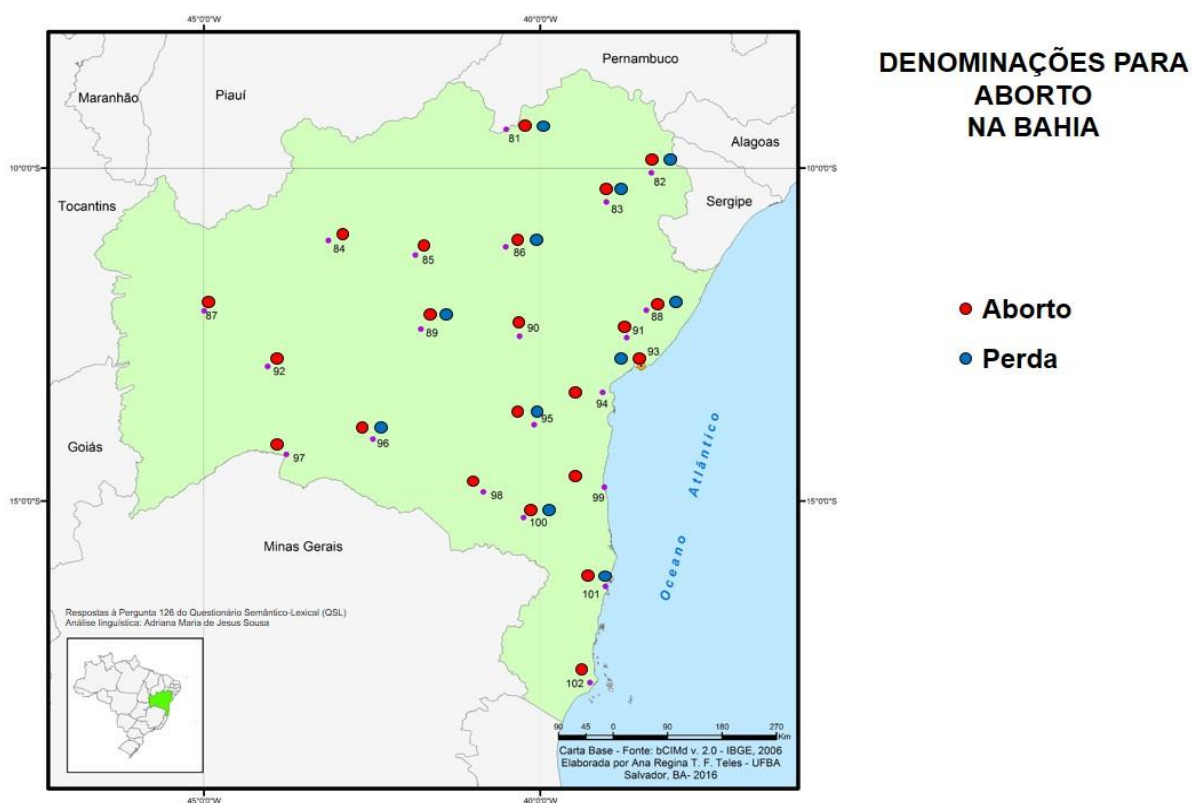
INQ_ Hum ...hum. Pode ser de outra maneira?

INF._ Botou fora, teve um *Mofi*...teve um aborto.

(Santana, mulher, faixa II, nível fundamental)

Para demonstrar a fotografia diatópica com a distribuição espacial dos dados da Bahia, apresenta-se o mapa a seguir.

Figura 6 - Denominações para *aborto* na Bahia



Controlando a dimensão diatópica, é possível observar que nessa questão o vocábulo *aborto* foi o mais recorrente, com 79 ocorrências, aparecendo nas falas dos informantes baianos e amazonenses, enquanto a lexia *perda* foi registrada 14 vezes, com realizações distribuídas apenas nas localidades baianas - nos pontos: Juazeiro (1), Jeremoabo (1), Euclides da Cunha (1), Jacobina (2), Alagoinhas (2), Itaberaba (2), Jequié, Caetité (2), Itapetinga (1) e Santa Cruz de Cabrália (1), por este motivo não cartografamos o Amazonas para esta questão.

5.4 ABORTAR

Os itens lexicais obtidos como resultado do questionamento acerca de *Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?* totalizaram 66 unidades apropriadas em todo o território em questão, que resultaram no conjunto assim evidenciado:

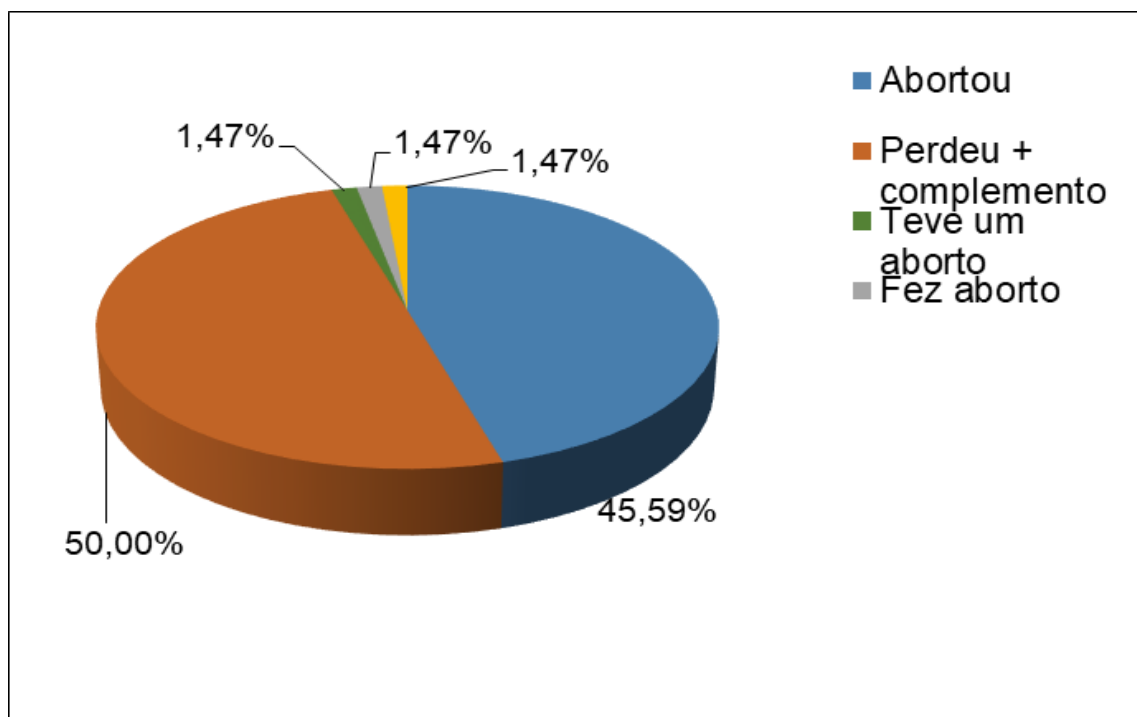
Quadro 6– *Abortar* no Amazonas e na Bahia

Abortar	
Amazonas	Bahia
<i>Abortou</i>	<i>Abortou</i>
<i>Perdeu + complemento verbal</i>	<i>Perdeu +complemento verbal</i>
	<i>Teve um aborto</i>
	<i>Fez aborto</i>
	<i>Teve um mofi</i>

No computo das realizações linguísticas alusivas à QSL 127, os estados apresentaram em comum duas variantes, e três que foram realizadas apenas na Bahia.

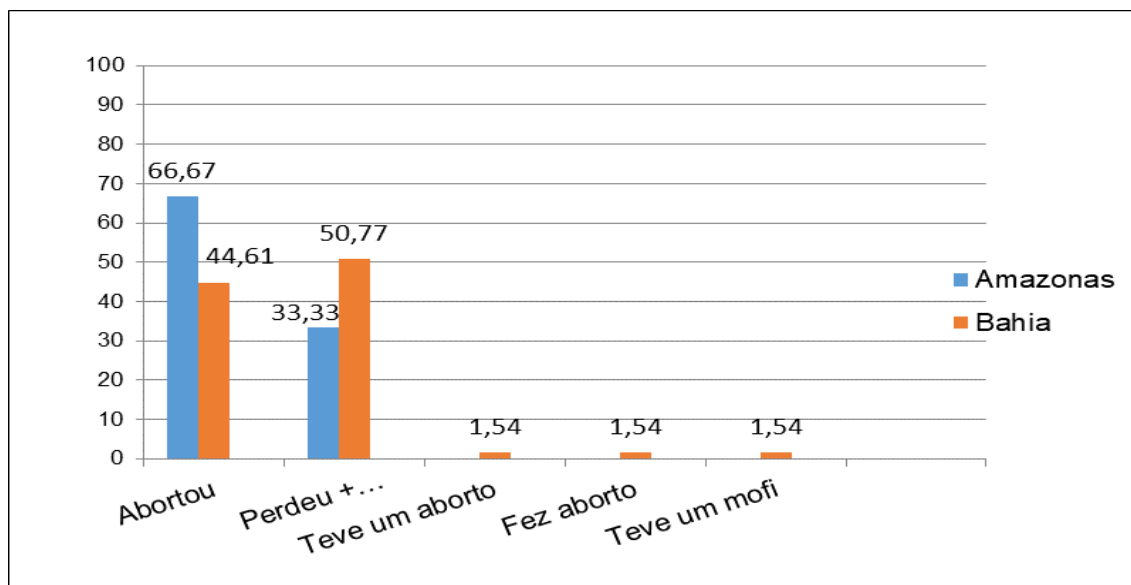
A frequência dos dados referentes à questão 127 podem ser visualizados em percentuais no Gráfico 6, adiante.

Gráfico 6 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?”, na Bahia e no Amazonas



As variantes apresentam a distribuição quantitativa nos Estados pesquisados que é visualizada no Gráfico 7.

Gráfico 7 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?”, por localidade.



Vale considerar que as unidades lexicais compostas pelo verbo *perder* + *complemento verbal* foram agrupadas, conforme verifica-se no quadro adiante.

Quadro 7 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?” na Bahia e no Amazonas.

VARIANTE	BAHIA	AMAZONAS	TOTAL	FREQUÊNCIA
<i>Perdeu</i>	33	01	34	50%
<i>Perdeu a criança</i>				
<i>Perdeu o filho</i>				
<i>Perdeu o neném</i>				
<i>Abortou</i>	29	02	31	45,5%
<i>Teve um aborto</i>	01	0	01	1,5%
<i>Fez aborto</i>	01	0	01	1,5%
¹⁵ <i>Teve um mofi</i>	01	0	01	1,5%

⁵ Caso relatado na análise da QSL 126.

Na análise das questões em estudo, a QSL 127 foi a que apresentou um número maior de respostas não válidas e um elevado número de informantes declarou não conhecer denominação para o caso ou não se lembrar. Isto provavelmente se deve às questões sociais. Encontramos 20 respostas incoerentes nos inquéritos do Amazonas e por quatro vezes o inquiridor não realizou o questionamento.

Tivemos ainda escolhas cujas ocorrências foram baixas, uma para cada uma delas, conforme aparece no quadro anterior.

No caso da questão interligada à anterior, 126 e 127, alguns informantes responderam às duas questões, quando da formulação para QSL 126, sem qualquer prejuízo para o registro dos dados que se apresentam cartografados a seguir e expostos nas Figuras 7 e 8.

Figura 7 – Denominações para *abortar* no Amazonas

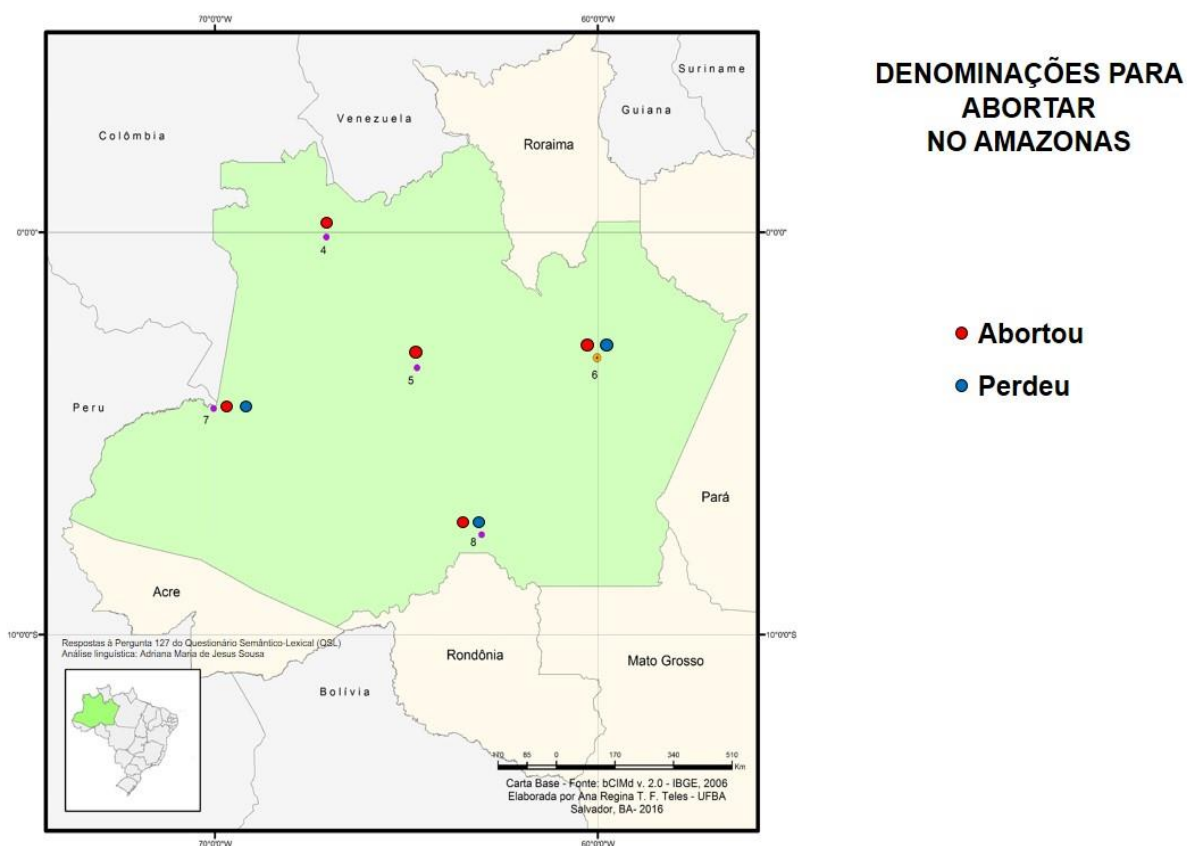
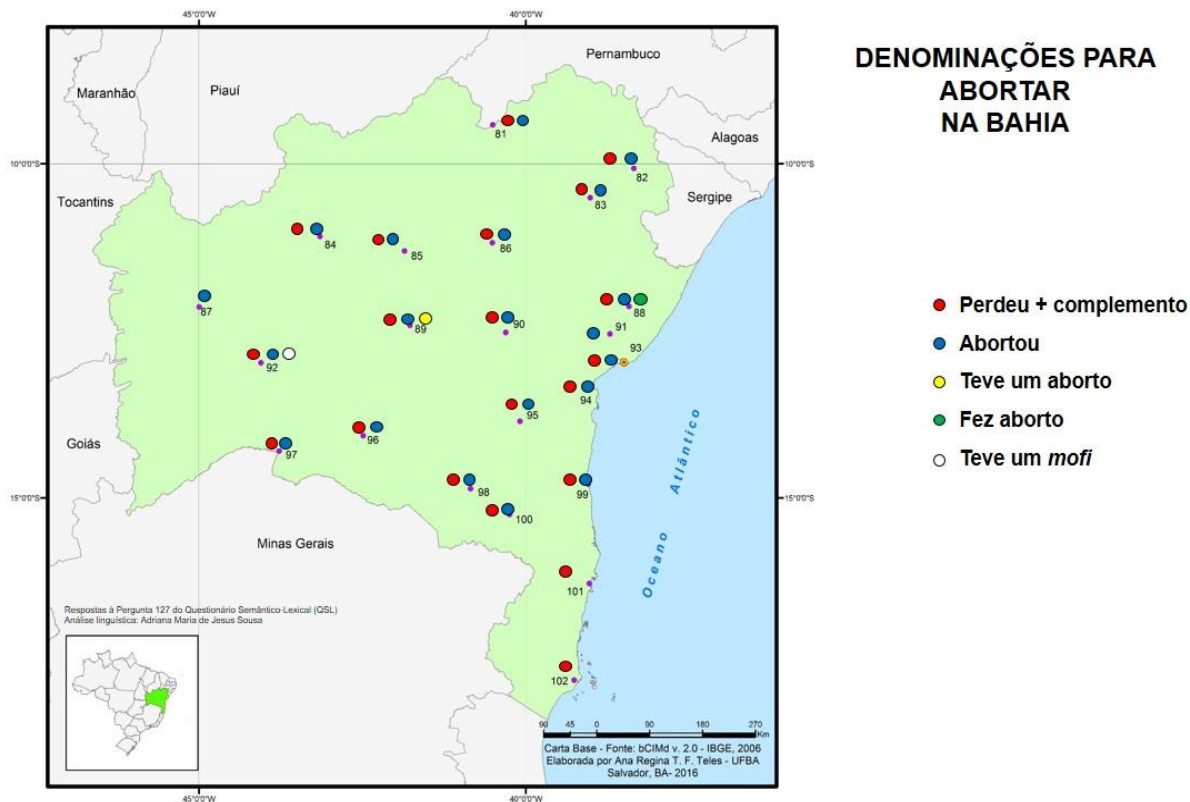


Figura 8 – Denominações para *abortar* na Bahia



Vale salientar que, em alguns momentos, surgiram dificuldades de compreensão por parte de alguns informantes, e necessidade de várias reformulações por parte dos inquiridores, sempre, objetivando obter o máximo de esclarecimentos. Ainda assim, alguns realizaram respostas inapropriadas para a questão 127.

5.5 MÃE-DE-LEITE

A pergunta *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?* Gerou como resultado oito unidades lexicais em um quadro de 99 ocorrências e 10 abstenções. No quadro a seguir, é possível observar a identidade de uso que se verifica entre os dois estados.

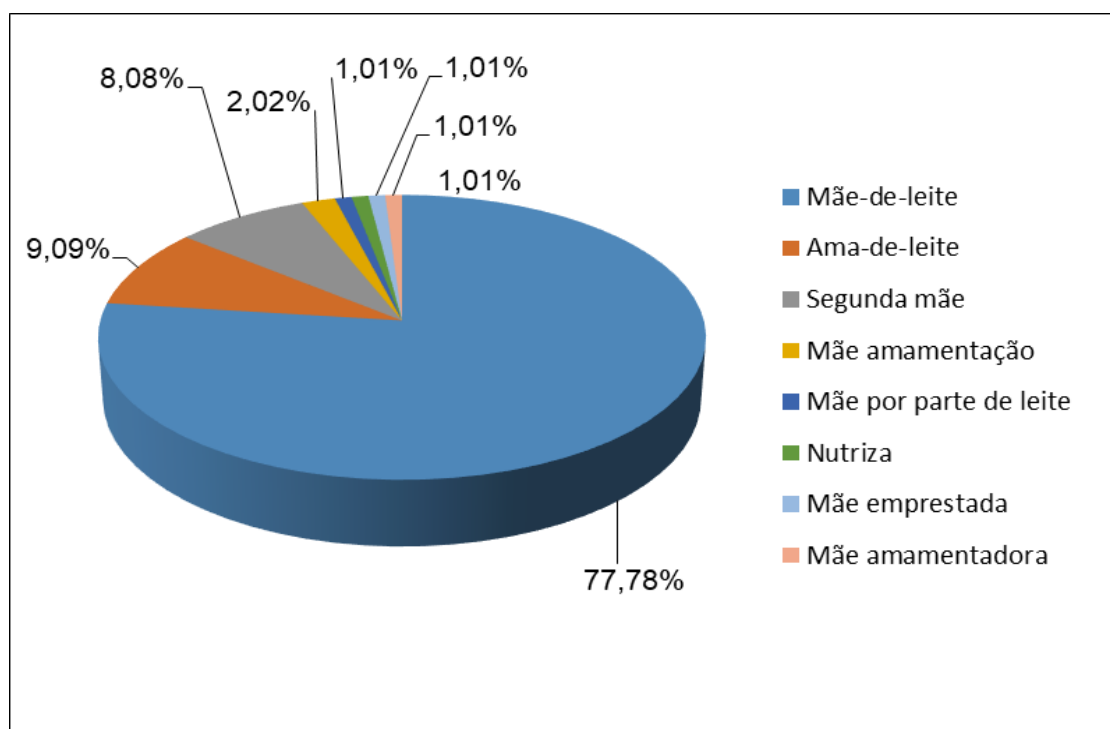
Quadro 8 - Mãe -de- leite no Amazonas e na Bahia

Mãe-de-leite	
Amazonas	Bahia
Mãe- de -leite	Mãe-de-leite
Ama-de-leite	Ama-de-leite
Segunda mãe	Segunda mãe
Mãe amamentação	Mãe amamentação
<i>Nutriza</i>	
<i>Mãe por parte de leite</i>	
	<i>Mãe emprestada</i>
	<i>Amamentadora</i>

Os 77 registros da lexia *mãe-de-leite* representam 77% das respostas válidas, sendo a mais produtiva nos dois Estados. A segunda variante mais produtiva é *ama-de-leite* com nove efetivações. *Mãe emprestada*, *nutriza*, *mãe por parte de leite* e *amamentadora* aparecem cada uma com apenas um registro, configurando cada uma delas 1% do conjunto de variantes válidas registradas.

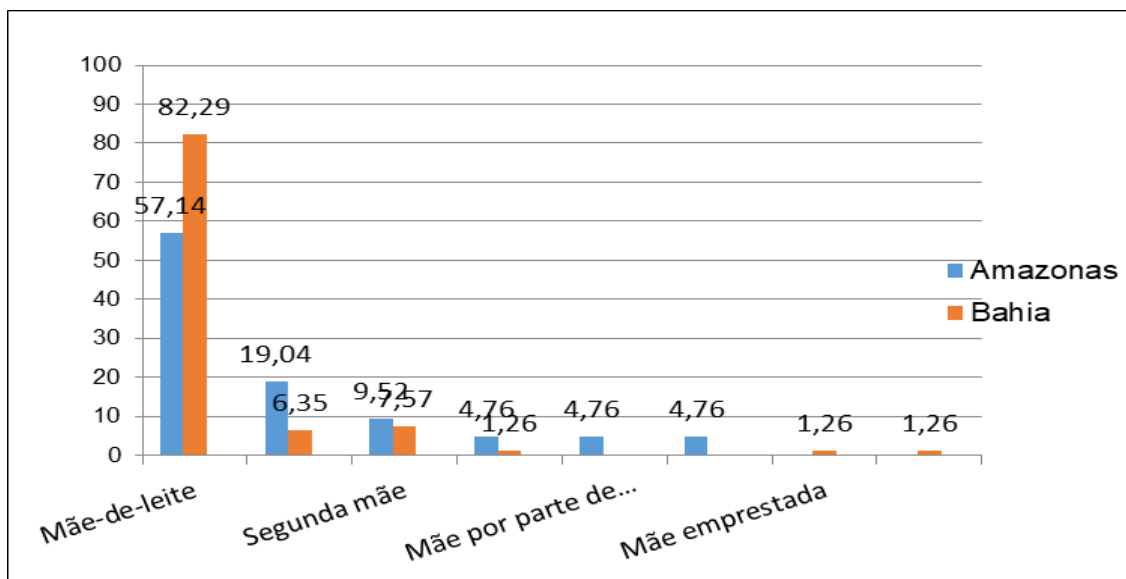
Esses dados são apresentados em percentuais no Gráfico 8, a seguir.

Gráfico 8 – Distribuição das designações mais produtivas para designar *Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?*



A distribuição quantitativa nos estados pesquisados se apresenta conforme se ilustra no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?”, na Bahia e no Amazonas.



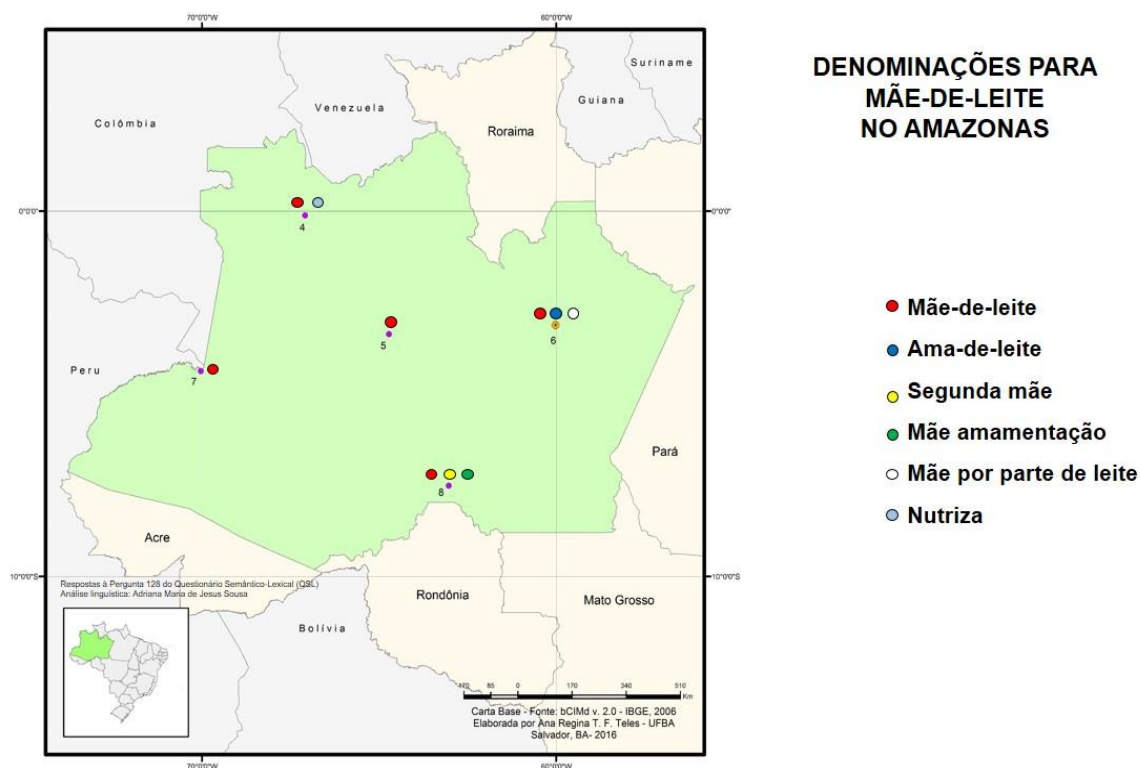
No Quadro 5, é possível visualizar a distribuição dessas escolhas.

Quadro 9 – Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?” na Bahia e no Amazonas.

VARIANTE	BAHIA	AMAZONAS	TOTAL	FREQUÊNCIA
<i>Mãe de leite</i>	65	12	77	77%
<i>Ama de leite</i>	05	04	09	9%
<i>Segunda mãe</i>	06	02	08	8%
<i>Mãe amamentação</i>	01	01	02	2%
<i>Mãe por parte de leite</i>	00	01	01	1%
<i>Nutriza</i>	00	01	01	1%
<i>Mãe emprestada</i>	01	00	00	1%
<i>Amamentadora</i>	01	00	01	1%

O registro dos dados do Estado do Amazonas se encontra cartografado na Figuras 9, a seguir.

Figura 9 – Denominações para *mãe-de-leite* no Amazonas



A variante *nutriza*, resposta dada por uma informante de São Gabriel da Cachoeira, nos chama a atenção pela sua origem espanhola. A seguir, apresenta-se o exemplo com o contexto dessa denominação:

INQ- Quando a mãe não tem leite e outra mulher amamenta a criança, como chamam essa mulher?

INF.- Eu sabia, mas agora não sei...minha irmã passou por isso. Teve filhos e não tinha leite. Aí outra mulher deu...

INQ- E essa mulher ficou sendo o quê?

INF- Ficou sendo *nutriza*. Não é *nutriza*?

INQ- Este é o que você aprendeu com os médicos. E o que vocês usam aqui, falam em casa?

INF- Pois, eu não sei não.

(São Gabriel da Cachoeira, mulher, faixa II, nível fundamental)

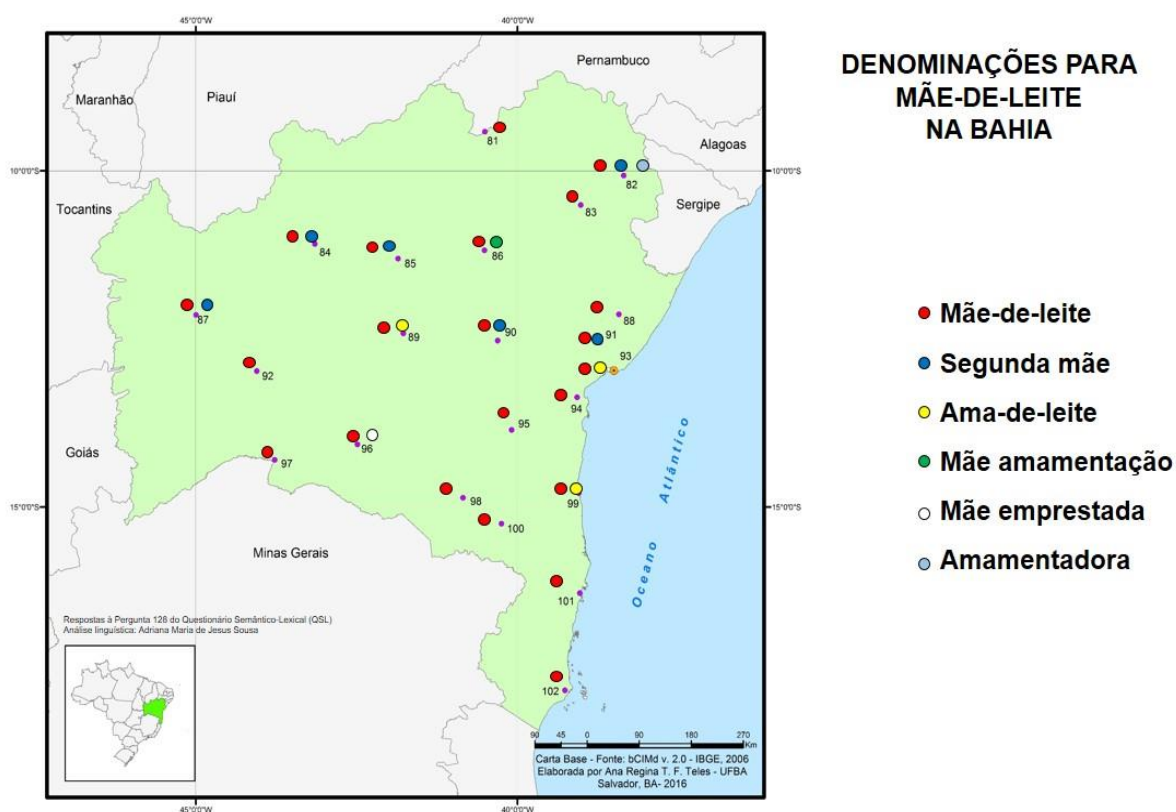
Acredita-se que a escolha pelo vocábulo “nodriza”(nutriza) é motivada pela influência de determinantes extralinguísticos, como a localização geográfica, o contato com a língua espanhola e a história sociocultural no repertório lexical da população de uma região, visto que São Gabriel da

Cachoeira fica situado no extremo noroeste do Brasil. É um dos municípios fronteiriços do país, fazendo divisa com dois países sul-americanos. Limita-se ao norte com a Colômbia e a Venezuela.

Outro fator interessante é que ,no município, nove entre dez habitantes são indígenas, sendo a cidade com maior predominância de indígenas no Brasil. No entanto, não percebemos nos dados aqui avaliados vestígios da língua dos autóctones.

O número de abstenções para este item se deve ao desconhecimento do conceito. Alguns informantes, mesmo na retomada das questões, não conseguiram responder à pergunta.

Figura 10 – Denominações para *mãe-de-leite* na Bahia



No que se refere aos dados da Bahia, é possível perceber que a maioria dos informantes optou pela denominação *mãe de leite*, assim a variante está presente em diferentes pontos do território baiano. A segunda variante mais produtiva é segunda mãe, aparecendo em seis diferentes localidades. Já ama de leite, é realizada, apenas, em três cidades: Salvador, Seabra e Ilhéus.

5.6 IRMÃO DE LEITE

A questão que busca obter como resposta denominações referentes ao *O próprio filho da ___ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*, contou com três respostas presentes nos dois territórios em estudo — Ao lado dessas, documenta-se um conjunto de variantes que se mostram próprias apenas do Amazonas e da Bahia. Como apresenta o quadro 10.

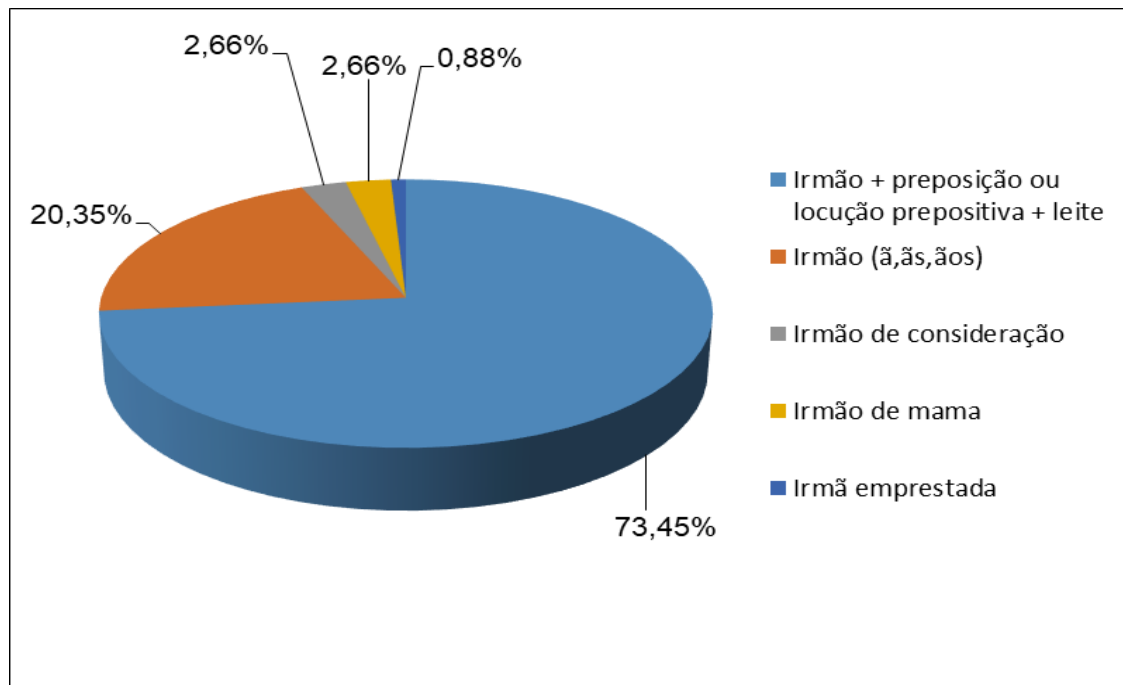
Quadro 10 – Irmão de leite no Amazonas e na Bahia

<i>Irmão de leite</i>	
Amazonas	Bahia
<i>Irmão de Leite</i>	<i>Irmão de Leite</i>
<i>Irmão só de leite</i>	<i>Irmão só de leite</i>
<i>Irmão por parte de leite</i>	<i>Irmão por parte de leite</i>
<i>Irmão pelo leite</i>	<i>Irmão pelo leite</i>
<i>Irmão (ã,ãs,ãos)</i>	<i>Irmão (ã,ãs,ãos)</i>
<i>Irmão de consideração</i>	<i>Irmão de consideração</i>
	<i>Irmão de mama</i>
	<i>Irmã emprestada</i>

Considerando todas as localidades pesquisadas, a pergunta motivou o registro de 08 designações, em respostas válidas. No entanto, para análise, foram agrupadas as quatro primeiras denominações listadas no quadro 10, haja vista todas seguirem a mesma estrutura (*irmão+preposição ou locução prepositiva+ leite*).

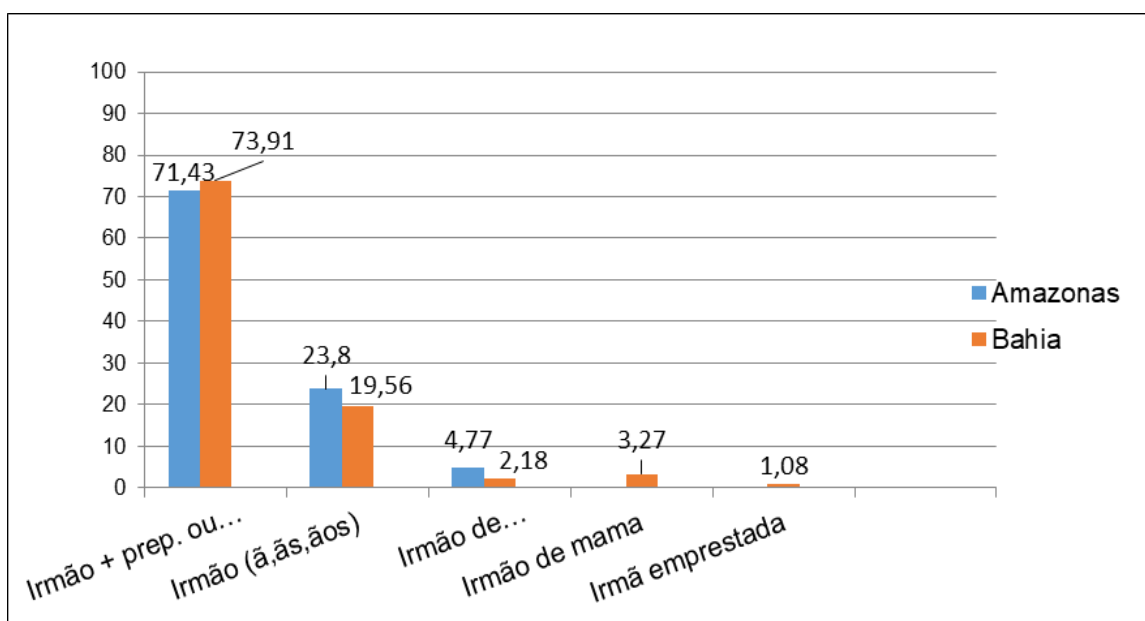
Do conjunto das designações arroladas para nomear *O próprio filho da ___ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?*, é possível verificar a distribuição quantitativa vista no Gráfico 10.

Gráfico 10 – Distribuição quantitativa das designações para “O próprio filho da ___ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?”.



Os dados quantitativos, numa perspectiva diatópica, se apresentam do modo como ilustra o Gráfico 11.

Gráfico 11 – Distribuição diatópica das designações para “O próprio filho da ___ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?”, por localidade.



A unidade lexical formada por *irmão + preposição ou locução prepositiva + leite* foi a mais produtiva, tendo atingido o percentual de 73,9% das 113 ocorrências. A segunda resposta mais produzida foi *irmão* e sua variação em número e gênero, com 23 ocorrências. O Quadro 6, a seguir, apresenta as designações mais produtivas no conjunto dos dados analisados, com seus respectivos percentuais de ocorrência segundo cada Estado.

Quadro 11– Distribuição diatópica das designações mais produtivas para designar “O próprio filho da ____ (cf. item 128) e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?” na Bahia e no Amazonas.

VARIANTE	BAHIA	AMAZONAS	TOTAL	FREQUÊNCIA
Irmão de Leite Irmão só de leite Irmão por parte de leite Irmão pelo leite	68	15	83	73%
Irmão (ã,ãs,ãos)	18	05	23	20%
Irmão de consideração	02	01	03	3%
Irmão de mama	03	00	03	3%
Irmã emprestada	01	00	01	1%

Observa-se que as principais unidades lexicais referentes à relação parental entre o filho da mãe de leite e o filho de outra mulher a quem ela amamenta ocorrem em todos os territórios pesquisados, não apresentando, desse modo, uma marca diatópica, como pode ser verificado nos mapas apresentados nas Figuras 11 e 12.

Figura 11 – Denominações para *irmão de leite* no Amazona

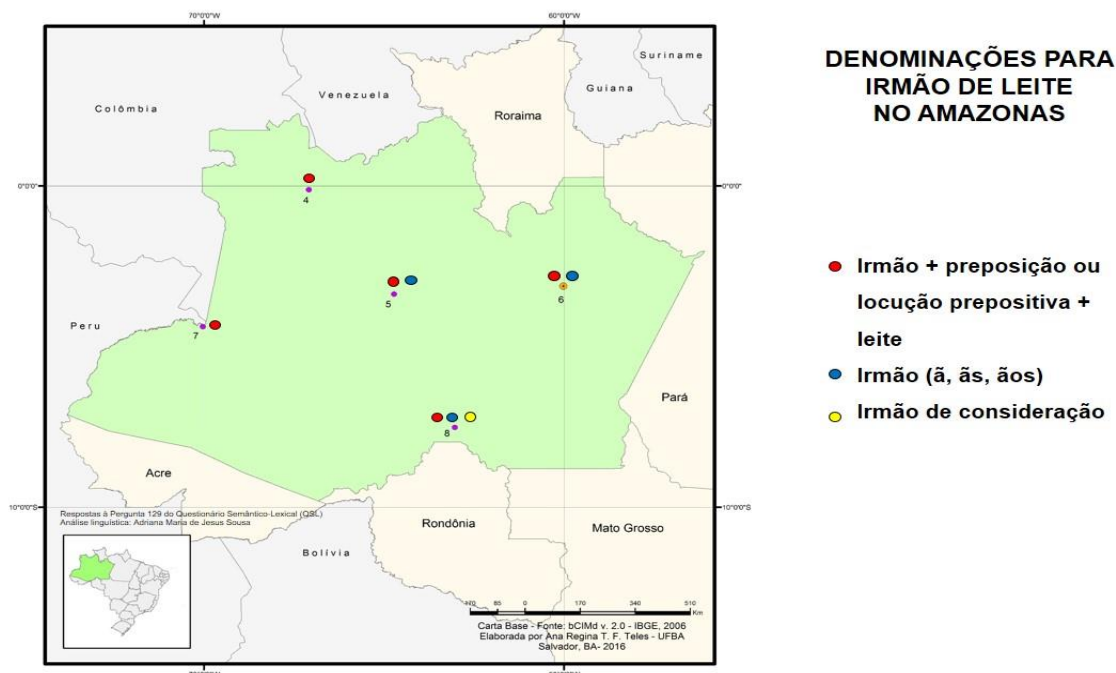
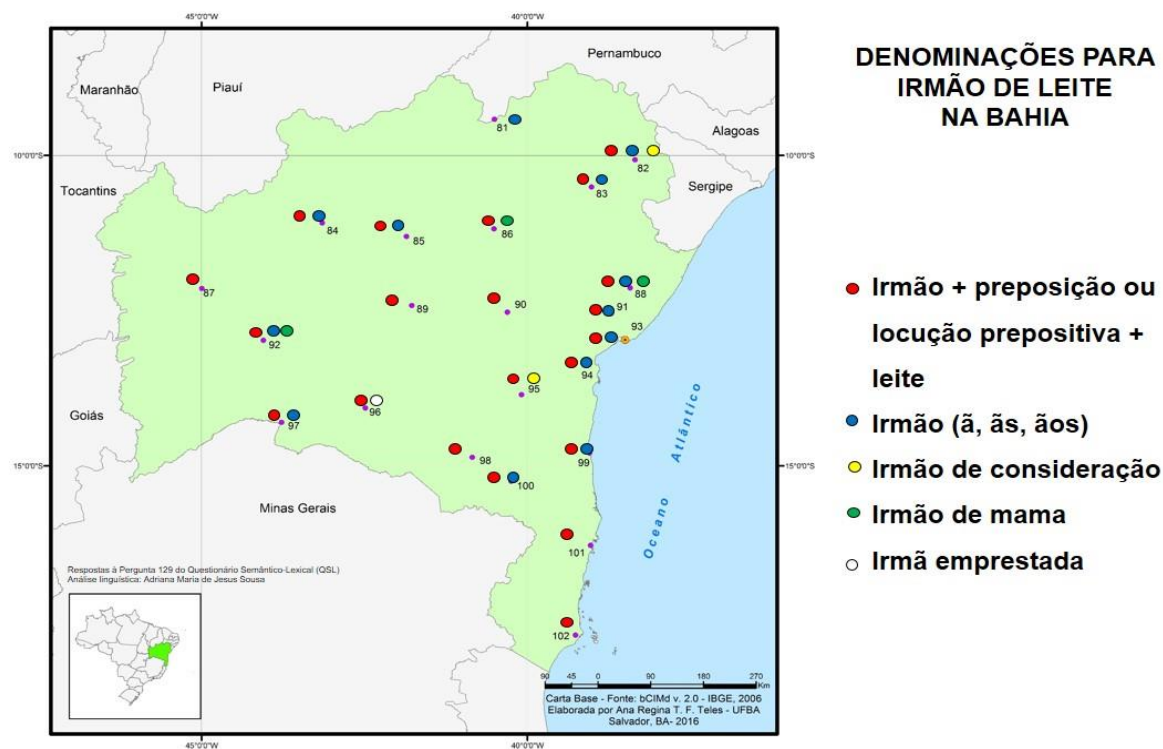


Figura 12 – Denominações para *irmão de leite* na Bahia



Vale considerar que, para esse item, além das lexias válidas, foram encontradas nos áudios dos inquiridos respostas inapropriadas para a pergunta proposta, especificamente no interior da Bahia: vizinho (1), primo(2), colega(1), irmãos adotivos (2) filho segundo (1). Para melhor ilustrar essas ocorrências, apresentam-se os excertos de inquiridos em que, nas respostas para irmão de leite, os informantes citaram uma variante não correspondente:

INQ. – O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o quê um do outro?

INF. – São *irmãos adotivos*, né?

INQ. – É chama assim?

(Santana, homem, faixa etária II, fundamental)

O estudo das designações para o “O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o quê um do outro” mostrou que os itens lexicais *irmão de leite* e suas variações integram a norma lexical dos habitantes da Bahia e do Amazonas para nomear o referente em questão.

Nas redes de pontos em estudo, identificamos os seguintes tipos de fraseologismo, dos quais apresentamos descrição seguida de exemplo ilustrativo:

a) substantivo + prep. de + substantivo - *exemplos: irmão de leite; irmão só de leite; irmão por parte de leite; irmão pelo leite; irmão de consideração; irmão de mama*

b) substantivo + adjetivo - *irmã emprestada*

Tais dados podem ser exemplificados nos contextos seguintes:

INF. – Fala que...agente geralmente fala que é a segunda mãe da criança.

INQ. - O próprio filho da mãe de leite e a criança que ela amamenta são o quê um do outro

INF. – É irmãos

INQ. – Irmão?

INF. – *Irmão de...de leite* que a gente fala.

(Santo Amaro, mulher, faixa etária II, fundamental)

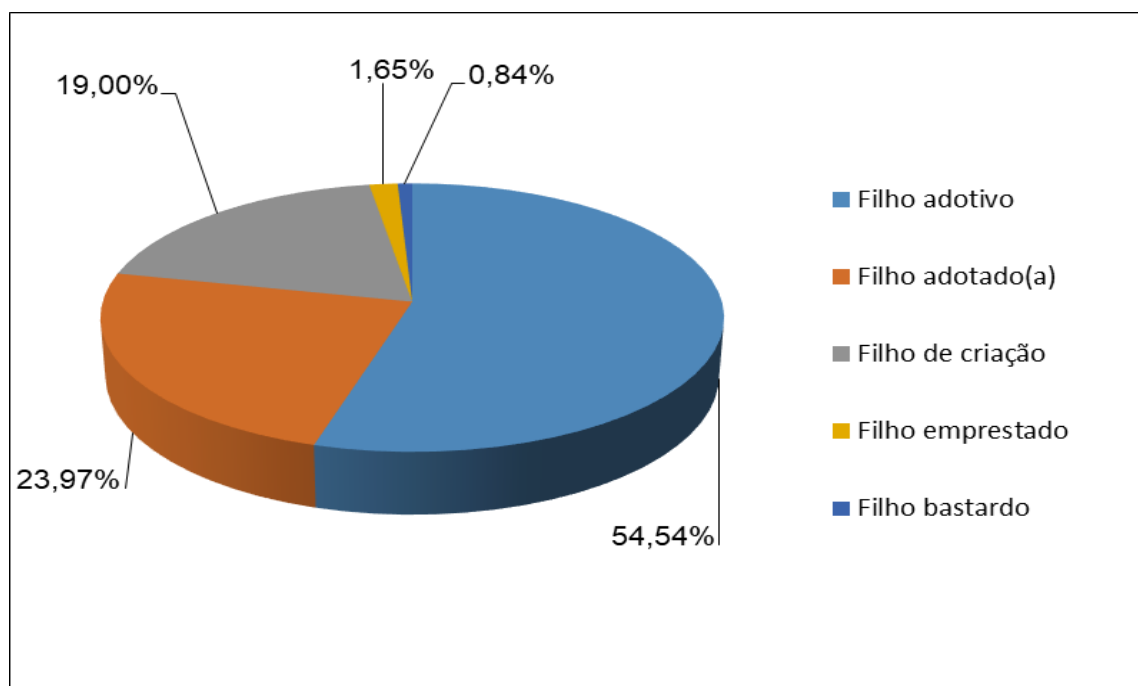
5.7 FILHO ADOTIVO

A partir da observação das escolhas para *Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal, mas é criado por ele como se fosse?* Fez-se o levantamento de 124 ocorrências, das quais verificamos as coincidências e divergências entre Bahia e Amazonas.

Quadro 12 – Filho adotivo no Amazonas e na Bahia

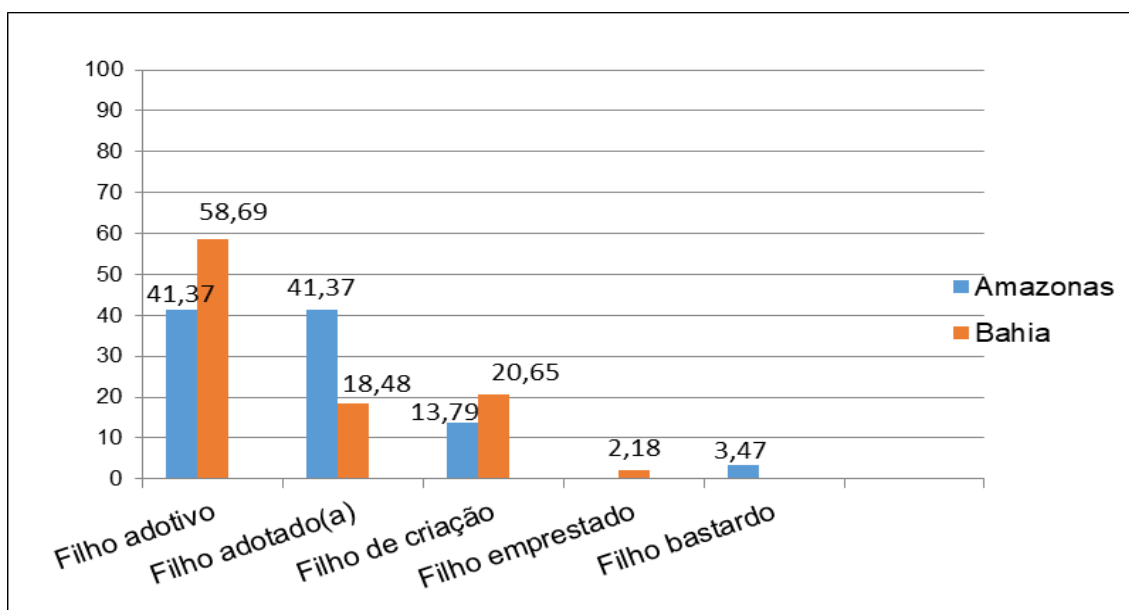
<i>Filho adotivo</i>	
Amazonas	Bahia
<i>Filho adotivo</i>	<i>Filho adotivo</i>
<i>Filho adotado(a)</i>	<i>Filho adotado(a)</i>
<i>Filho de criação</i>	<i>Filho de criação</i>
	<i>Filho emprestado</i>
<i>Filho bastardo</i>	

É possível verificar as ocorrências destas escolhas, em percentual, no seguinte gráfico .

Gráfico 12 – Distribuição quantitativa das designações para “Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal”.

Numa perspectiva diatópica, os dados quantitativos se apresentam da forma exposta no Gráfico 13, nos Estados pesquisados.

Gráfico 13 – Distribuição diatópica das designações para “Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal”, na Bahia e no Amazonas



No Quadro 13, a seguir, é possível visualizar a discriminação das ocorrências encontradas no *corpus*.

Quadro 13– Distribuição diatópica das designações para “Como se chama a criança que não é filho verdadeiro do casal”, na Bahia e no Amazonas

VARIANTE	BAHIA	AMAZONAS	TOTAL	FREQUÊNCIA
<i>Filho adotivo</i>	54	12	66	54,5%
<i>Filho adotado(a)</i>	17	12	29	24%
<i>Filho de criação</i>	19	04	23	19%
<i>Filho emprestado</i>	02	00	02	1,5%
<i>Filho bastardo</i>	00	01	01	1%

As informações dadas pelos falantes das 28 localidades resultaram na seleção de seis unidades lexicais. Fora registrado, ainda, uma ocorrência para cada uma das variantes: *criado*, *criança adotada*, *criança adotiva*, *filho de consideração*. E, ainda, uma lexia não válida para essa pergunta (*enteado*), a

qual teve três ocorrências. Vale ressaltar que, para tal questão, tivemos três respostas não obtidas.

Os dados se apresentam com a fotografia diatópica expressa nos mapas expostos nas Figuras 13 e 14.

Figura 13 – Denominações para *filho adotivo* no Amazonas

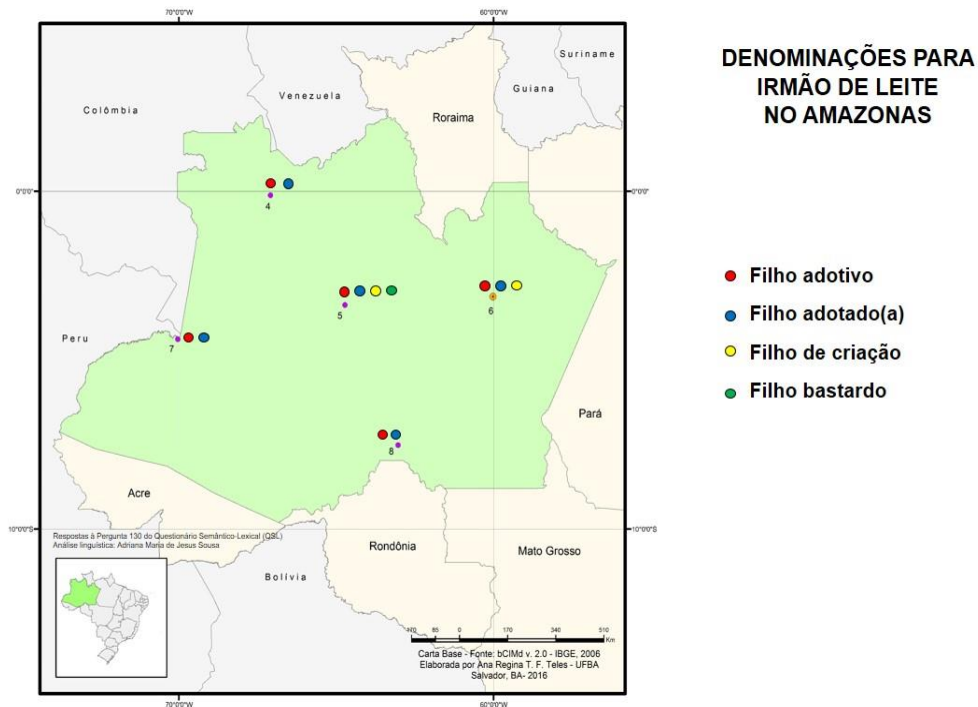
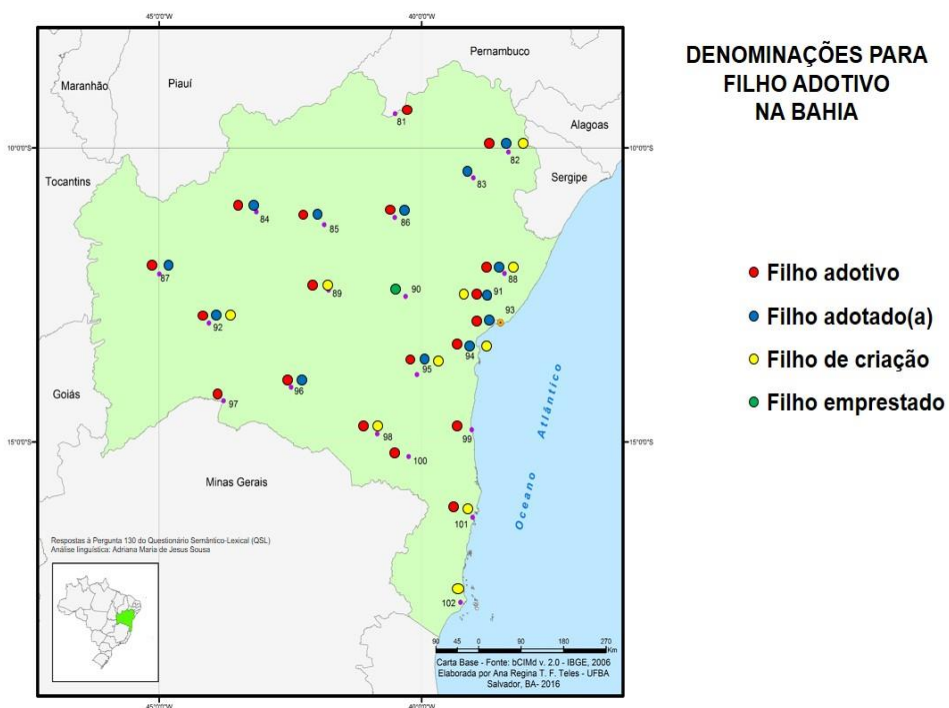


Figura 14 – Denominações para *filho adotivo* na Bahia



Considerando a forma como os fraseologismos se estruturam, identificamos nas respostas ao QSL 130:

- a) substantivo + prep. de + substantivo — *ex.:. filho de criação*
- b) substantivo + adjetivo — *ex.:. filho adotivo; filho bastardo; filho emprestado.*

Tais dados podem ser exemplificados nos contextos seguintes:

INQ. - Quando você pega os casais, às vezes, não pode nem ter filho, e pega uma criança para criar, como é que chama essa criança?
 INF.– *Filho adotivo.*
(Seabra, homem, faixa etária II, fundamental)

INQ. - Quando você pega os casais, às vezes, não pode nem ter filho, e pega uma criança para criar, como é que chama essa criança?
 INF.– *Filho adotivo.*
 INQ. – *Chama de outro jeito?*
 INF. - *Filho de criação. Quando a pessoa era mais atrasada de primeira, era filho bastardo.*
(Tefé, mulher, faixa II, fundamental)

5.8 FILHO MAIS MOÇO/CAÇULA

Para a questão 131, *Como se chama o filho que nasceu por último?*, documentamos 117 ocorrências, duas ausências de formulação e quatro abstenções. Buscamos representar ,no quadro que segue, as semelhanças de escolhas lexicais entre o estado da Bahia e do Amazonas, assim como as suas particularidades.

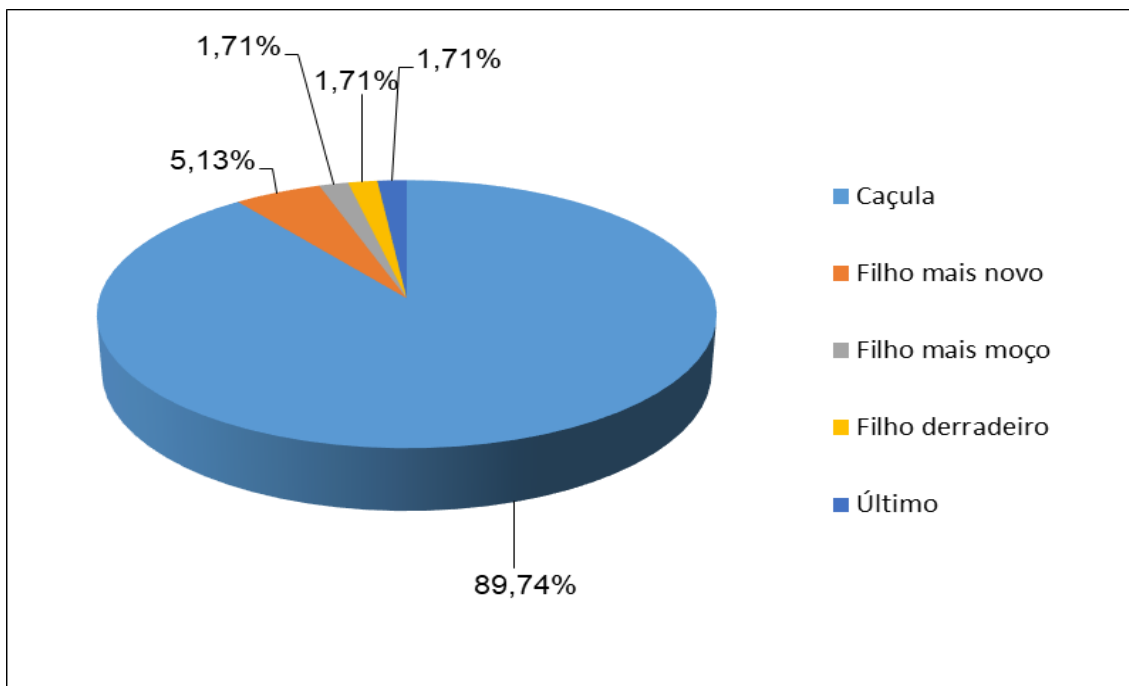
Quadro 14 – *Caçula* no Amazonas e na Bahia

Caçula	
Amazonas	Bahia
Caçula	Caçula
Filho mais novo	Filho mais novo
Filho mais moço	Filho mais moço
	<i>Filho derradeiro</i>
	<i>Último</i>

No tocante ao questionamento de número 131 do campo semântico ciclos da vida, foi possível identificar a presença de 05 designações .A partir do registro das respostas dadas a este item , nota-se que a lexia *caçula* foi a

mais produtiva , e aparece no rol das escolhas válidas dos informantes baianos e amazonenses. O Gráfico 14, seguinte, mostra a distribuição quantitativa das denominações estudadas.

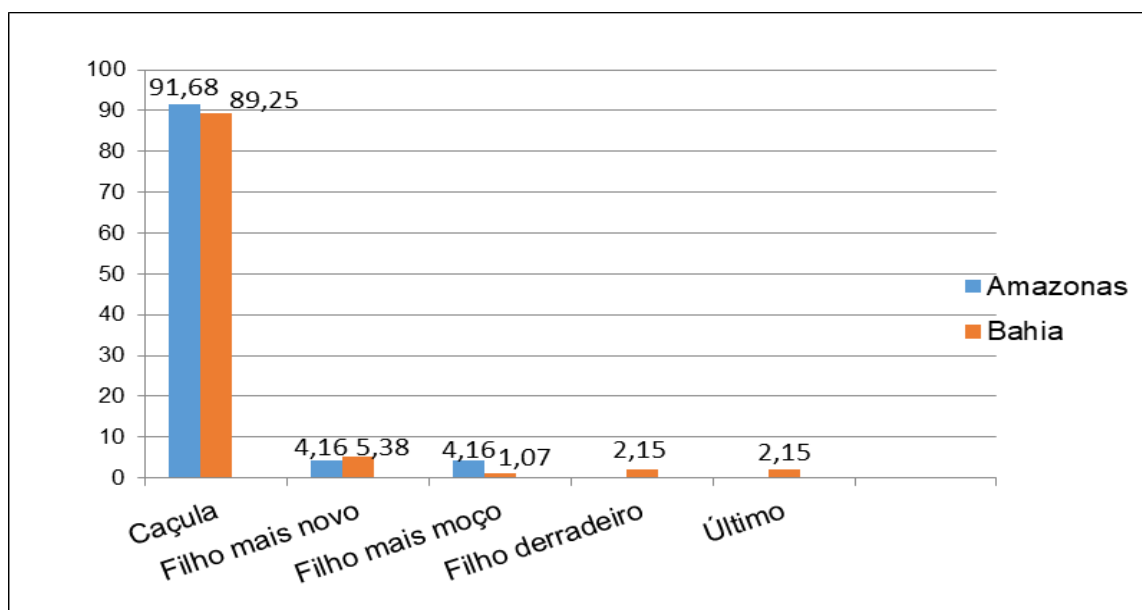
Gráfico 14 – Distribuição quantitativa das designações mais produtivas para “Como se chama o filho que nasceu por último? ”.



Em se tratando da distribuição quantitativa, como verifica-se no gráfico, o índice de realização da palavra caçula foi de 89,74% das respostas em todo o território observado, enquanto a lexia menos produtiva obteve, apenas 1,7%, o que significa duas ocorrências nas 28 localidades analisadas.

Diatopicamente, os dados mais produtivos se apresentam do ponto de vista quantitativo, nos Estados pesquisados, conforme se expõe no Gráfico 15.

Gráfico 15 – Distribuição diatópica das designações para “Como se chama o filho que nasceu por último?”, por Estado.



Na leitura do gráfico, confirma-se que três variantes são realizadas tanto na Bahia quanto no Amazonas: *caçula*, *filho mais novo* e *filho mais moço*. As diferenças quanto ao percentual de ocorrências entre os dois estados é não é muito significativa.

No Quadro 15, a seguir, é possível visualizar a discriminação das ocorrências mais frequentes encontradas no *corpus*.

Na verificação dos dados, elencamos as principais respostas.

Quadro 15 – Distribuição diatópica das designações para “Como se chama o filho que nasceu por último?”, por Estado.

VARIANTE	BAHIA	AMAZONAS	TOTAL	FREQUÊNCIA
Caçula	83	22	105	89,7%
Filho mais novo	05	01	06	5,2%
Filho mais moço	01	01	02	1,7%
Filho derradeiro	02	00	02	1,7%
Último	02	00	02	1,7%

Os referidos dados podem ser examinados espacialmente nos mapas a seguir.

Figura 15 – Denominações para *filho mais moço/caçula* no Amazonas

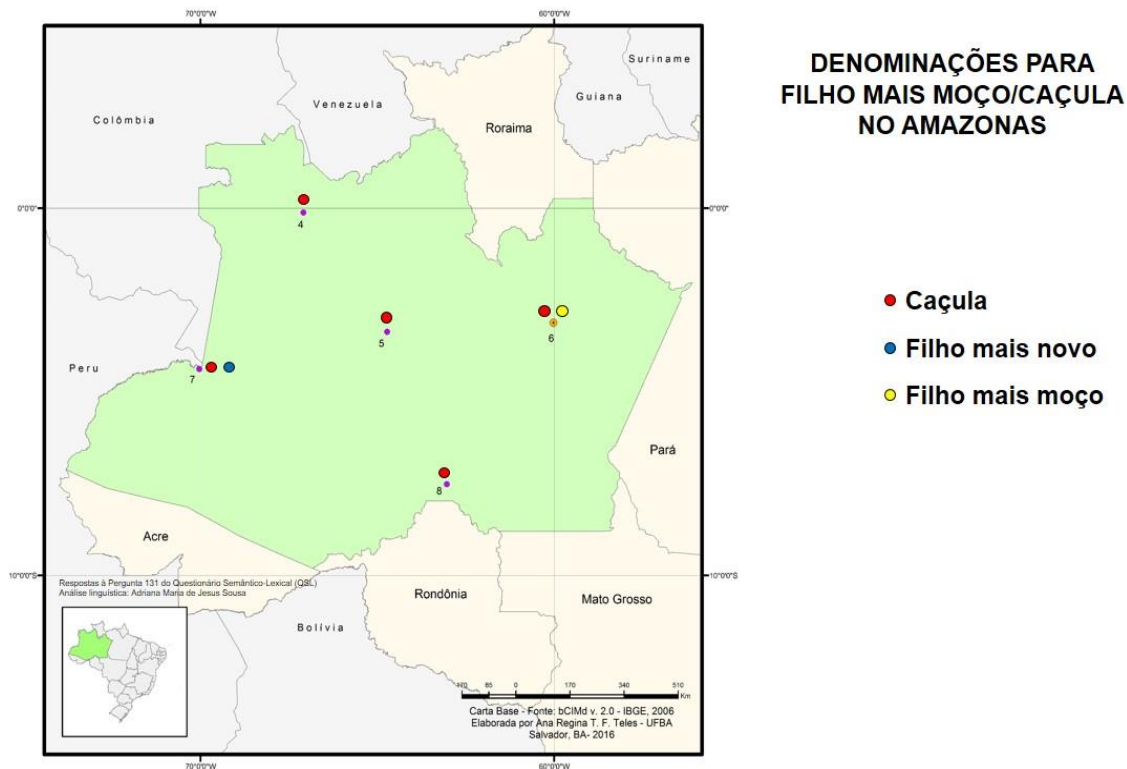
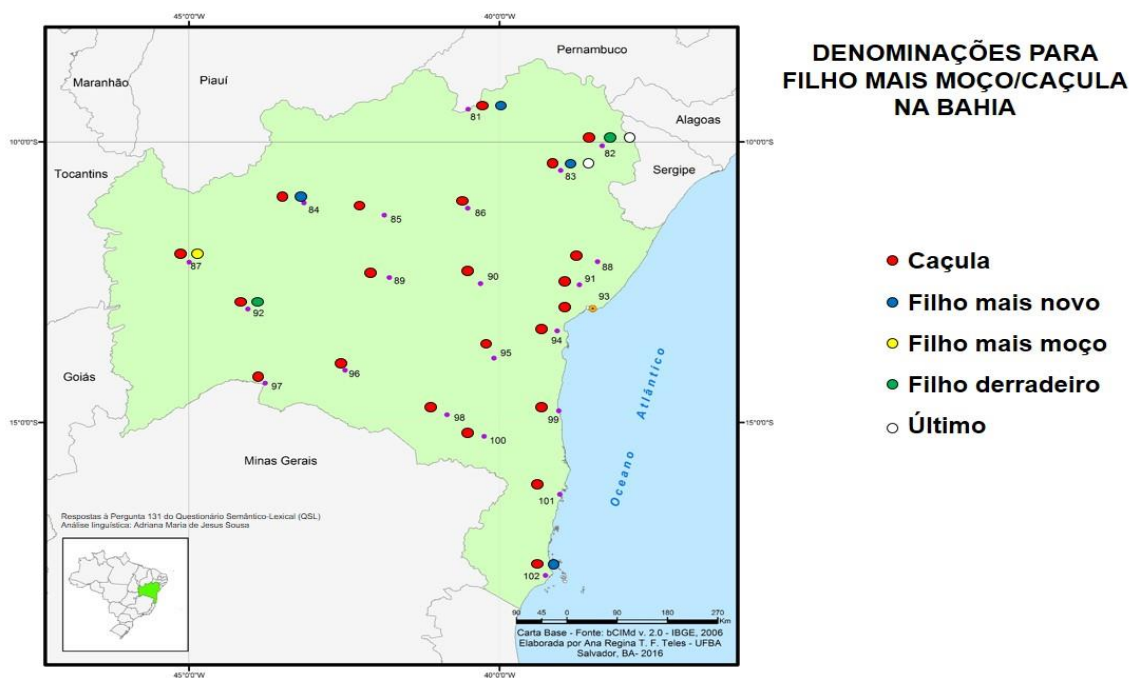


Figura 16– Denominações para *filho mais moço/caçula* na Bahia



A variante *derradeiro* é realizada duas vezes, ambas as ocorrências no interior da Bahia, Jeremoabo e Santana, como é possível perceber no depoimento do falante transcrito:

INQ. - Como se chama o filho que nasceu por último?
 INF. – Mais velho.
 INQ. – Mais velho. E o que nasce por último?
 INF. – *Filho derradeiro*.
 INQ. – A mãe diz: esse é o meu... tem um jeito sempre de chamar
 INF. – Esse aqui é o meu mais velho
 INQ. – E depois, o mais velho, nasce primeiro, e o que nasce por último?
 INF. – É o *derradeiro*.
 (Faixa etária 1, mulher, Santana, fundamental)

Vale documentar a presença de uma ocorrência no interior da Bahia para cada lexia que segue: *contrapeso, indês, ponta de raiz, raspa de caco, raspinho de tacho, resto de parição e resto de tacho*.

Em especial nos chamou a atenção a utilização da forma *indês* com um registro em Jeremoabo, situada no nordeste da Bahia, conforme se mostra:

INQ. - *Como se chama o filho que nasceu por último?*
 INF- O caçula.
 INQ- Tem outros nomes aqui?
 INF -Raspa do caco, derradeiro, resto de parição . É o *indês*, é o último. Essas coisas assim... Ficam botando nomes pro bichinho!
 (Jeremoabo, homem, faixa etária 2, fundamental)

A palavra remete ao ovo de *indês*, ovo deixado no ninho para a galinha continuar botando. É o último ovo. *Indês* significa não só o ovo que se coloca como modelo para a galinha por mais ovos naquele ninho, mas o caçula de uma família. No sul do Brasil, é muito comum o uso desta variante no sentido de *o filho que nasceu por último*.

6 REGISTRO LEXICOGRÁFICO DOS ITENS MAIS PRODUTIVOS

Neste capítulo, analisamos o conjunto de lexias documentadas nos dois Estados, tanto no interior como nas capitais, a fim de verificar o registro, ou não, dessas formas nos dicionários gerais da língua portuguesa e da maneira como aparecem nessas obras.

Para tal realizamos a busca em quatro dicionários: Ferreira (1999), Aulete (2006), Michaelis (2009) e Xatara (2013).

O resultado da pesquisa das variantes mais recorrentes pode ser visualizadas no quadro que segue. Para a leitura deste deve-se considerar: D (dicionarizado), DOS (dicionarizado com outro significado) e ND (não dicionarizado).

6.1 QSL 124

Quadro 16 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 124

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaelis (2009)</i>	<i>Aulete (2006)</i>	<i>Ferreira (1999)</i>	<i>Xatara (2013)</i>
<i>Ganhar neném</i>	ND	ND	ND	ND
<i>Parir</i>	D	D	D	ND
<i>Dar à luz</i>	D	D	D	D
<i>Ter criança</i>	ND	ND	ND	ND
<i>Descansar</i>	DOS	DOS	DOS	ND

Observamos que as combinações lexicais *ganhar neném* e *ter criança* não foram dicionarizadas e que *descansar* se encontra dicionarizado com outro significado.

O item lexical *dar à luz* é o único dessa questão registrado no *Dicionário de fraseologismos*, de Xatara (2013). Refere-se ao entrar em contato com a luz, fora do ventre da mãe.

6.2 QSL 125

Quadro 17 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 125

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
Gêmeos	D	D	D	ND
Mabaça	D	D	ND	ND

Acerca de *gêmeos* diz-se, nos dicionários pesquisados, de ou cada um dos filhos nascidos do mesmo parto.

Mabaça é de origem africana, do quimbundo mabasa (MICHAELLIS, 2009), termo com que se designa o orixá duplo Ibêji.

6.3 QSL 126

Quadro 18 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 126

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
Aborto	D	D	D	ND
Perda	D	D	D	ND

O vocábulo *aborto* está registrados nos três dicionários, com exceção de Xatara, visto que esse último trabalha apenas com as unidades fraseológicas.

A denominação *perda* aparece em Aulete (2006) como *Total destruição (perda de vidas) Fim da vida, falecimento*. Já em Michaellis (2009) está com acepção de *ausência de alguém com quem se convivia, por falecimento*: “Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza

parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade.

6.4 QSL 127

Quadro 19 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 127

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
Abortou	D	D	D	ND
Perdeu a criança	ND	ND	ND	ND
Perdeu o filho	ND	ND	ND	ND
Perdeu o neném	ND	ND	ND	ND

Abortou se encontra dicionarizado nos três primeiros três lexicógrafos com acepção aproximada:

- “Interromper o sucesso ou a continuação de algo. Expulsar, espontânea ou voluntariamente, um feto ou embrião, antes do tempo e sem condições de vitalidade” (FERREIRA, 1999);
- “Provocar a interrupção da gestação e, conseqüentemente, a morte do feto: A moça não ouviu os conselhos de ninguém e abortou” (MICHAELLIS, 2009);
- “1. Interromper a gravidez, propositalmente ou não, causando a morte do feto. [td. : *A mulher infelizmente abortou a criança.*] [int. : *Ela infelizmente abortou.*]” (AULETE, 2006).

As expressões *perdeu a criança*, *perdeu o bebê*, *perdeu o filho* e *perdeu o neném* não estão documentadas nos dicionários tal qual encontramos nas respostas dos informantes, por esse motivo buscamos o significado também pela entrada única do verbo perder: “Deixar de ter alguma coisa útil, proveitosa ou necessária, que se possuía, por culpa ou descuido do possuidor, ou por contingência ou desgraça” (FERREIRA, 1999).

6.5 QSL 128

Quadro 20 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 128

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
Mãe de leite	ND	ND	ND	ND
Ama de leite	ND	D	ND	ND

Nesse item, o único registro dicionarizado é *ama de leite*, encontrado apenas em Aulete (2006), como babá que amamenta.

6.6 QSL 129

Quadro 21 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 129

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
Irmão de Leite	D	D	D	D
Irmão de consideração	ND	ND	ND	ND

No tocante à questão 129, procurou-se documentar as duas lexias mais significativas, neste caso *irmão de leite* e *irmão de consideração*. A primeira encontra-se dicionarizada em todas as obras consultadas. Aulete (2006) diz a respeito dessa unidade lexical: “sm.1. Relação de irmandade que resulta do fato de uma criança ser amamentada por uma mulher que tem um ou mais

filhos, dos quais a criança se torna irmão não consanguíneo; IRMÃOS COLAÇOS”.

Irmão de leite está presente em Xatara (2013) com a seguinte acepção:

criança alimentada pelo leite da mesma mãe sem ser seu irmão legítimo [mel.; referente à amamentação]. Adivinhando um dia que Linda gostava do moço, em vez de zelos sentiu contentamento de ver querido seu **irmão de leite** e companheiro de infância.

As obras lexicográficas consultadas não apresentam uma definição para *irmão de consideração*.

6.7 QSL 130

Quadro 22 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 130

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis</i> (2009)	<i>Aulete</i> (2006)	<i>Ferreira</i> (1999)	<i>Xatara (2013)</i>
<i>Adotivo</i>	D	D	D	ND
<i>Adotado(a)</i>	D	D	D	ND
<i>Filho de criação</i>	ND	ND	D	ND
<i>Filho adotivo</i>	ND	ND	D	ND

A respeito de *adotivo* Aulete (2006) diz: “Ref. a adoção (processo adotivo); que foi adotado (filho adotivo); que adotou (mãe adotiva). O termo tem registro nos três dicionários analisados e todos trazem o mesmo sentido”.

Adotado, também, indica a mesma acepção em Ferreira (1999), Aulete (2006 e ,Michaellis (2009) diferente de *filho de criação* e *filho adotivo* que só estão documentados em Ferreira (1999).

6.8 QSL 131

Quadro 23 – Resultado da consulta aos dicionários gerais de língua portuguesa, para as lexias obtidas a propósito do QSL 131

<i>Denominações</i>	Dicionários Consultados			
	<i>Michaellis (2009)</i>	<i>Aulete (2006)</i>	<i>Ferreira (1999)</i>	<i>Xatara (2013)</i>
Caçula	D	D	ND	ND
Filho mais novo	ND	ND	ND	ND
Filho mais moço	ND	ND	ND	ND

Quanto à questão 131, pode-se visualizar no Quadro 16 que somente *caçula* está documentada nas obras referenciadas, Aulete (2006) e Michaellis (2009), ambas com a acepção da mesma natureza. As combinações lexicais *filho mais novo* e *filho mais moço* não estão dicionarizadas.

A unidade lexical *caçula* é definida por Ferreira (1999) como “Filha ou filho mais novo; o filho que nasceu por último”. Já Michaellis (2009) traz junto com o significado a etimologia: “o filho ou o irmão mais novo; caçulo: “Eu era o caçula dos três primeiros filhos da série de sete do Seu Geraldo e Dona Zizinha” (Z1). Etimologia: quimb kasule. Aulete (2006) Diz-se do filho mais jovem”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, à luz dos pressupostos teóricos metodológicos da Dialetologia, investigamos as denominações relativas ao nascimento na Bahia e no Amazonas. Analisamos, ao todo, 928 ocorrências extraídas do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, mais especificamente, do Questionário Semântico-Lexical, da área semântica ciclos da vida.

Com a pesquisa feita, objetivou-se identificar o léxico referente à área semântica selecionada, nos Estados escolhidos, por meio da análise às respostas apuradas pelos pesquisadores do Projeto ALiB para as perguntas 124 a 131 do QSL, nos inquéritos linguísticos realizados com o propósito de identificar os dados lexicais que integraram o *corpus* de pesquisa do pontos de vista diatópico.

As perguntas que motivaram este estudo foram as seguintes:

- Embora a Bahia e o Amazonas possuam histórias sociais diferentes, as escolhas lexicais entre os falantes de ambas as localidades apresentam um alto nível de convergência?
- É possível falar em influências de indígenas na região amazônica, haja vista existir diversos grupos indígenas nessa localidade?
- Pode-se afirmar que as escolhas lexicais realizadas pelos informantes da Bahia são influenciadas pela língua africana, porquanto há um grande número de afrodescendentes habitando nas localidades baianas?

Partimos do levantamento exaustivo de todas as respostas registradas para as oito perguntas do Questionário Semântico-Lexical do projeto Atlas Linguístico do Brasil, campo semântico ciclos da vida, as quais são apresentadas na sequência em que ocorrem no questionário e com a formulação prevista para cada pergunta. Logo, após a tabulação dos dados, traçamos o quadro comparativo entre os dois Estados, para a elaboração de gráficos e cartas linguísticas. Outro procedimento utilizado fora a consulta às obras lexicográficas.

O conjunto dos dados inventariados totalizou 49 designações para os referentes pesquisados.

No tocante à questão 124, os dados mostram, de forma explícita, uma maior produtividade da Bahia, em relação ao Amazonas, na seleção de formas a identificar o ato de parir. A pesquisa resultou em 139 ocorrências.

Em se tratando da pergunta *Como se chamam duas crianças que nasceram no mesmo parto?*, foram obtidas 145 ocorrências para o conceito buscado. Nesse levantamento, a variante que apresenta traço de cunho espacial para a questão 125 é *mabaça*, registrada somente no território baiano.

No que se refere ao QSL 126, alcançaram-se como resultado 94 respostas válidas, com registro de duas lexias, *aborto* e *perda* (com sua variante *perca*). Documentamos *perda* somente no interior da Bahia. Nesse caso, então, temos uma variante com marca diatópica.

A respeito do quesito que aborda o seguinte questionamento: *Quando a mulher fica grávida e, por algum motivo, não chega a ter a criança, se diz que ela _____?*, foram geradas 66 realizações coerentes. Das cinco unidades lexicais apresentadas como resposta, três delas ocorrem ,apenas, na Bahia (*teve um aborto; fez um aborto e teve um mofi*).

Já a questão 128, gerou como resultado oito unidades lexicais em um quadro de 99 ocorrências, dentre as quais *mãe de leite* foi a mais produtiva. Nesse item, não percebemos divergências de caráter diatópico, haja vista as variantes apresentarem registro tanto na Bahia quanto no Amazonas.

No que tange ao item 129 do questionário semântico lexical, constatou-se que a unidade lexical formada por *irmão + preposição ou locução prepositiva + leite* foi a mais produtiva, tendo atingido o percentual de 73,9% das 113 ocorrências.

Verificou-se que filho adotivo, resposta esperada para a pergunta de número 130 do QSL, de fato foi a mais recorrente, tanto na Bahia quanto no Amazonas.

Por fim, constatamos na questão 131 que a lexia *caçula*, com a representação de 89,7% das escolhas dos informantes, tem sua realização em todo o território estudado, ou seja, nas 28 localidades em análise.

Vale considerar que, na análise de dados da pesquisa realizada, percebeu-se uma expressiva ocorrência de unidades fraseológicas fornecidas como designação aos referentes contemplados pelas perguntas selecionadas,

como demonstraram, por exemplo, as formas *dar à luz*, *ganhar menino*, *ter neném*, *filho de criação* e *irmão de leite*.

Procurou-se demonstrar que o ALiB traz possibilidades de palavras de origem africana e indígenas para designar os referentes do campo semântico dos ciclos da vida. A consulta aos dicionários, por sua vez, deixou claro que a maioria dos lexicógrafos, como Ferreira (1999), diante da dificuldade de encontrar a etimologia dessas palavras, prefere considerá-las de etimologia obscura. Para a consulta sobre a etimologia das palavras de base africana foi necessário buscar a obra de Castro (2001).

Ao iniciarmos este estudo imaginávamos encontrar africanismos no léxico documentado na Bahia, por razão dos diversos povos africanos que coabitaram com os portugueses e indígenas por alguns séculos, durante o comércio transatlântico de escravos negros, e por conta da enorme população afrodescendente oriunda desse processo de escravidão. Considerávamos, também, a probabilidade de encontrar muitos indigenismos em ambos os Estados, pela forte presença do índio na formação da população brasileira. No entanto, no tocante à etimologia das variantes registradas nessa área semântica considerada, constatamos duas variantes desse perfil, com registro de africanismos e indigenismos, pelo menos nesse extrato do *corpus* do ALiB.

A variação diatópica registrada na Bahia e no Amazonas, no que diz respeito às diferenças registradas no léxico analisado e referente a esses Estados, não sugere resultar de implicações históricas ou relacionadas ao tipo de povoamento, na maioria das ocorrências. Embora a história registre a grande presença de línguas africanas na Bahia por séculos, durante o período da escravidão negra no Brasil, bem como, a presença de línguas indígenas tanto na Bahia quanto no Amazonas, registramos a presença de africanismos ou indigenismos no léxico considerado nesta dissertação somente para a questão 125 (*mabaça*) e 131 (*caçula*), ou seja, documentamos, somente, duas unidades lexicais dessas origens.

Considerando as questões iniciais, o léxico documentado na Bahia e Amazonas oferece características particulares que delimitam áreas e pode refletir a natureza da constituição histórica de cada um desses Estados. Verificamos que, no plano da análise diatópica, podemos destacar como resultado mais relevante o fato de a distribuição das variantes terem um caráter

mais homogêneo do que heterogêneo, considerando os dados de Salvador e Manaus bem como de todas as cidades do interior dos dois Estados.

Em face do exposto, acredita-se que a pesquisa empreendida conseguiu alcançar os objetivos a que se propôs.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. *A Lexicologia e a Teoria dos Campos Lexicais*. Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia. Rio de Janeiro: CiFEFiL: Cadernos do CNLF, 2011, p. 1332.
- ABBADE, Celina Márcia de Souza. Lexicologia Social: a lexemática e a teoria dos campos lexicais. In: ISQUERDO, Aparecida Nebri; SEABRA, Maria Cândida. (Org.). *As ciências do Léxico* – v. 6. 1 ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012, p. 141-161.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüísticos do Cone Sul: A Caminhada do Atlas Lingüístico Do Brasil*. *Revista Letras*, n.56, jul.dez-2001, p.45-64.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná: apresentação*. Londrina: Editora UEL, 1996.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994.
- ALTINO, Fabiane Cristina. *Atlas Lingüístico do Paraná – II*. 2007. 223p. Tese. Universidade Estadual de Londrina (UEL). Londrina: UEL, 2007.
- AMARAL, Amadeu. *O Dialeto Caipira*. São Paulo, ed. Anhembi limitada, 1955
- AMAZONAS. Disponível em <https://noamazonaseassim.com.br/a-historia-do-amazonas/>. Acesso em 27/04/18
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Os estudos geolingüísticos no Brasil: dos atlas regionais ao ALiB*. In: Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil. Salvador: Quarteto, 2006.
- ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleuza. *Atlas Lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- AULETE, Francisco J.; VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete Digital: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lexikon Editora Digital, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em: 04 ago. 2017.
- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. 8.ed. São Paulo: Ática, 2007.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. *Tabus lingüísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geolingüísticos*. 2012. 244p. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O Atlas Lingüístico do Brasil: uma visão crítica dos caminhos seguidos e perseguidos*. Comunicação apresentada no II

Congresso Internacional de Linguística Histórica, Universidade de São Paulo, São Paulo, fev. 2012.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Geolinguística – Tradição e Modernidade*. São Paulo: Parábola, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *O Projeto ALiB e sua trajetória*. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 27-65.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas Lingüístico de Sergipe II*. Salvador: EDUFBA, 2005.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista do GELNE, v. 4, n.1. 2002.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. A dialectologia no Brasil: perspectivas. *D.E.L.T.A.: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 15, n. especial, 1999, p. 233-255.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA, Jacyra Andrade. Percursos da Geolinguística no Brasil. *Linguística*, v.29, n.1, jun.2013, p.115-142.

CASTRO, Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afrobrasileiro*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora. 2001.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: questionário 2001*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2001.

COSERIU, Eugenio. *Lições de Lingüística Geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3 ed. Totalmente revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota et al. *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

IBGE. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=P6&uf=00>>. Acesso em 27 de abril de 2018.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, Jérri Roberto; VASCONCELOS, Cláudio Alves de. (Org.). *História, Região e Identidade*. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. 2.ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2012.

- KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo. *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil*. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Ed. UFRGS/Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002.
- MARQUES, E. A. Las unidades fraseológicas desde la perspectiva cognitiva. Estado de la cuestión. In: REY, Isabel González. (Org.). *Les expressions figées en didactique des langues étrangères*. 1.ed.Fernelmont: Éditions Modulaires Européennes, 2007.
- MATTA, Alfredo. BOAVENTURA, Edivaldo M. *História da Bahia*. Salvador: Eduneb, 2013.
- MEJRI, S. *Le figement lexical: descriptions linguistiques et structuration sémantique*. Manouba: Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.
- MICHAELIS*: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2009 (Dicionários Michaelis).
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Fraseologia: uma mão na roda na produção do sentido. *Synergies Tunisie*, Paris, n. 3, p. 161-168, 2011.
- MOTA, Jacyra Andrade. Áreas dialetais brasileiras. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.
- MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Para uma nova divisão dos estudos dialetais brasileiros. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (Org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006.
- OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires. ISQUERDO, Aparecida Negri. (Org.). *As Ciências do Léxico – Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*. 2. ed. Campo Grande: UFMS, 2001.
- OLIVEIRA, Eloísa Elena Barbara ; AGUILERA, Vanderci de Andrade . Africanismos, Geolingüística e Lexicografia: um estudo de convergências e divergências. *Revista Afroatitudianas (Revista de disseminação de artigos de alunos produzida pelo projeto UEL Afroatitude., Site da UEL, , v. 2, p. 1 - 18, 20 nov. 2007.*
- OLIVEIRA, Genivaldo da Conceição. O Léxico Nosso de Cada Dia em Duas Capitais do Brasil - Salvador e Curitiba. In: MELO Sílvia Mara; ARAÚJO, Marcelo Marques. (Org.). *O Léxico Nosso de Cada Dia em Duas Capitais do Brasil - Salvador e Curitiba*. 1ed. Jundiá: Paco Editorial, 2014, v. 1, p. 40-83.
- PAIM, Marcela Moura Torres. O sutiã na Bahia: um estudo em dois tempos diferentes. *Signum. Estudos de Linguagem*. Londrina: UEL. v. 15, p. 267-280, 2012.
- RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos Caminos de la geolingüística románica: un balance. In: NEUE WEGE DER ROMANISCHEN

GEOLINGUISTIK, 1991, Heidelberg, *Akten...* Kiel: Westensee-Verl, 1998. p. 25-112.

RIBEIRO, José ; ZÁGARI, Mário Roberto; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa / Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas Prévio dos Falares Baianos*. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

SÁ, Edmilson José de. *Atlas Lingüístico de Pernambuco*, 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa: UFPB, 2013.

SIQUEIRA, Ariela S. do Nascimento; MAGALHÃES, Mayara L. Paiva; GONÇALVES, Sandra Maria Godinho. Dialetoлогия e Geolinguística: Uma análise comparativa do léxico do Atlas do Amazonas e do Atlas da Região Sul do Brasil. *Revista Intercâmbio*, v. XXVIII: 46-70, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. EDUFBA. 11ª edição ,2008.

THUN, Harald. A Dialetoлогия pluridimensional no Rio da Prata. In: STAHLZIWS, Ana Maria. *Estudos de Variação Linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 2005, p.63-92.

THUN, Harald. La géographie linguistique romane à la fin du XXe. siècle. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 22. 1998, Bruxelas. *Actes...*, v. 3. Vivaciaté et diversité de la variation linguistique. Tübingen: Niemeyer, 2000a. p. 367-388.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. 2017. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/175234>>. Acesso em 20/04/18.

TRISTÁ, A. M. *Fraseologia y Contexto*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales. 1988

XATARA, C. *Dicionário de expressões idiomáticas: português do Brasil e de Portugal - francês da França, da Bélgica e do Canadá*. 2013. Disponível em: <<http://www.deipf.ibilce.unesp.br/pt/index.php>>. Acesso em: 16 de maio de 2018.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A Geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Editora UEL, 2005. p. 45-72.